



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ADRIANA VILAR DOS SANTOS

EDUCAÇÃO, DOCÊNCIA E MEMÓRIAS DA PROFESSORA MARIA BRONZEADO  
MACHADO (1940-1986)

JOÃO PESSOA/PB  
2016

ADRIANA VILAR DOS SANTOS

Educação, docência e memórias da professora Maria Bronzeado Machado (1940-1986)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Stricto Sensu), do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>ta</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia da Silva Nunes

JOÃO PESSOA/PB  
2016

S237e Santos, Adriana Vilar dos.  
Educação, docência e memórias da professora Maria  
Bronzeado Machado (1940-1986) / Adriana Vilar dos Santos.-  
João Pessoa, 2016.  
107f. : il.  
Orientadora: Maria Lúcia da Silva Nunes  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE  
1. Machado, Maria Bronzeado. 2. Educação. 3. Escrita.  
4. Mulher. 5. Memória.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

ADRIANA VILAR DOS SANTOS

Educação, docência e memórias da professora Maria Bronzeado Machado (1940-1986)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Stricto Sensu), na linha História da Educação, do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

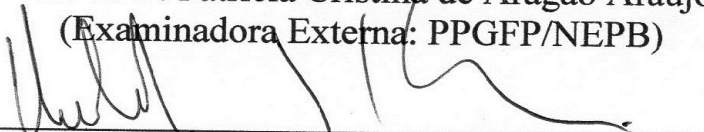
BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia da Silva Nunes  
(Orientadora: PPGE/UFPB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
(Examinadora Externa: PPGFP/NEPB)

  
Prof.Dr. Charliton José dos Santos Machado  
(Examinador Interno: PPGE/ UFPB)

Aprovado em:

## AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo que se encerra, outro iniciará. Deus esteve (estará) no meu coração e mente durante todo o tempo.

A minha querida professora e orientadora Maria Lúcia da Silva Nunes, meus sinceros agradecimentos, por todos os momentos presentes em minha vida, todos foram de grande aprendizado, tanto na vida pessoal quanto acadêmica. Tirei proveito de todos. A minha admiração é pelo exemplo de ser MULHER, mãe e profissional que és. Dedicada, amorosa, batalhadora, inteligente, íntegra e muito mais, sua energia me transmite paz e confiança. Sou eternamente grata por ter confiado e dado a oportunidade e o privilégio de ser sua orientanda, por não desistir de mim quando eu ainda não estava apta a compreender a vida acadêmica e, com carinho me auxiliar, com paciência e sabedoria, mostrou que os caminhos árduos do mestrado e da vida podem ser trilhados com persistência e firmeza. Obrigada!

A meu esposo amado Adriano Santos, pelo amor, carinho e paciência. Sem o seu apoio não teria conseguido realizar esse sonho. Obrigada por tudo, te amo!

A meu irmão André pelo nosso amor incondicional, demonstrado sempre que nos encontramos.

Agradeço a minhas amigas, Mary, Patrícia e Silvine, pela nossa amizade verdadeira, que nem o tempo e a distância nos fazem esquecer, aliás, fortaleceu mais ainda. Obrigada meninas, pelo apoio, energias positivas, confiança e carinho que temos entre nós.

A minha amiga Raquel Duarte, pela nossa amizade, pelo carinho e o apoio sempre. Amo.

Ao professor Charliton Machado, pelas suas contribuições essenciais no meu desenvolvimento na pesquisa, presente desde minha inserção no Grupo de Estudo.

A professora Patrícia Cristina de Aragão Araújo, por aceitar participar desse momento de construção do saber, e pelas contribuições desde a qualificação.

Aos colegas e professores da Turma 34, pelo conhecimento compartilhado e pelo clima acolhedor que envolveu todos nós.

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte desta vitória. Cada um que esteve do meu lado nestes dois últimos anos e, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu alcançasse este objetivo.

Dedico este trabalho a minha amada e inestimável vó Bernarda (Berna), pela educação e princípios ensinados; por ter dedicado uma parte de sua vida a minha e me formado uma mulher de caráter e seguidora dos princípios do bem. Obrigada vó, eu te amo! Pelo seu exemplo tornei-me a pessoa que sou hoje. E a minha querida Mãe Águida (*in memoriam*) por ter me dado a vida, um bem precioso. Te amo mãe!

VILAR, Adriana Marcineiro. Educação, docência e memórias da professora Maria Bronzeado Machado (1940-1986). Dissertação de Mestrado em Educação/ UFPB. p. 102, 2016.

## RESUMO

Reconhecer a importância da mulher no desenvolvimento das sociedades talvez seja a ideia que melhor expresse a necessidade da introdução e de sua inclusão como sujeito a ser investigado enquanto agente da história. Nessa perspectiva, o presente estudo busca identificar a concepção de educação e docência da professora e poeta Maria Bronzeado Machado, no período de 1940 a 1986. Como aporte metodológico, utilizamos o método biográfico tomando como fontes textos encontrados no Jornal A União, no livro *Flôres do Caminho*, de sua própria autoria, bem como nos relatos de seus ex-alunos encontrados nas redes sociais como *Orkut* e *Facebook*. Este estudo está assentado nas contribuições da Nova História Cultural que permitiram uma ampliação das abordagens e dos métodos utilizados para as pesquisas envolvendo as mulheres. Dentro da perspectiva de representação, Roger Chartier desenvolve noções e conceitos úteis para guiar esta investigação. Referente à história das mulheres, a discussão dos referenciais teórico-metodológicos está ancorada em autores como Perrot (2008), Del Priore (2004), Louro (2012), Almeida (1997), Lima (2007), Pinsk (2014) e Rago (1991). Ainda autores que expressam ideias referentes às categorias que orientam o trabalho: biografia e memória. As fontes estão divididas em dois suportes: impressas, que englobam as notícias relacionada à professora e poeta, discurso e poemas ambos publicados no Jornal A União, o Livro *Flôres do Caminho* do qual foram analisados textos alusivos à educação, família, formação e gestão e documentos referentes ao IPEP pesquisados no Arquivo da Inspeção Técnica de Ensino do estado da Paraíba (Setor de Escolas Extintas –STE); fontes digitais, de onde foram selecionados textos produzidos por seus ex-alunos, relatos sobre a professora e poeta Maria Bronzeado Machado e diversas práticas desenvolvidas na escola que abrangem: currículo, gênero, religião, práticas docentes, professores/as, sociabilidades etc. A soma dessas fontes concorreram para entender a trajetória e atuação da professora referenciada no âmbito educacional do período pesquisado. Seus escritos revelam sua paixão pelo magistério, sua concepção de educação nacionalista, maternal e religiosa. Acredita-se que analisar as memórias da professora e poeta Maria Bronzeado Machado converge para compreender não apenas o sentido de suas práticas e concepções educativas, mas também para contribuir e revelar aspectos da história da educação e da mulher paraibana.

Palavras Chave: Maria Bronzeado Machado. Mulher. Educação. Escrita. Memória

VILAR, Adriana Marcineiro. Education, teaching and memories of teacher Maria Bronzeado Machado (1940-1986). Master's thesis on Education/ UFPB. p. 102, 2016

## ABSTRACT

To recognize the importance of the woman on the development of society, perhaps it is the idea that better expresses the need to introduce and to include as a subject to be studied, while an agent in history. Under this perspective, the current study longs to identify Teacher and Poet Maria Bronzeado Machado, concept of education and teaching, between 1940 and 1986. As a methodological contribution, we used the biographical method, having as sources texts found on "A União" newspaper, on the book "Flôres do Caminho", of her own authorship, as well as accounts from former students found on social networks such as Orkut and Facebook. This study is based on contributions from Nova História Cultural which allowed an extension of approaches and methods used for research involving women. Within the perspective of representation, Roger Chartier develops useful notions and concepts to guide this investigation. Referring to the history of women, the discussion about methodological-theoretical references is anchored on authors such as Perrot (2008), Del Priore (2004), Louro (2012), Almeida (1997), Lima (2007), Pinsk (2014) and Rago (1991). Still authors who express ideas referred to the categories that orient the work: Biography and memory. The sources are divided into two supports: printed, which encompass news related to the teacher and poet, discourse and poems, both published by "A União" newspaper, the book Flôres do Caminho, from which, allusive texts to education, family, formation and management were analyzed, and documents related to IPEP, researched at the archives of the Paraíba State Technical Teaching Office (Extinct School Department - ESD); digital sources from where were selected texts produced by her former students, accounts about the Teacher and Poet Maria Bronzeado Machado and various practices developed at school that comprise: Curriculum, gender, religion, teaching practices, teachers, sociability, etc. The sum of these sources were necessary to understand the trajectory and performance of the teacher used as reference in the educational environment for the studied period. Her writings reveal her passion for the magistrate, her nationalist, maternal and religious educational concept. It's a belief that to analyze the memories of Teacher and Poet Maria Bronzeado Machado converge for the comprehension not only in the sense of her educational concepts and practices but also to contribute and reveal historical aspects of the education and the woman from Paraíba.

Key words: Maria Bronzeado Machado. Woman. Education. Written. Memory

## LISTA DE IMAGEM

Imagem 1: Capa do Livro Flôres Do Caminho .....	19
Imagem 2: Maria Bronzeado E Ao Fundo A Escolinha Construída Pelo Pai. ....	20
Imagem 3: Casa da família Bronzeado situada na Fazenda Serrinha.....	35
Imagem 4: Família Bronzeado . ....	36
Imagem 5: “Escola Rudimentar Rural Mista de Serrinha” construída na década de 1940.....	40
Imagem 6: Fachada da E.E.E.I.F.M. Profª Maria Bronzeado Machado.....	45
Imagem 7: Comemoração do dia do professor.....	53
Imagem 8: Banda do IPEP, com fardamento novo de agasalho.....	55
Imagem 9: Desfile da banda marcial do IPEP.....	57
Imagem 10: Caderneta utilizada pelos alunos do IPEP.....	60
Imagem 11: Abertura dos XVI jogos internos na quadra do IPEP.....	61
Imagem 12: A banda IPEP quando campeã Cabo Branco em1976. ....	62
Imagem 13: Desfile da banda na Av. Getúlio Vargas na década de 1980. ....	64
Imagem 14: Diário de classe do ano 2000 do IPEP .....	71
Imagem 15: Diário de classe do ano 2002 do IPEP. ....	71
Imagem 16: Maria Bronzeado Machado na fazenda Serrinha. ....	75
Imagem 17: livro Porque me ufano do meu país do autor Conde Afonso Celso .....	85

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I- PERCORRENDO CAMINHOS NA PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
1.1 BUSCA DE FONTES E SABERES .....	13
1.2 NOVA HISTÓRIA CULTURAL: PERSPECTIVAS PARA O NOVO FAZER HISTORIOGRÁFICO .....	22
1.3 NOVAS ABORDAGENS NO CAMPO CIENTÍFICO: BIOGRAFIA E MEMÓRIA, CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA MULHER.....	25
1.4 HISTÓRIAS DAS MULHERES: DO SILÊNCIO AO RECONHECIMENTO.....	300
<b>CAPÍTULO II- MARIA BRONZEADO MACHADO: EDUCADORA E POETA .....</b>	<b>34</b>
2.1 RETALHOS BIOGRÁFICOS DE UMA EDUCADORA E POETA .....	35
2.2 FLÔRES DO CAMINHO: A INSERÇÃO DA PROFESSORA MARIA BRONZEADO MACHADO NO MAGISTÉRIO .....	38
2.3 INSTITUTO PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA - IPEP: APONTAMENTOS PARA A FORMAÇÃO NACIONALISTA.....	46
<b>CAPÍTULO III- CONCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA NAS MEMÓRIAS DA EDUCADORA MARIA BRONZEADO MACHADO .....</b>	<b>73</b>
3.1 A PROFESSORA E POETA NA IMPRENSA .....	74
3.2 ENSINO RELIGIOSO: “FREIO QUE DETÉM A HUMANIDADE PARA O ABISMO” .....	80
3.3 EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA: “ENTUSIASMO” E “AMOR À PÁTRIA”. .....	85
3.4 O MAGISTÉRIO: “VOCAÇÃO E PREDESTINAÇÃO”.....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>106</b>



ADRIANA VILAR DOS SANTOS

*Ensinar é uma das mais belas e dignificantes missões que Deus confiou a um ser humano. Nada mais elevado e nobre do que passar a vida acendendo luzes na escuridão de cérebros vazios, depositando em cada coração a semente do bem e do saber.*

*Maria Bronzeado Machado*

João Pessoa  
2016

# CAPÍTULO I

## PERCORRENDO CAMINHOS NA PESQUISA

## 1.1 BUSCA DE FONTES E SABERES

*Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?*

*Michelle Perrot*

O caminho percorrido pelas mulheres em busca de oportunidades, reconhecimento e igualdade foi árduo e lento. No Brasil, por muito tempo, em sua maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos, circunscrita aos espaços privados, sem acesso a bens como a educação. Insatisfeitas, as mais ousadas buscavam romper com a situação de passividade a que estavam confinadas, levantando a voz para exigir direito numa postura contrária à defendida e imposta pelo ideal do patriarcado, segundo o qual a condição feminina restringia-se a ser mãe e esposa.

A principal reivindicação era o acesso à educação, o direito básico de aprender a ler, a escrever e de frequentar a escola (até então reservado ao sexo masculino). Duarte destaca que: “A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado” (2003, p.153).

Assim, mulheres que tiveram uma educação diferenciada ampliaram os benefícios do conhecimento para que muitas outras abrissem escolas, publicassem livros, mesmo enfrentando ideias correntes que dizia que a mulher não necessitava saber ler e escrever, nem tão pouco reivindicar seus direitos e adentrar no mercado de trabalho para ter uma profissão.

Com a implantação da Escola Normal<sup>1</sup>, no Brasil houve transformações no rumo do ensino primário, abrindo portas para as mulheres terem maior acesso à educação e poderem exercer a profissão docente com as habilidades exigidas. Esse espaço de escolarização para as mulheres significou a possibilidade de ter uma profissão: o magistério, à época, uma das poucas oportunidades ou mesmo a única.

---

<sup>1</sup> A respeito da Escola Normal na Paraíba, ver ARAÚJO (2010), que analisa o processo de formação de professores e em alguns momentos efetivados pelos administradores da instrução pública paraibana.

A educadora Maria Bronzeado Machado, como tantas outras mulheres paraibanas, também recebeu instrução na escola normal e se tornou professora e poeta, escreveu e teve seus escritos publicados em revistas e jornais da época. Se sua história e suas memórias ainda não haviam sido registradas, isto corrobora o fato conhecido que a história, escrita fundamentalmente pelos homens, durante muito tempo optou em excluir as mulheres dos relatos historiográficos.

É com o intuito de trazer elementos para a história das mulheres professoras e da educação paraibana que este trabalho<sup>2</sup>, através do estudo biográfico da professora e poeta Maria Bronzeado Machado, vem discutir questões sobre educação, docência e memória representadas em seus escritos e nas postagens feita por seus ex-alunos nas redes sociais (*orkut* e *facebook*). O objetivo central é identificar sua concepção de educação e docência<sup>3</sup>, através da análise de seus textos encontrados no Jornal “A União” e no livro *Flôres do Caminho* de sua própria autoria, bem como textos publicados na internet por seus ex-alunos.

Confesso que escrever a história das mulheres (ou de uma mulher) não era minha pretensão. Mas a temática despertou meu interesse desde a primeira leitura dos textos a respeito da história das mulheres quando estava cursando o curso de Pedagogia na UFPB. O primeiro contato foi de deslumbre (Ainda é!), maravilhada com os textos que lia, nem imaginava em fazer mestrado e muito menos que o meu objeto/sujeito de estudo seria uma mulher.

Esse contato com a História das Mulheres foi o primeiro passo para minha inserção na pesquisa, participando do projeto “Nomes de escolas: lugar de (não) memórias de mulheres?”, vinculando ao Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”-HISTEDBR-GT/PB, como bolsista PIBIC/CNPq, orientada pela professora D<sup>a</sup> Maria Lúcia da Silva Nunes<sup>4</sup>, o qual tinha dentre vários objetivos, tornar visível a história das mulheres que nomeiam as escolas da rede pública de João Pessoa. As atividades de campo (ida às escolas, arquivos e secretarias), leituras e fichamentos de textos realizados concomitante aos seminários e discussões do HISTEDBR-PB mostraram pouca evidência das mulheres na historiografia. A pesquisa revelou que mulheres que nomeiam as escolas da rede pública de João Pessoa, muitas foram educadoras, poetas, ativistas nos movimentos sociais

---

<sup>2</sup>A primeira versão deste texto já foi publicada em livro e eventos.

<sup>3</sup>Não tem um capítulo específico, mas durante todo o texto procuro explicitar a concepção de educação e docência da professora pesquisada.

<sup>4</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Pesquisadora do Programa de Pós- Graduação em Educação-PPGE-PB da Universidade Federal da Paraíba.

etc., mulheres que discutiam e escreviam sobre seus direitos, moda, novos hábitos urbanos, relação homem/mulher, política, educação, poesia, entre outros temas. Foram elas que deram os primeiros passos para as conquistas que nós mulheres desfrutamos hoje. No entanto poucas são evidenciadas, e muitas continuam com suas histórias adormecidas e os indícios de suas memórias mofando nos porões dos arquivos.

Com as inquietações surgidas durante a participação no projeto, a fim de saber quem foi Maria Bronzeado Machado e o que fez para merecer ter seu nome em uma escola pública de João Pessoa, publicamos e apresentamos trabalhos acadêmicos<sup>5</sup> sobre a referida professora com a intenção de torná-la visível no âmbito da história da educação.

Como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia (2007/2012) pela Universidade Federal da Paraíba foi feita a monografia intitulada *Maria Bronzeado (1916-1986) e sua prática educativa: ensino, gestão e escrita*. Tendo objetivo principal evidenciar dados biográficos da educadora e poeta.

Maria Bronzeado Machado é citada como poeta no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: (1711-2001), de Nelly Novaes Coelho, lançado em 2002 pela Escrituras Editora; no livro *Mulheres Símbolos*, de Joacil de Britto Pereira, também é uma das mulheres homenageadas com um breve recorte biográfico.

Mas por que estudar as concepções de educação e docência da professora Maria Bronzeado Machado? Se existem tantas outras patronesses que merecem estudos sobre suas práticas, sejam de escritas, de leituras, educativas, ou até mesmo da sua trajetória de vida? Além da disponibilidade de fontes, o interesse surgiu ainda nos primeiros momentos da pesquisa com a ida à Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Maria Bronzeado Machado, na busca de vestígios para saber quem era a professora, a importância dela no cenário educacional e quais foram suas contribuições para a educação da Paraíba. Obtivemos poucas informações, aliás, duas, uma que ela era dona de uma instituição escolar já extinta, e que ela tinha publicado um livro, indício suficiente para despertar o interesse em saber o quê e sobre o quê a professora homenageada escrevia.

---

<sup>5</sup> A saber: Maria Bronzeado Machado (1916-1986): O Magistério entre o sacerdócio e a consciência da profissão, apresentado no VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação; no III Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais foi apresentado e publicado o trabalho intitulado, A representação da maternidade nos escritos da educadora Maria Bronzeado Machado (1916-1986), no livro *Educação e Educadoras da Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações* (MACHADO; NUNES, 2011), o artigo “Maria Bronzeado Machado (1916-1986): o magistério como predestinação”.

A escassez de documentos nas escolas e nos arquivos, referentes à professora (às mulheres em geral) tornou necessário buscar informações na internet sobre a mesma. Para nossa surpresa, encontramos várias fotos e relatos de ex-alunos a respeito da professora e do Colégio IPEP fundado pela mesma, publicados nas redes sociais, *Orkut*<sup>6</sup> (comunidades Colégio IPEP e Banda do IPEP) e no *Facebook*<sup>7</sup> (grupo Colégio IPEP-Anos 70). Ainda na pesquisa *online* encontramos indícios de que existia um livro intitulado *Flôres do Caminho*, uma coletânea de textos escritos por ela e organizado por seus filhos, o qual encontramos no Sebo da UFPB; nas pesquisas do jornal *A União* realizadas no Arquivo Histórico Valdemar Bispo Duarte, encontramos notícias sobre a professora, discursos e poemas que ela publicava, a maioria referentes à educação. Também se fez necessário buscar os documentos oficiais do IPEP, pesquisa realizada no Arquivo da Inspeção Técnica de Ensino do estado da Paraíba (Setor de Escolas Extintas –STE).

Ao submeter um projeto para a seleção do mestrado em 2014, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação houve o interesse em dar continuidade à pesquisa sobre a professora e poeta Maria Bronzeado Machado, já que no trabalho anterior não foram exploradas todas as fontes adquiridas. Surgindo então a pretensão de pesquisar, seus escritos e memórias referentes à sua atuação no magistério, tendo como suporte o estudo biográfico. Do ponto de vista metodológico este estudo está assentado na pesquisa documental, realizada no Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte, do Estado da Paraíba, vinculado à Fundação Espaço Cultural – FUNESC situado na cidade de João Pessoa – Paraíba; na pesquisa bibliográfica, na qual utilizamos o livro *Flôres do Caminho* de autoria da professora pesquisada, e a pesquisa on-line, realizada em sua maior parte nas redes sociais *Orkut* e *Facebook*.

Estudos mostram que o uso das fontes não convencionais vem se tornando frequente nas pesquisas de âmbito acadêmico tanto na História, quanto na História da Educação. As tecnologias da informação e da comunicação vêm sendo tema debatido por alguns

---

<sup>6</sup>Rede social que nasceu em 24 de janeiro de 2004 e teve seu término em 30 de setembro de 2014. A maioria dos usuários era oriunda do Brasil e da Índia. No Brasil, a rede social teve mais de 30 milhões de usuários, mas foi ultrapassada pelo líder mundial, o Facebook.

<sup>7</sup>É um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004. Em 4 de outubro de 2012, o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social em todo o mundo. Os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse comum de outros utilizadores, organizados por escola, trabalho ou faculdade, ou outras características, e categorizar seus amigos em listas como "as pessoas do trabalho" ou "amigos íntimos".

pesquisadores sobre a importância desse instrumento para a história. Lambert (2009 *apud* WORCMAN, 2014, p.151) afirma:

É fundamental avaliar as novas oportunidades que o mundo digital trouxe para a produção e o uso de nossas memórias. Os círculos de histórias, tradicionais em sociedades orais, foram revitalizados como base para a produção de histórias digitais, um recurso utilizado para mobilização de grupos sociais em todo o mundo.

Lombardi (2000) cita que a partir da década de 1980 as relações entre a história e a informática têm passado por acelerada multiplicação em sua utilização, possibilitado por vários fatores, entre os quais está a integração de vários níveis de informação como textos, dados, gráficos, tabelas e imagens, etc.

Com a ampliação das possibilidades das ferramentas tecnológicas e a adoção de diversas e diferentes fontes, podem constituir fecundo campo para a investigação no âmbito da história da educação. Segundo Cardoso e Amorim (2011), as tecnologias da informação e da comunicação deram novo rosto e nova cor à construção do saber histórico em sala de aula, possibilitando o acesso a um amplo e diverso universo de fontes documentais.

Ainda segundo os autores, os autos de processos religiosos ou policiais, correspondências privadas, diários particulares, livros de assentos de batismos, óbitos ou casamentos, livros de viagens, peças jurídicas, notas de jornais e revistas, receitas de culinária e testamentos entre outros, nunca estiveram, como hoje, tão próximos do público em geral.

Por causa da ampla utilização das redes sociais digitais e sua importância na atualidade, fomos motivadas a utilizá-la como fontes para subsidiar esta pesquisa, do contrário muitas lacunas não seriam preenchidas, pois informações diversas só foram possíveis de serem encontradas através das redes sociais como o *orkut* e *facebook*. Os meios de comunicações digitais hoje oferecem a possibilidade de diálogos e repasses de informações com pessoas de todos os cantos do mundo, a internet e os sistemas de mensagens permitem trocar informações e conhecimentos de forma mais rápida, proporcionando, assim, que os internautas possam compartilhar interesses em comum.

De acordo com Le Goff (2001), a nova história se interessa pelas atividades humanas baseadas numa multiplicidade de documentos, que não necessitam ser textos escritos, e/ou documentos oficiais, podendo os fatos históricos serem estudados tanto por fontes documentais, quanto etnográficas, encontrando assim vários significados para o estudo pelos diferentes e múltiplos olhares do pesquisador.

Partindo dessa ideia, tomamos os relatos e imagens dos ex-alunos, relacionados ao IPEP, disponíveis nas redes sociais como o *Orkut* e *Facebook* para conhecer o que os alunos propagam sobre a professora e sua instituição educacional. As notícias e imagens encontradas no Jornal A União da / e sobre a professora foram analisadas com o intuito de identificar o que era evidenciado nos textos que a mesma escrevia e o que noticiavam a seu respeito na imprensa paraibana. Do Livro *Flôres do Caminho*, foram analisados textos referidos à educação, família, formação e gestão.

A partir do apoio bibliográfico, foram procedidos intercruzamentos com as fontes documentais publicadas no jornal a União-1940-1980, como também, os documentos oficiais do IPEP (atas, regimentos e diários de classe), o livro *Flôres do Caminho* e os textos *online*, especialmente as notícias sobre a professora, que se referiam à educação e à docência. Bem como outros documentos, como leis, decretos e regulamentos produzidos e publicados no período em estudo, que nos auxiliaram a construir um conhecimento histórico-educacional referente à história das mulheres e da educação.

Procuramos manter um diálogo das fontes coletadas com a leitura crítica da produção historiográfica referente ao período pesquisado, utilizando o contínuo movimento do particular para o geral e vice-versa, ou seja, do nacional para as especificidades paraibanas.

As fontes intercruzadas com o estudo bibliográfico nos auxiliaram para que pudéssemos compreender como a concepção de educação e docência apresentada pela professora e poeta Maria Bronzeado Machado era influenciada ou reproduzia o ideário disseminado na Paraíba e no Brasil.

A relevância do trabalho evidencia-se pelo eixo da pesquisa desenvolvida a respeito da educação, docência, escrita e memória da professora e poeta Maria Bronzeado Machado e, das possíveis contribuições relativas à História da Educação e História das Mulheres e suas relações com os contextos sócio-político e cultural do período pesquisado, que vai de 1940 a 1986<sup>8</sup>, período em que durante a pesquisa tanto no jornal “A União” quanto nas pesquisas *online* percebe-se um significativo volume de notícias referente a sua atuação no cenário educacional, e o recorte final devido ser o ano do falecimento da professora em estudo.

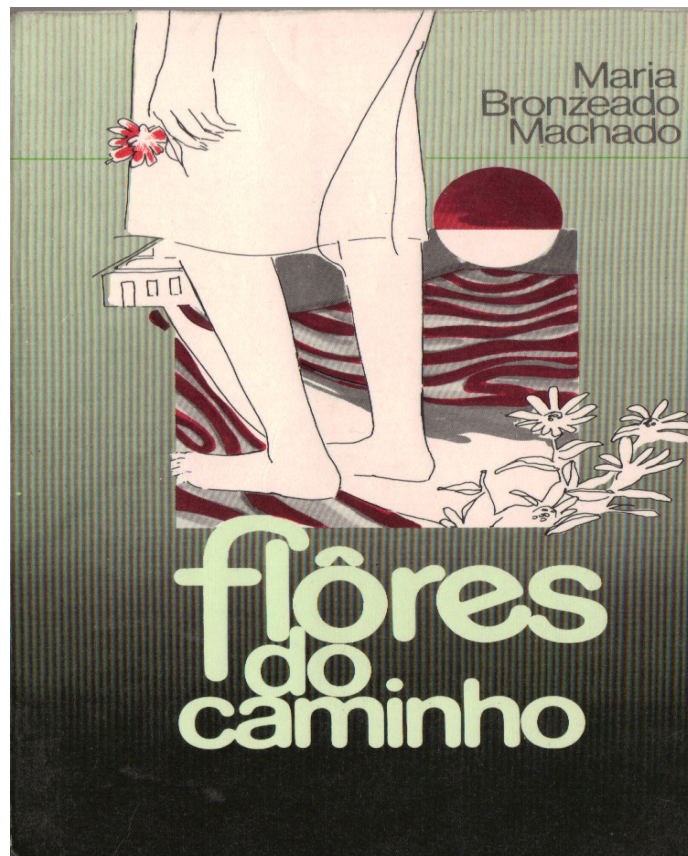
A professora e poeta, por mais de cinco décadas, dedicou sua vida à educação, fundou o colégio “Instituto Presidente Epitácio Pessoa”, uma das instituições escolares de

---

<sup>8</sup> Na pesquisa, em alguns momentos, tornou-se necessário anteceder e/ou suceder o período estipulado. Anteceder devido ser uma pesquisa biográfica e sua história se inicia nos primeiros anos do século XX; sucede porque a escola IPEP encerra suas atividades em 2001.

prestígio no período de atuação (1953-2001), durante 48 anos, na cidade de João Pessoa, e publicou vários escritos em jornais e revistas de sua época.

No livro *Flôres do Caminho*, uma coletânea de textos organizada pelos filhos da professora Maria Bronzeado Machado, para homenageá-la como presente no dia das mães no ano de 1980, estão reunidos sonetos, poemas diversos, discursos, crônicas e artigos de fundo social e educativo, muitos publicados e outros extraídos do seu próprio diário. Segundo Epitácio Bronzeado, irmão da professora, a publicação tem um caráter íntimo e “[...] perpetuará as crônicas, poemas, versos e sonetos da mestra e mãe idolatrada que, não fora a homenagem carinhosa e filial, ficariam no esquecimento e soterrados no anônimo paiol do tempo”. (Apud MACHADO, 1980, p. 9). Muitos dos textos aí presentes foram publicados em jornais e revistas da época.



**Imagem 1:** capa do livro *Flôres do Caminho*  
**Fonte:** MACHADO, 1980.

Livro de 173 páginas, apresenta-se organizado da seguinte maneira: na capa aparece meia imagem do corpo de uma mulher descalça, com uma flor na mão, sobre um caminho que

leva a uma casa/escola. A orelha contém uma minibiografia da professora escrita por Ivonaldo Correia, colunista do jornal A União. O prefácio é assinado pelos filhos e seus respectivos cônjuges, e a apresentação é feita pelo irmão Epitácio Bronzeado; em seguida vêm dois textos assinados por dois outros irmãos: um intitulado Maria e o outro Minha Heroína. Os textos de Maria Bronzeado estão organizados em quatro sessões: Sonetos, Poesias, Crônicas (com o subtítulo Crônicas e artigos de fundo social e educativo) e Discursos. Apenas quatro fotografias constam no livro: uma da família por ocasião das bodas de prata do casal antecede os sonetos; uma da professora aos 52 anos antecede a poesia; outra fotografia aos 63 anos precede as crônicas e, por fim, na contracapa consta um registro fotográfico da professora ainda jovem, entre flores do campo, em frente à escola na qual iniciou o magistério, alfabetizando seus irmãos.



**Imagem 2:** Maria Bronzeado e ao fundo a Escolinha construída pelo pai.

**Fonte:** MACHADO, 1980.

Os estudos mostram que por muito tempo a mulher, assim como outros sujeitos pertencentes às classes subalternas, ficou fora da historiografia. Os mercedores desse

privilégio eram em geral homens públicos de poder, ou aqueles que se destacavam por algum feito, como também os grandes eventos. Durante muito tempo as mulheres, e a escrita de sua história, foi um tema opaco e sem sentido, particularmente para pesquisadores do sexo masculino. Tanto nas fontes, quanto nas pesquisas, o que se via era o silêncio, delas e sobre elas, que se prolongava ainda mais com a escassez de documentos, os quais, quase sempre, não demonstravam a sua presença.

Assim, escrever a História das Mulheres só se tornou possível com as mudanças historiográficas, estimuladas pela terceira geração da Escola dos Annales, que marca a inclusão das mulheres na historiografia. Com a história positivista o foco eram as questões políticas e de domínio público, especificamente as questões administrativas, políticas e militares, espaços estes onde a mulher não estava inserida ou não tinha participação significativa, daí um dos possíveis motivos de seu esquecimento, do silenciamento historiográfico.

Segundo Rago (1991), foi na década de 1980 que o estudo da história das mulheres adquiriu estatuto próprio, afirmando-se como área de interesse na academia, e passando a participar mais intensamente da construção da noção de uma “cultura das Mulheres”. (1991, p.81).

Como mostra a historiadora, a História da Mulher é firmada com mais legitimidade e começa um maior interesse das próprias mulheres historiadoras por pesquisar sobre esse tema. Atualmente, a mulher não está mais no patamar dos esquecidos, existe uma vasta produção acadêmica sobre sua história. Pois, os tempos são outros, as mulheres buscam ter os mesmos direitos que os homens, trabalham, são ativas e sabem que têm as mesmas capacidades intelectual, moral e social. Não são passivas nem submissas, a sua representação ao longo da história é que foi distorcida, ao indicar que o simples fato de ser mulher era algo para julgá-las inferior ao homem.

Porém, ainda se faz necessário estudar a história das mulheres, para responder questionamentos com que frequentemente nos deparamos, quando, principalmente, citamos nosso sujeito/objeto de pesquisa, normalmente fora da academia nos interrogam: O que é a história das mulheres? Existe história das mulheres? Por esse motivo a pesquisa que resultou neste texto vem nos ajudar a responder essas questões.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Embora já exista o Projeto Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX, desde 2007 do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPA) que resultou em dois volumes de textos biográficos de educadoras, além do Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, que já está na 5ª edição, realizado pelo mesmo programa em parceria com outras instituições, ainda é de pouco conhecimento essa temática.

## 1.2 NOVA HISTÓRIA CULTURAL: PERSPECTIVAS PARA O NOVO FAZER HISTORIOGRÁFICO

A composição da discussão dos referenciais teórico-metodológicos, referente à história das mulheres, está ancorada em autores como Perrot (2008), Del Priore (2004), Louro (2012), Almeida (1997), Lima (2007), Pinsk (2014) e Rago (1991). Ainda autores que expressam ideias referentes às categorias que orientam o trabalho: biografia e memória. Esses autores acima destacados, além de outros que se encontram referenciados, foram importantíssimos para construir, tanto o nosso objeto de pesquisa, quanto para a discussão que aqui desenvolvemos.

Para o seu desenvolvimento, esta pesquisa alicerça-se nos aportes teóricos e metodológicos trazidos pela Nova História Cultural, nesse sentido, a contribuição é fundamental, a partir do momento em que a mesma possibilita a entrada de novos sujeitos, neste caso, as mulheres, a ampliação do tipo de fontes - como os impressos e as fotografias – e outras possibilidades de problematização dos sujeitos e das fontes, desconstruindo e pondo em xeque verdades estabelecidas por uma perspectiva positivista da História. (NUNES, 2011). Sobre essa ampliação,

A história nova ampliou o campo do documento histórico; [...] escritos de todos os tipos, documentos iconográficos, resultados de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme ou, quando se trata de um passado mais longínquo, vestígios de pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são documentos de primeira ordem para a história nova. (LE GOFF, 2001, p.133)

O que mais tem dado visibilidade à Nova História Cultural, no entanto, é “a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes” (PESAVENTO, 2005, p. 69). Entre as novas correntes, segundo a autora, estariam: a) “aquela do *texto*, pensando a *escrita* e a *leitura*”; b) “a da *micro-história*” que “busca traduzir o empírico em sensibilidades, na tentativa de resgatar a experiência do vivido,

---

indo do *tempo curto* dos dados de arquivo ao *tempo macro* de uma época dada do passado” (PESAVENTO, 2005, p.75, grifo da autora).

Sobre a importância da imprensa como fonte, Nóvoa (2002), em seus estudos, faz referência às diversidades de conhecimento que podemos adquirir sobre o processo educacional, através de uma análise mais profunda dos impressos em seus múltiplos setores do campo social no qual o indivíduo se mantém inserido. Além de tentar compreender, através da imprensa, a realidade presente entre aqueles que estão envolvidos diretamente com o campo educacional.

De facto, a imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo (NÓVOA, 2002, p.13).

Segundo Luca (2010), o pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por se só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. A utilização da imprensa como fonte de pesquisa para a escrita da História das Mulheres professoras vem sendo evidenciada por estudiosas, como Luca que destaca “[...] as potencialidades da imprensa para a apreensão do lugar reservado as mulheres em diferentes épocas”. (2006 *apud* NUNES, 2011, p.7). Almeida que destaca:

As fontes escritas, representadas pela imprensa periódica educacional e feminina, assim como outras fontes de natureza literária, apresentou um potencial de análise que inclui o ponto de vista do sujeito no seu tempo e revelam um passado que, para esse sujeito, era presente, como todo seu determinismo. (1977, p.66).

Pelo livro, jornal ou revista, é possível compreender a configuração de uma época, as tensões das relações estabelecidas nos diversos campos da sociedade: política, cultura, economia, educação etc. A imprensa longe estar de ser neutra e ingênua; tudo que é publicado se reveste de ideologia, intenções, disputas.

A ampliação do olhar historiográfico possibilitou a inclusão de novas categorias de estudo e de novos sujeitos, a exemplo da inserção da mulher como sujeito digno de estudo e de interesse ao fazer historiográfico. Ciente da importância que tem a pesquisa historiográfica

e pelo desejo de contribuir para a história da educação, especificamente para a história da educação das mulheres, ousamos a analisar as práticas de escrita da professora e poeta Maria Bronzeado Machado no período de 1940 a 1986 para identificar suas concepções de educação e docência e assim compreender sua trajetória como mulher professora.

Os estudos apontam que, o magistério seria então um espaço onde a mulher colocaria em prática dons que socialmente acreditava-se serem inatos e indispensáveis para o exercício docente: a paciência, o cuidado, a sensibilidade, o educar. Neste sentido, Louro expõe uma fala importantíssima que elucida todo este processo,

[...] se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la (1997, p. 78).

Contudo, o ingresso da mulher no universo escolar enquanto professora ocorreu permeada por discursos construídos ao longo de um processo histórico de representações sobre a mulher e sua função na sociedade. Chartier (1990) define o termo representação enquanto práticas culturais que assinalam o modo pelo qual, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade é construída por diferentes grupos sociais.

Partindo desse contexto, pretendemos desvendar os significados que a professora atribui à educação e à docência representadas nos seus textos.

Dentro da perspectiva de uma História Cultural da leitura, Chartier desenvolve noções e conceitos úteis para guiar esta investigação. Ao estudar a leitura como ato concreto, o historiador se debruça sobre os leitores empíricos e as “redes de práticas que organizam, histórica e socialmente, os modos diferenciados de acesso aos textos” (2002, p.122). Ainda segundo o autor “[...] não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas das quais chega a seu leitor”. (2002, p.123).

Em sua abordagem de representações, o historiador da leitura as identifica como esquemas construídos de classificação e julgamento que organizam a apreensão do mundo real, sendo sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as geram. As representações se estabelecem como disposições estáveis e partilhadas, sendo matrizes de discursos e práticas. Daí a necessidade de se relacionar o que é dito com o lugar social daquele que diz. Chartier pensa as representações sempre inseridas em um campo concorrencial.

O trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer conhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (2002, p.23).

O autor destaca que é necessário considerar as lutas de representação na sociedade. Para ele, “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p.17). O autor procura mostrar, além da formação das representações, como as práticas destas estão presentes nas apropriações feitas por todos os grupos, seja por aceitação ou por imposição. E as formas de poder em todas suas vertentes, seja política ou religiosa, como formas de dominação, de organização social ou para diferenciar grupos, as representações estão sempre presentes e lidas entre as linhas de todos os atos que tomamos, seja no campo da coletividade ou da individualidade.

Deste modo, através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. O Método Biográfico permite reconstruir, em cada história de vida, a presença de relações básicas e complexas que dizem respeito às categorias sociedade, grupo e indivíduo.

### **1.3 NOVAS ABORDAGENS NO CAMPO CIENTÍFICO: BIOGRAFIA E MEMÓRIA, CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA MULHER**

O gênero biográfico seja como método ou fonte atualmente em voga no âmbito das pesquisas acadêmicas, é uma prática utilizada desde a antiguidade, onde esteve mais próximo da literatura do que propriamente da história. Para Cardiou (2007, p.195)

Esse gênero correspondia a uma psicologia da história que defendia que os acontecimentos mais marcantes eram frutos de grandes projetos concebidos por homens ilustres, segundo suas paixões, ambições e interesses. As histórias gerais não eram nada mais que coleções de histórias pessoais.

Ainda segundo o autor, além da glorificação dos reis, a biografia tinha finalidades pedagógicas destinadas aos príncipes, para que imitassem as virtudes de seus antepassados. Também serviu para exaltar santos e heróis, o interesse não era repassar a veracidade dos fatos, e sim o feito heroico.

No entanto, as biografias atuais no âmbito acadêmico acompanham um avanço, os estudos mostram que nas pesquisas as mulheres ocupam papel de destaque, pois “a produção biográfica feminina expande-se de maneira notável diante da crescente consolidação da história das mulheres”. (COSTA, 2003, p.7).

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a história. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu. (BORGES, 2010, p.215)

Para a autora, a biografia tem sido considerada uma fonte de conhecimento do ser humano: não há nada melhor para se saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade, em espaços e tempos diferentes.

Os estudos biográficos como uma forma de abordagem vêm oferecendo contribuições significativas para a história da educação, pois possibilita ao historiador aprofundar a reflexão em torno da perspectiva narrativa biográfica, e suas implicações no campo educacional.

Delory-Momberger esmiúça um pouco mais a potencialidade da biografia.

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. E, conjuntamente, como os indivíduos – pelas linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização – contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (“linguagens” tem aqui um sentido muito amplo: *códigos, repertórios, figuras* de discurso; *esquemas, scripts* de ação etc.). Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. (2012, p.527).

Ainda segundo a autora, “a postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um *tempo biográfico* se

situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social”. (2012, p.527, grifo da autora).

Assim, o método biográfico assume especial importância quando se trata de construir ou (re) construir uma identidade, porque implica novas atitudes formativas. Sobretudo quando surge o interesse de evidenciar a vida dos ditos “eliminados” da história, como as mulheres, negros e homossexuais, etc. Nesta perspectiva, as ações formadoras têm início com a problematização, seguida da reconstrução da história da professora Maria Bronzeado Machado, que traz junto sua trajetória, reflexão e crítica a cada acontecimento histórico, levando-nos a entender a sociedade no tempo vivido do sujeito. Segundo Borges (2009, p. 286), “A vida de um indivíduo se imbrica com os chamados “grandes acontecimentos” e todo tipo de fatos que se passam durante seu período de vida; esses eventos só deverão ser tratados relacionando-os à vida do personagem”.

Delory-Momberger, afirma que:

De acordo com essa lógica, o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega a seu termo numa sucessão, superposição, empilhamento indefinido de episódios e peripécias, de proações e experiências. No cotidiano da existência, um grande número dessas operações de configuração tem uma dimensão de automaticidade e não solicita ativamente a consciência por corresponder aos *scripts* repetitivos dos quadros sociais e culturais. Ainda assim, essas operações estão sempre presentes, assegurando a integração da experiência que advém na temporalidade e na historicidade próprias à existência singular. (2012, p.525).

Para a autora a *atividade biográfica* não fica mais restrita apenas ao *discurso*, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem/da mulher com sua vivência e com o mundo que o/a rodeia.

Assim, biografar uma mulher, uma professora, que igual a tantas outras desenvolvia práticas educativas, é uma alternativa para evidenciar suas contribuições em um determinado contexto histórico; é ir de encontro não apenas à perspectiva tradicional de se contar a história, simplesmente a partir dos grandes homens e/ou dos grandes acontecimentos, mas também alterar a própria escrita da história das mulheres que durante certo tempo se preocupou em biografar somente aquelas mulheres que se destacaram por assumirem posições outrora ocupadas por homens. Segundo Gonçalves (2006, p. 90, grifo da autora):

Um dos desdobramentos do que se pode considerar a 'fase mais heróica' do movimento feminista (1970-80) na produção acadêmica no campo da história da mulher foi sem dúvida o da reconstituição de biografias, ou de traços biográficos, de mulheres célebres, com o objetivo, nem sempre formulado explicitamente, de enaltecer a participação das mulheres na História, mas, em geral realçando aquelas situações em que essas ocuparam papéis tradicionalmente associados a modelos e valores masculinos.

O que se pode deduzir a partir da abordagem citada é que as mulheres ficaram relegadas ao esquecimento, como se suas histórias não merecessem ser contadas; como se o que restasse de suas memórias não fosse suficientemente importante; como se os indícios de suas atuações devessem ser ignorados.

Porém, o avanço da História das Mulheres e os novos rumos seguidos pelas tendências historiográficas favorecem novas perspectivas ao enfatizar investigações sobre as “pessoas comuns”, os valores, o simbólico, os rituais, os comportamentos e as crenças. As pesquisas foram dando espaços para o privado e para as relações entre homens e mulheres trazendo o outro lado da realidade histórica, passaram a investigar as mulheres enquanto sujeitos históricos, analisando seu cotidiano a partir das ideias de resistência e da transformação da sua realidade.

A releitura das fontes (processos eclesiásticos e civis, obras literárias, imprensa, literatura de viagem, etc.) foi primordial para ascensão da mulher na historiografia trazendo vastas abordagens temáticas como: sexualidade, família, moralidade, maternidade, feminismo.

Deste modo, a biografia tem se utilizado da memória, em fontes orais ou escritas, oriundas de arquivos públicos ou privados, para constituir histórias de vida. Para Le Goff (2001, p. 423).

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Com informações adquiridas em fontes online, jornais e no livro *Flôres no Caminho*, através da abordagem biográfica, buscamos manter a memória da professora Maria Bronzeado Machado. Segundo Stephanou e Bastos (2005), no campo da História da Educação, memória e história têm sido tema de publicações sólidas, demonstrando uma tentativa de encontrar no passado as explicações para as permanências nas práticas educativas e escolares do nosso tempo.

A partir da operação particular de transformar vestígios em dados de pesquisa, o historiador/pesquisador produz um discurso, uma narrativa que constitui sua leitura do passado. Isso é importante porque a memória, não sendo a história, é um dos indícios, documento, de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem a um só tempo. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p 417-418).

Com o entendimento de que a memória está presente não só nos nomes expostos nas fachadas de instituições governamentais ou não, nas placas, nos bustos, etc., mas também nos documentos oficiais que se referem à vida profissional das mulheres, como também textos publicados por/sobre elas em livros e/ou periódicos, é que estamos lançando mão desses indícios de memória identificados para saber o que ela revela na escrita, a respeito de educação e docência.

Segundo Le Goff (1990), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Para o autor, a memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. Mas só muito recentemente se tornou objeto de reflexão da historiografia. Estudos mostram que só no fim da década de 1970 que os historiadores da Nova História começaram a trabalhar com a memória.

Del Priore (2004) sugere que o ofício de historiador se estabelece no contato com o documento, sejam eles escritos, testemunhos orais, imagens fixas ou animadas. Para a autora, um historiador deve ir além dos escritos existentes sobre o seu tema de estudo, garimpando nos documentos as respostas para as questões que movem suas pesquisas.

Assim, estudar esse tema “memória” se fez necessário para nos dar suporte neste estudo, entender os significados dos símbolos que muitas vezes estão expressos de maneira subjetiva nas fontes pesquisadas e que só entendemos quando temos noções teóricas de um determinado tema. O estudo da memória feminina tem sido feito de modo tal que possibilita construir histórias de vida com a coleta de relatos (auto) biográfico. Para Le Goff (1990),

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a "Idade Média ao Paleolítico" aparecem figuras onde se propôs ver "mitogramas" paralelos à "mitologia" que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia. A

outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita (depois de tentativas sobre osso, estofado, pele, como na Rússia antiga; folhas de palmeira, como na Índia; carapaça de tartaruga, como na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel). (LE GOFF, 1990, p.372, grifo do autor).

O autor ainda salienta que todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta. E que uma das funções da escrita é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro.

Porém, o desafio que se coloca na atualidade é o de introduzir as mulheres na memória histórica. Não apenas para escrever “história das mulheres”, mas para identificá-las nos momentos em que estiveram presentes, ouvi-las da mesma forma como os homens são e foram ouvidos, não só na esfera privada, mas também no espaço público, local historicamente reservado ao sexo masculino. Para Bueno, *et. al.* (1996, p.62).

A recuperação dessa memória é uma questão fundamental na escrita da história das mulheres, seja porque elas ainda permanecem como um grupo o qual a história, durante muito tempo, negou-se a investigar ou reservou-lhe um lugar sem qualidade, seja porque compõem um grupo social que, embora constitua a outra metade da humanidade, continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.

Partindo desse contexto é que buscamos evidenciar a memória docente da professora e poeta Maria Bronzeado Machado, que traz à tona vivências significativas de sua trajetória vivida na educação. Ao revisitar as memórias da professora, estamos lançando um olhar sobre sua trajetória da profissão docente e trazendo para o cenário da educação paraibana, uma reflexão sobre suas experiências.

#### **1.4 HISTÓRIAS DAS MULHERES: DO SILÊNCIO AO RECONHECIMENTO**

Reconhecer a importância da mulher no desenvolvimento das sociedades talvez seja a ideia que melhor expresse a necessidade da introdução e de sua inclusão como sujeito a ser investigado enquanto agente da história. Desde tempos remotos vemos que aqueles que faziam o uso da escrita da história utilizavam de preferência a comunidade masculina como foco de suas obras.

No discurso patriarcalista, a mulher ficou alheia ao conhecimento, tendo difícil e

limitado acesso à arte literária, e tantas outras áreas consideradas nobres e de usufruto do ser considerado mais capaz. Por um longo período foi negado a ela o acesso à leitura e à escrita. As lutas possibilitaram mudanças que reverteram em conquista de espaços. Em alguns momentos, a oportunidade surgia através de uma área que se colocava quase sempre contra as conquistas femininas, como é o caso da igreja. Assim, com a leitura de textos religiosos, foi possível mesmo que de forma acanhada conseguir acesso à escrita e assim despertar o poder de criar também seus próprios textos.

Observa-se um imenso esforço autodidata das mulheres, realizado através de todos os tipos de canais, nos conventos, nos castelos, nas bibliotecas. Saber era colhido letra por letra, furtado mesmo, no manuscrito recopiado, nas grandes margens dos jornais, nos romances tomados dos gabinetes de leituras, e lidos avidamente à noite, na calma sóbria do quarto. (PERROT 2008, p.94).

Os movimentos feministas foram essenciais na publicização dos textos femininos, incentivando para que os escritos saíssem dos diários íntimos para as páginas de periódicos que circulavam na época, abrindo caminho para a mulher conquistar seu próprio espaço no campo literário. “Historiadoras feministas tentaram não apenas tornar as mulheres “visíveis” na história, mas também escrever acerca do passado sob um ponto de vista feminino”. (BURKE, 2008.p.101.). No entanto, segundo Perrot (2008, p.2.),

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.

Ainda segundo a autora, convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida um pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no caso de sua existência, destruíam seus papéis pessoais. Mas, refletindo sobre o que tem sido denominado de “História das Mulheres”, é possível observar um vasto horizonte, múltiplo de interpretações, nas formas de narrar suas trajetórias, histórias de vida, suas ações políticas, culturais, entre outras. Com a nova compreensão de história muda também a história das mulheres e dos demais, como os negros, homossexuais, crianças, pobres, etc.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudanças. [...] Alargou suas expectativas espaciais, religiosas, culturais. (PERROT, 2008, p.15).

Procura-se mostrar a importância da história da mulher, na medida em que ela ganha o seu espaço, percebe-se sua cultura, seus poderes, suas ações, suas conquistas, suas práticas, enfim a sua história. Nessa perspectiva, o trabalho apresentado busca evidenciar a importância da história da professora e poeta Maria Bronzeado Machado para a historiografia, possibilitando que as pessoas interessadas possam compreender o quanto a história de uma mulher, seja educadora, escritora ou uma “mulher do lar” se constitui em aparato importante para trazer à tona aspectos históricos, educativos, políticos e culturais, que se não fosse através de uma biografia ficariam esquecidos.

Este trabalho encontra-se dividido em três momentos. No primeiro capítulo apresento a minha inserção no âmbito da pesquisa, como e quando surgiu o interesse pelas práticas de escrita da professora Maria Bronzeado Machado, o acesso às fontes, objetivos, a justificativa e a possibilidade desta pesquisa em contribuir para a história da educação e da mulher. E para subsidiar este estudo trago, ainda, a caracterização da fundamentação teórico- metodológica, apresentada a partir da investigação e de leituras que me ajudaram a fazer a relação da teorização da pesquisa com as fontes encontradas. Entre elas destaco a perspectiva trazida pela nova história cultural, abordagem biográfica como método, o conceito de representação apresentado por Chartier, e o conceito de memória por Le Goff.

O segundo capítulo versa sobre um recorte biográfico da professora e poeta Maria Bronzeado Machado, dando visibilidade a sua formação e atuação profissional. Também apresento a origem do Instituto Presidente Epitácio Pessoa - IPEP e sua influência na educação paraibana, instituição de propriedade da professora supracitada, onde a mesma desempenhou suas funções por vários anos.

No terceiro e último capítulo a intenção é buscar nos escritos da professora Maria Bronzeado Machado identificar e apresentar a concepção de educação e de docência trazidas pela professora em seus escritos, embora elementos dessa concepção esteja presentes também no segundo capítulo.

A história da professora Maria Bronzeado Machado, que traz junto sua concepção de educação e de docência, e apresenta reflexão e posicionamento a cada acontecimento histórico sobre o qual a mesma se debruçou, leva-nos a entender a sociedade no tempo vivido do sujeito. Toma-se, assim, a narrativa de uma trajetória individual como uma janela aberta para entender o contexto de uma época, o sujeito deixa de ser visto com algo unitário, completamente indiferente ao espaço em que vivenciou suas experiências, e apresenta-se feito um ser complexo com várias dimensões. Desta forma, compreendendo as representações do sujeito, compreendemos também as representações do grupo social no qual o mesmo se insere.

# **CAPÍTULO II**

**MARIA BRONZEADO MACHADO:  
EDUCADORA E POETA**

## 2.1 RETALHOS BIOGRÁFICOS



**Imagem 3:** Casa da família Bronzeado situada na Fazenda Serrinha.

**Fonte:** Documentário sobre a vida de Luiz da Costa Araújo Bronzeado. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZfAB5cBMRyU>.

Maria Bronzeado Machado é a primogênita do casal Severino Alves Bronzeado de Araújo e Olívia Alves da Costa, nascida a 07 de dezembro de 1916, na fazenda Serrinha em Constantino, distrito de Lagoa de Remígio, no município de Areia, na mesorregião do Agreste Paraibano e na microrregião do Brejo Paraibano.<sup>10</sup>

Maria Bronzeado compunha uma família de doze filhos, sendo oito mulheres e quatro homens, seu pai, natural de Alagoa Grande, era agricultor e proprietário de terras e sua mãe dona de casa. Pela estrutura da casa retratada na imagem acima, de tijolos, numa época em que a casa de taipa ainda predominava na zona rural; pela indicação de a fazenda Serrinha ser de propriedade da família, deduzimos que a família Bronzeado tinha uma situação econômica boa.

---

<sup>10</sup> Remígio é alçado à categoria de município na década de 1960.

Mesmo tendo sua estrutura comprometida devido ao tempo e a falta de manutenção, demonstra uma casa ampla e de bom porte, na época (início do século XX) poucos tinham recursos para esse feito.



**Imagem 4:** Família Bronzeado

**Fonte:** Documentário sobre a vida de Luiz da Costa Araújo Bronzeado.  
<https://www.youtube.com/watch?v=ZfAB5cBMRyU>.

Na imagem, Maria Bronzeado é a quinta da direita para esquerda, de vestido escuro ao lado de sua mãe, com o vestido de listras. Como já foi dito, a família é composta de doze filhos, porém na imagem são retratados dez, duas irmãs ficaram ausentes.

No poema denominado *Pai*, o pai é apresentado como belo, caridoso e de espírito elevado. Na época era comum os pais serem rígidos com a educação dos filhos, no entanto ela o apresenta dizendo: “...E assim nos educou suavemente, sem represálias nem castigos, apenas com o fascínio e o poder do seu olhar conquistador”. (MACHADO, 1980, p.109).

Já para a mãe, a professora e poeta Maria Bronzeado Machado escreve o poema *Saudação a minha mãe*, para homenageá-la no dia das mães, lembrando-a ainda bem jovem, diz: “[...] E a minh’alma à infância se transporta, e te imagino, ò minha mãe, mocinha, bonita, esbelta, ativa e tão branquinha; casada aos quinze anos, quase uma menina, cuidando da casa, varrendo, enfeitando, contente e ativa como uma abelhinha!”. (MACHADO, 1980, p.112).

No mesmo poema Maria Bronzeado não só descreve o porte físico de sua mãe como também destaca o comportamento e o espaço que ocupavam as mulheres dessa época.

E enquanto as meninas ricas já ingressavam na sociedade, tu minha mãe, pobre menina, já enfrentavas da vida a dura realidade![...] seguindo o exemplo de Maria, em Nazaré na tua humilde casinha, fazia todas as coisas inerente à mulher. Menina-mãe, menina-esposa, arrumadeira e babá, cozinheira, lavadeira, costureira, engomadeira e ainda prudente e conselheira. E companheira querida do meu pai. Pelo teu trabalho ingrato e sem salário e tudo que sofreste para nos criar, eu te agradeço... (MACHADO, 1980, p.113).

No Brasil, os estudos mostram que até a década 1960 eram mantidos os padrões estabelecidos nas décadas passadas. A “boa mulher” era a boa esposa, a boa dona-de-casa. Havia a submissão ao casamento, a extrema preocupação com a “reputação” – o tabu da virgindade dividia as moças entre as “de família” e as “de fora”. A sensibilidade era considerada a principal característica feminina.

As mulheres das classes abastadas não precisavam trabalhar. Com poucas exceções, aquelas que queriam ter uma carreira. A escola, para muitas, representava uma formação que a preparasse para o lar, ao contrário das mulheres pobres e de classe média, que buscavam ter uma profissão para seu sustento.

Maria Bronzeado teve participação marcante na formação de três dos seus quatro irmãos, para os quais a irmã e professora é considerada uma heroína. Casou-se jovem, com o Sr. Edson de Moura Machado, homem de negócios, que saiu da capital para conquistar o coração da jovem adolescente. Tiveram quatro filhos: Fernando Antônio<sup>11</sup>, Luis Carlos, Luciano e Maria Helena. Para todos os filhos, ela dedicou poemas publicados no livro Flores no Caminho. Ficou viúva em 1983.

Na década de 1950, Maria Bronzeado Machado veio com sua família morar em João Pessoa, passando a residir na Avenida Epitácio Pessoa, no bairro Santa Júlia, atual bairro da Torre. Com a ousadia e determinação, típicas à juventude da época, os jovens irmãos ascenderam socialmente, embora já viessem de uma família com longa tradição em Remígio, inicialmente ligados ao meio rural e posteriormente ao campo político. Em João Pessoa e principalmente em Remígio conquistaram poder e prestígio. A família Bronzeado por vários anos ficou à frente no governo da cidade de Remígio, e a memória de seus familiares ficou imortalizada em nomes de rua, creche e escola: Rua Dr. Luiz Bronzeado; Creche Olívia Bronzeado, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho e E.E.I.F.M. Profª Maria Bronzeado Machado.

---

<sup>11</sup> Faleceu em 02 de setembro 2010.

Em 1953, Maria Bronzeado fundou um dos colégios de grande prestígio em João Pessoa nas décadas de 1970 e 1980, e seus irmãos se tornaram homens reconhecidos na sociedade paraibana. Epitácio Bronzeado, ex- prefeito de Remígio e professor universitário, nomeado para administrar o município, de 31 de março de 1957 a 06 de fevereiro de 1958, sendo o primeiro prefeito da cidade; Luiz da Costa Araújo Bronzeado, ex- Deputado Estadual, ex- Deputado Federal, veio a ser também Secretário de Segurança, Procurador Geral de Justiça e Desembargador; e Iremar Bronzeado, professor universitário e jornalista (o quarto, de nome Bráulio, morreu bem jovem), e Irenita Bronzeado Cavalcante, professora universitária de piano<sup>12</sup>.

Além de sua dedicação à causa do ensino, Maria Bronzeado foi também poeta. O jornalista e colunista Ivonaldo Corrêa destaca em um breve recorte biográfico situado na orelha do livro *Flôres do Caminho*: “foi de seu avô paterno Joaquim de Araújo Bronzeado que herdou o amor à poesia, à musica e aos animais”.

## **2.2 FLÔRES DO CAMINHO: A INSERÇÃO DA PROFESSORA MARIA BRONZEADO MACHADO NO MAGISTÉRIO**

Por ser a primeira filha, também foi a primeira a ir à escola se alfabetizar, para mais tarde ensinar seus irmãos. Como de costume na época, pela escassez de escolas e de professoras, existindo apenas nos centros urbanos, a maioria dos pais não tinha condições de instruir todos os filhos.

Assim, Maria Bronzeado foi cursar o primário como aluna interna do Colégio Santa Rita em Areia/PB. Fez o curso primário com a professora Júlia Leal em um colégio tradicional e de renome, na época considerado um referencial na arte de educar. O Colégio Santa Rita<sup>13</sup> foi fundado em 1911, pelo Cônego Odilon Benvindo de Almeida Albuquerque, o primeiro Arcebispo da Paraíba. Administrado pelas “Irmãs da Sagrada Família” de 1911 a 1920, Com a saída dessas “Irmãs”, passou a ser ocupado com o curso “Julia Leal” mantido

---

<sup>12</sup> Obs: nenhuma irmã foi citada no livro *Flôres do caminho*. Somente Irenita Bronzeado Cavalcante e Irene (aqui são pessoas diferentes, porque Irenita assina como o mesmo nome) foram identificadas nas fontes pesquisadas até o momento.

<sup>13</sup> Informações colhidas no site <<http://csrpb.com.br/>>, acesso 02 de abril de 2012.

pela professora areense Julia Verônica Leal<sup>14</sup>, que deixou as dependências em meados da década de 30. O então colégio foi reaberto em 1937, pelo Monsenhor João Coutinho, vigário de Areia, que fez umas reformas no prédio e convidou as “Franciscanas de Dillingen<sup>15</sup>” para Areia, assumindo o colégio em 09 de julho de 1937.

Diante das circunstâncias que a vida lhe impôs, Maria Bronzeado interrompeu seus estudos, para cuidar da educação de seus irmãos, é o que menciona uma passagem no prefácio do livro *Flôres do Caminho*, assinado por seus filhos e respectivos cônjugues, quando diz:

Sabemos que tiveste frustrada esta vocação, porque aos quatorze anos, apenas concluído o Curso Primário, tiveste que deixar o Colégio de D. Júlia Leal, para seres, em casa, a mestra dos teus irmãos. E desde então a Mestre suplantou a poetisa. Não restava tempo para estudar e escrever. Só muito mais tarde, depois de casada, com grande esforço e heroísmo conseguiste realizar o mais dourado dos teus sonhos- receber o diploma de professora. (MACHADO, 1980, p.7)

Segundo Epitácio Bronzeado, sua irmã foi a primeira professora da região. No início da década de 1940, deu início ao exercício no magistério em uma escola construída pelo próprio pai: a Escola Rudimentar Rural Mista de Serrinha. Essa iniciativa representou algo extraordinário. Além dos irmãos, a escola acolhia as crianças dos sítios vizinhos. Ao receber o título de cidadã pessoense, em 1976, a professora descreve idílica e poeticamente o espaço de sua primeira sala de aula, destacando elementos da natureza que representavam harmoniosamente o espaço, apesar de simples, humilde e rústico “brotava poesia”.

---

<sup>14</sup> Conhecida por Júlia Leal, professora, compositora, instrumentalista, nasceu em Areia – PB em 1868 e faleceu em 1970.

<sup>15</sup>As irmãs “Franciscanas de Dillingen” chegaram ao Brasil em 1937, e atuaram (ainda atuam) no setor educacional em apenas três Estados brasileiros: Paraíba, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Cf, OLIVEIRA, Antoniette Camargo de,[et al]. Princípios educacionais das irmãs Franciscanas de Dillingen no Brasil (1931-1961). disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/556.pdf>, acesso em 02 de janeiro de 2016.



**Imagem 5:** “Escola Rudimentar Rural Mista de Serrinha” construída na década de 1940.  
**Fonte:** Documentário sobre a vida de Luiz da Costa Araújo Bronzeado. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZfAB5cBMRyU>

O começo era modestíssimo, o ambiente humilde, a escola pequena<sup>16</sup> – um chalé construído e mobiliado pelo meu pai, com bancos toscos, piso de cimento, nas paredes uma imagem de Cristo, um quadro negro e um mapa – mas a jovem professora tinha dentro do peito o mapa e a imagem do Brasil. Eu era só vibração, otimismo, entusiasmo. Sentia a grandeza de minha missão. Cada menino ou menina que chegava era um pórtico e esperanças. ‘Quem sabe? Só Deus Sabe’ – pensava eu. Ali estavam promessas para o meu amado País. E eu trabalhei aquelas almas cândidas, vindas da pobreza dos sítios, dando-lhes, com amor, o que eu tinha recebido. [...] Naquela sala rústica as flores dos vasos nas janelas atraíam as borboletas multicoloridas que revolteavam sobre as cabeças das crianças, os rouxinóis e os canários também eram nossos conviventes. Construíam seus ninhos nos beirais e ali viviam, harmonizando o seu canto com as vozes das crianças que estudavam. A poesia brotava de todos os lados (MACHADO, 1980, p. 166).

As questões da religiosidade, do nacionalismo e do patriotismo estão sempre sendo demonstrados em seus escritos corroborando práticas bastante comuns e duradouras nas escolas brasileiras. Era comum nas escolas está exposto o símbolo da religião dominante no Brasil, como também os símbolos que representavam o patriotismo do país. Quando não era a

<sup>16</sup> Percebem-se mudanças na estrutura da frente da escola, existia duas janelas retratada na I fotografia deste estudo, (a da contra capa do livro *Flôres do Caminho*), em outras fotos tiradas mais próxima, percebe pela marca na estrutura que a janela foi fechada.

imagem de Cristo era uma cruz para representar o catolicismo; no caso do símbolo patriótico, geralmente era a figura do representante do país, exposto em local estratégico da sala para maior visibilidade.

Seu discurso vem evidenciar a concepção ideológica pregada pela igreja católica e acolhida pela sociedade, de que a profissão exercida pela mulher é um sacerdócio, que a mulher nascia para servir, sendo seus atributos naturais o cuidar, conservar, alimentar e promover o próximo. A professora também faz referência a modelos de mestres nas figuras de seus antigos professores, Júlia Leal e Leônidas Santiago. Maria Bronzeado nos dá uma visão bucólica do espaço escolar; por outro lado nos remete a um período da história brasileira, em que a escola, a educação, a instrução, eram tidos como preponderantes para o desenvolvimento da nação, ao mesmo tempo em que o número de escolas era insuficiente para atender a demanda, e a maioria dos (as) professores (as) não possuía formação necessária para exercer a profissão. Podemos localizar esse período na década de 1930, quando as transformações germinadas em períodos anteriores alcançam seu clímax.

A década de 1930 caracteriza-se por grandes transformações em todos os setores da sociedade e pela intensificação do processo de industrialização e urbanização do país, fatores que colocariam a educação no centro dessas mudanças como instrumento fundamental para incrementar o desenvolvimento da nação. A época assistiu à elaboração de duas constituições e em cada uma delas a educação foi inserida de forma diferente. Na Constituição de 1934, a educação é assegurada a todas as pessoas domiciliadas no país, ficando a sua realização sob a responsabilidade da família e dos poderes públicos. [...] Já a constituição de 1937 ameniza o dever do Estado com a educação abrindo espaço para a iniciativa privada e atribuindo aos pais a obrigação primeira em relação à educação de seus filhos (NUNES, 2009, p. 103).

A educação para pessoas no interior do Brasil era coisa rara, mais rara ainda eram escolas na área rural, além da dificuldade dos materiais escolares. Existia preconceito em relação à educação das mulheres, muitos não viam utilidade nenhuma uma mulher saber ler e escrever. Para outros, podia ser perigoso a mulher apropriar-se desses bens culturais por lhes permitirem artefatos de comunicação não autorizados, como ler romances proibidos e escrever cartas para o namorado.

Aos dezoito anos de idade, em 1934, Maria Bronzeado que já ensinava seus irmãos em casa, passou a exercer a função de professora tendo apenas concluído o curso primário, numa escola construída pelo próprio pai que desejava oferecer instrução aos seus filhos.

Em textos que antecedem e apresentam os escritos da professora Maria Bronzeado Machado, seus irmãos Epitácio Bronzeado, Luís Bronzeado e José Iremar Bronzeado vão detalhando a rotina daquela escola rural e as práticas de uma professora adolescente. Os alunos vinham de várias comunidades: do Coelho, de Lagoa da Cruz, de Queimadas e de Cantinhos<sup>17</sup>, todos para serem alfabetizados pela jovem professora. Às sete horas da manhã, meninas e meninos entravam impecavelmente fardados e asseados, e, como atividade que antecedia as lições, entoavam o hino nacional e antes do recreio o hino da bandeira; o canto dos alunos impregnava de civismo a escolinha perdida e ignorada na imensidão da pátria e repicava os valores ufanistas que se espriavam pelo Brasil afora naqueles tempos de exacerbação do sentimento nacionalista.

O programa do primário era cumprido rigorosamente; os alunos deviam ler o texto com correção, entonação de voz adequada, e pontuação obedecida; as redações eram feitas a partir da observação das coisas que posteriormente seriam descritas. A professora dedicava-se pessoalmente a verificar diariamente a higiene de seus alunos: verificava os pés, as mãos, as unhas, os ouvidos, e o pescoço de cada um para investigar se estavam seguindo os preceitos de asseio e higiene aprendidos em classe.

Pelo exposto, a jovem professora estava articulada com a discussão higienista apregoada pela sociedade da época, em que se defendiam padrões sociais e de comportamento em nome da saúde. O higienismo é uma corrente de pensamento que emerge no final do século XIX e que prevalece até os anos de 1950 do século XX, no Brasil, trazendo um discurso sobre o equilíbrio das dimensões do indivíduo, tanto físico, intelectual e moral.

Neste sentido, o higienismo acompanhava o recente desenvolvimento urbano da sociedade, visando uma mudança nos hábitos.

[...] a preocupação da sociedade paraibana com a higiene no âmbito da escola primária pautou-se pela necessidade de educar a criança dentro de um padrão de conduta que visava reforçar os bons hábitos, necessários no combate às epidemias e endemias que assolavam a sociedade republicana. A escola, nessa perspectiva, assume um papel de salvadora e redentora em cujo espaço é possível transformar as novas gerações para que assumam hábitos saudáveis a partir da higiene. O controle do corpo, do espaço físico, do mobiliário foram os alvos das notificações e recomendações dos higienistas, essa batalha foi travada com a parceria entre medicina e educação (SANTOS; NUNES, 2010, p. 1).

---

<sup>17</sup> Supomos que são comunidades rurais circunvizinhas a Serrinha.

A política higienista buscava a disciplina de cada individuo consigo próprio e com seus próximos, de modo que cada um se conscientizasse e passasse a agir como fiscal da higiene.

A disciplina merecia atenção especial na sala de aula da jovem professora. Se algum aluno se atrevesse a perturbar o ambiente, violando o regulamento, era punido sem clemência; as punições iam desde as mais rigorosas, até as mais suaves, que consistiam em o aluno ficar de pé, na hora do recreio, enquanto os outros brincavam; ou ficar preso na escola, por mais uma hora, depois das aulas.

A jovem irmã dedicada e meiga, segundo seus irmãos, transformava-se na escola em, não menos dedicada, uma professora responsável, enérgica e exigente no cumprimento dos deveres dos seus alunos.

Concluiu o Curso Normal, já casada, no Colégio Santa Rita – já na Ordem das madres franciscanas, de maneira extraordinária em apenas 8 meses, quando normalmente seria concluído em 4 anos, recebendo seu diploma de professora aos 32 anos no dia 28 de novembro de 1948. Era uma aluna exemplar, destacando-se como primeira colocada em uma turma de 31 alunos, atingindo a média 9,3.

Oficialmente, começou a sua vida profissional como professora concursada na Escola Elementar Mista de Serrinha (Remígio) e, dando continuidade, exerceu os seguintes cargos: diretora e professora da Escola Elementar Mista de Remígio, diretora do Ensino Municipal de Areia. Em João Pessoa, ocupou o cargo da classe “B” de 1º instância da carreira de professor, com exercício no Grupo Escolar “Presidente João Pessoa” situado no Bairro Tambiá, do qual foi expedida no dia 28/12/1950 a prestar serviço como diretora nas Escolas Reunidas Noturnas, sediadas no Grupo “Santa Julia” situado no atual Bairro da Torre.

A Paraíba estava sob a administração de João Fernandes de Lima (1951/1954), vice-governador, que assumiu a vaga do titular José Américo de Almeida. As fontes não revelam nenhuma ligação com o então governador, sabe-se que a família era bem situada socialmente quanto politicamente. Visto que, a professora Maria Bronzeado sai do cargo de professora para assumir o de diretora, certamente foi por indicação de alguém importante do governo.

Este foi o ultimo cargo que exerceu no ensino público, no qual ficou doze anos, na direção da mesma instituição. No ano 1957, no dia do professor, quando Maria Bronzeado estava sete anos à frente como diretora, professores e alunos prestaram uma homenagem pelo reconhecimento à “eficiente orientação e dedicação” ao ensino prestado à aludida instituição. Na publicação do jornal A União, identifica-se que a homenagem foi feita com a oferta de duas valiosas lembranças à homenageada, além de uma faixa simbólica com o dístico “A

melhor das mestras”, em nome do corpo docente, a professora Severina Ramos da Silva declamou a poesia “Prece de uma Mestra” da autoria de Maria Bronzeado Machado. Em seguida foi realizada uma hora de artes, em que tomaram parte alunos e professores.

Apanhada de surpresa com tamanha manifestação de carinho, a homenageada escreve um discurso de agradecimento deixando transparecer toda a emoção vivenciada naquele momento, quando diz:

Minhas queridas colegas e caríssimo alunos, nesta hora em que de vós recebo tão sincero quão espontânea manifestação de amizade e consideração, nesta hora em que recebo esta prova tão evidente de afeto e carinho! Não é preciso dizer que estou muitíssima comovida. Pois todos vos sabeis quão sensível sou e que sou mais espírito do que matéria.[...] Nenhuma riqueza se compara a alegria da certeza de que nossa vida não é inútil e que somos estimados por aqueles que conosco convivem[...] Guardarei carinhosamente a vossa lembrança como meu mais querido troféu, pois ela lembrará sempre a certeza da vossa amizade e um dos mais venturosos dias da minha vida de mestra.(MACHADO, A União, 17/10/1957)

Ainda no mesmo discurso, a professora expõe as dificuldades e as conquistas no decorrer de sua gestão na referida instituição, e apresenta como teve êxito no desenvolvimento de seu trabalho.

Quando assumi a responsabilidade da direção deste estabelecimento, sabia que estava sendo recebida com reserva. Mas mesmo ao contrário do que se esperava, não apelei para a força nem para a arrogância, falei brandamente, mas com firmeza ao coração de todos, em sucessivas reuniões, apelando para o que havia de mais nobre na alma de cada um, porque sei por experiência própria que há alguma coisa na natureza humana que protesta quando se pretende força-la. Um trabalho forçado, uma obediência imposta, jamais darão bons resultados. A tolerância, a amizade, os conselhos, quase maternos foram fatores que levaram este estabelecimento ao que onde todos trabalham como ele é hoje: uma colmeia devotada de entusiasmo, onde reina a paz e a amizade entre todos os funcionários desde os mais graduados aos mais humildes. Cada professora que aqui trabalha, é uma abnegada, uma mestra verdadeiramente digna deste nome, que juntos constituem uma equipe que orgulharia qualquer estabelecimento de ensino da Paraíba ou do Brasil. (MACHADO, A União, 17/10/1957).

Maria Bronzeado destaca as dificuldades que passou quando foi para assumir o cargo de diretora das Escolas Reunidas Noturnas, segundo ela, foi recebida com “reservas”, compreendemos ser comum esse tipo de comportamento quando a direção de uma escola é

substituída, o corpo docente já habituado com outra pessoa na direção, tornar-se difícil de acolher com simpatia a nova integrante hierarquicamente superior. E a professora soube lidar com a situação, ganhando a confiança e a amizade do corpo docente.

No seu discurso, oscila em suas opiniões quando diz que um trabalho forçado, uma obediência imposta, jamais darão resultados, mas adiante ela afirma: “cada professora que aqui trabalha, é uma abnegada”, ou seja, renuncia as suas próprias vontades em função de outra pessoa. O seu lado poético também é evidenciado quando faz comparação entre tolerância, amizade e os conselhos, com “uma colmeia devotada de entusiasmo”. Se compara a figura de mãe, autoridade que cuida, aconselha, e é respeitada (a figura de mãe da época, mesmo sendo submissa ao pai e ao marido, era considerada autoridade para os filhos). Neste sentindo, mesmo o corpo docente sendo contrário a suas ideias, era obediente e passivo.

A professora Maria Bronzeado Machado aposentou-se em 11 de abril de 1962, despedindo-se do Serviço Público e dedicando-se ao Ensino Privado.

Pelos serviços prestados à comunidade no setor da Educação, a Câmara Municipal de João Pessoa concedeu-lhe o título de “Cidadã Pessoaense” e o Governo do Estado da Paraíba atribuiu seu nome a uma escola da rede estadual de João Pessoa, situada no bairro de Mangabeira II pelo decreto nº 11.429 de 02 de julho de 1986, no governo de Milton Bezerra Cabral, tendo José Loureiro Lopes como Secretário de Educação, e a uma praça desse mesmo município situada no Conjunto Vieira Diniz.



**Imagem 6:** Fachada da E.E.E.I.F.M. Profª Maria Bronzeado Machado.

**Fonte:** Acervo do projeto “Nomes de escolas: lugar de (não) memórias de mulheres?”.

Após mais de quarenta anos de vida dedicada à educação, no dia 10 de junho de 1986, à uma hora e trinta minutos da madrugada, sua família e principalmente os pessoenses foram pegos de surpresa pela morte da professora e poeta Maria Bronzeado Machado, aos 69 anos, vítima de verticilite no Hospital Alberto Sabin no Recife. Passou quarenta dias doente, tendo sido submetida a cirurgias, fez duas e na terceira não resistiu à anestesia e contraiu infecção hospitalar.

Conforme publicado no jornal A União no dia 11 de junho de 1986 na página 8, “A Paraíba perde a última representante de uma geração de grandes educadores”, disseram incessantemente segundo o jornal, mães de alunos que estudavam no Instituto Presidente Epitácio Pessoa (IPEP), durante o velório. Foi sepultada no Cemitério da Boa Sentença em João Pessoa/PB.

Com sua morte, a escola ficou sob a administração de filhos, mas o seu declínio começa a ser percebido.

Procuramos sintetizar neste tópico elementos biográficos e da trajetória profissional de Maria Bronzeado Machado que iniciou muito jovem sua vida professoral na pacata Serrinha e veio para a capital paraibana continuar sua história.

A seguir buscamos destacar sua atuação no Instituto Presidente Epitácio Pessoa.

### **2.3 INSTITUTO PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA - IPEP: APONTAMENTOS PARA A FORMAÇÃO NACIONALISTA**

Pode se dizer que uma instituição escolar ou educativa é a síntese de múltiplas determinações, de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral, ideológica etc.) que agem e interagem entre si, “acomodando-se” dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade. (SANFELICE, 2007, p.77, grifo do autor).

Percebe-se na análise das fontes que o IPEP tinha suas minudências, tornando-se um marco na educação dos paraibanos e que ainda hoje seus alunos se reúnem anualmente em nome do IPEP, seus comentários nas redes sociais exaltam os momentos vividos nos recônditos do saudoso Colégio. Segundo Sanfelice, (2007, p.79), “Cada instituição escolar ou educativa responde às suas múltiplas determinações de forma única. A interpretação e o manuseio de aspectos da legislação, por exemplo, ganham originalidade em cada unidade escolar”.

As fontes, escritos dos ex-alunos publicados online<sup>18</sup>, notícias retiradas do jornal A União e informações obtidas de atas, históricos e regimentos foram fundamentais para a construção deste tópico, que tem a intenção de fazer um recorte histórico de uma instituição escolar que teve sua relevância no cenário educacional paraibano, destacando a figura de Maria Bronzeado Machado cuja presença dava a tônica ao funcionamento da escola.

O Instituto Presidente Epitácio Pessoa (IPEP) foi uma instituição de ensino de caráter misto e particular. Manteve os cursos de jardim de infância, pré-primário e ensino de 1º e 2º graus, funcionou nos turnos matutino e vespertino e o noturno tendo início na década de 1960.

Foi fundado no dia 23 de maio de 1953<sup>19</sup> pela professora e poeta Maria Bronzeado Machado, com o nome “Externato Epitácio Pessoa”, na Avenida Epitácio Pessoa, nº 514, no bairro Santa Júlia, atual Torre. Segundo informação de sua filha Maria Helena<sup>20</sup>, a mãe começou a dar aulas particulares em sua própria casa, o que seria o embrião do Instituto Presidente Epitácio Pessoa, instituição que alcançou prestígio na sociedade paraibana por várias décadas.

Em 16 de junho de 1958, foi incorporado ao Instituto Presidente Epitácio Pessoa, o Externato Epitácio Pessoa, registrado no Cartório de Títulos e Documentos, sob o nº 11.711, do livro A, nº 4, às folhas 92.

Tinha personalidade jurídica, sendo reconhecido de utilidade pública pelo Governo do Estado e registrado no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Educação e Cultura sob o número 32.496 de 07 de fevereiro de 1968.

A implantação da Reforma do Ensino foi feita gradativamente pelo IPEP, pela resolução 37/68 - parecer nº 70/68 foi autorizado a funcionar com o curso ginásial pelo Conselho Estadual de Educação, em seguida foi autorizado pela resolução nº 4727 do referido conselho, o funcionamento do Curso Científico (2º ciclo), e em 1973 inicia com a 5ª série do 1º grau e a 1ª série do 2º grau.

A escola tinha dois prédios próprios, situados na Av. Epitácio Pessoa, nº 514 e 1415, possuía uma quadra de esportes, situada na Av. Rio Grande do Sul situada no Bairro dos Estados, onde funcionava o seu Departamento de Educação Física, com as escolinhas de basquete, voleibol e futebol de salão.

---

<sup>18</sup> Os membros das comunidades do *Orkut*<sup>18</sup> *Colégio IPEP* e *Banda do IPEP* estudaram em diferentes períodos, no entanto alguns deixaram indícios sobre a data a que estão se referindo o que facilitou saber que os relatos utilizados neste texto, são da década de 1960, 1970 e 1980 do século XX, auge da atuação do IPEP.

<sup>19</sup> Há contradição entre as fontes sobre a data da fundação, no Regimento da escola data de 23 de maio de 1957, porém, no histórico da escola e de informações de Maria Helena filha de Maria Bronzeado o IPEP foi fundado em 1953, prevalece no texto informação de 1953.

<sup>20</sup> Informação obtida através de conversa informal.

Possuía 21 salas de aula, laboratório completo, com ar condicionado e biblioteca, com cerca de 3.000 volumes a disposição dos professores e alunos. A sua banda Marcial era tida como uma das melhores da cidade<sup>21</sup>.

Em discurso proferido no dia da fundação do Circulo de Pais e Mestres “Julia Leal” anexo ao Externato “Epitácio Pessoa”, a professora Maria Bronzeado Machado registra as particularidades das práticas educativas desenvolvidas em sua instituição. O Circulo de Pais e Mestres “Julia Leal” tinha como principais objetivos:

1º) – estabelecer uma continuidade entre a ação da escola e da família, visando entendimento harmônico entre pais e professores no sentido de estreitar as relações de amizade e a cooperação mútua, visando a solução dos problemas relativos ao educando; 2º) – Agir em conjunto, no sentido da formação de certos hábitos, atitudes e ideias da criança, dentro dos princípios de moral e de virtudes. (MACHADO, 1980, p.169).

Segundo Soares (1990, p.256), “a associação de pais e mestres foi criada durante o regime militar ditatorial [...] sempre presididas por professores, amigos dos proprietários, ou pelos próprios diretores”. Nas diferentes redes de ensino era vista como um dos meios para a democratização das relações de poder no interior da escola, marcadamente hierarquizada e centralizada na figura do diretor.

Supúnhamos que a professora Maria Bronzeado Machado estava na fase de transição<sup>22</sup> de suas ações punitivas para a disciplinar. “[...] o processo de disciplinamento dos alunos, da família, da sociedade deveria ter início na escola, sob a responsabilidade dos professores. Por esse motivo, era preciso antes discipliná-los para que depois eles viessem a ser disciplinadores”. (SOUZA, 2010, p.204). Ainda segundo a autora as punições, quando utilizadas, deveriam ficar entre alunos e o professor, no máximo envolvendo a diretoria e familiares. Ou seja, o circulo de Pais e Mestres, era a maneira da professora buscar convencer pais e mães que seu método era ideal e que deveria ser endossada pelos mesmos.

As ideias criadas e divulgada pela Escola Nova e Escola Ativa, possibilitaram a percepção de uma escola agradável, interessante e sem necessidade de punições. No entanto, muitas escolas difundiam esse discurso, mas na prática os castigos continuavam existindo, pois as transições nunca são absolutas, mesmo os professores não praticando as punições

---

<sup>21</sup> Informações colhidas de um rascunho do histórico do IPEP encontrado dentro da ata final do ano de 1978 a 1981, suponhamos que essas informações sejam do ano de 1981.

<sup>22</sup> Mesmo sendo ideia recorrente durante as três primeiras décadas do século XX, de extinguir o método punitivo das escolas, perpetuou-se ainda por muitos anos nas escolas, e segundo relatos de seus ex-alunos da década de 1970, a professora Maria Bronzeado ainda utilizava dessa prática.

físicas, a psíquica continuava existindo. (Ainda nos dias de hoje é uma prática recorrente nas escolas).

Com apenas três anos de fundação, o Externato Epitácio Pessoa tornara-se pequeno para a grande procura de matriculas, com 142 alunos nos cursos primários e admissão, tornando-se referência na educação de João Pessoa. No discurso já citado, Maria Bronzeado fala sobre essa ocorrência. “O Externato “Epitácio Pessoa”, apesar da precariedade de suas instalações, cada dia menor para comportar o grande número de alunos que o procuram, não poderia ficar a margem do progresso social...”. (MACHADO, 1980, p.170).

No início dos anos 1990, o número de alunos era tanto que só na quarta série existiam sete turmas nomeada de A a G. A hora do lanche virava tumulto, correria na fila da cantina devido o grande número de alunos, segundo relatam os ex-alunos.

Informações colhidas das atas do IPEP nos mostram que nos anos 1960 já apresenta o crescente número de alunos matriculados, nesse mesmo ano inicia turmas no período noturno, suponhamos que devido à quantidade de alunos e o espaço ser pequeno.

Nos anos de 1978 a 1981 as atas registram cinco turmas do 2º grau A, B, C, D e E, com uma média de 50 alunos por turma, somente no 2º grau. Na década de 1980, a cada ano a quantidade de alunos só aumentava existindo turma de A a G. Na unidade II, no ano 1981, onde estudavam os alunos do pré-primário a 4ª série do 1º grau, eram matriculados 1182 alunos. Em 1989, existia turma da 7ª série do 1º grau, de A a H. O apogeu do IPEP teve seu fim no ano de 1990.

De acordo com os relatos das postagens feitas pela maioria de seus ex-alunos e pelas informações adquiridas nas atas foi na década de 1980 que o Instituto Presidente Epitácio Pessoa chega ao ápice de sua atuação, como um dos colégios mais procurados de João Pessoa, e os alunos que lá estudavam eram oriundos da classe média, em diante.

A instituição era presença marcante nas páginas dos jornais, divulgando as atividades escolares e eventos nos quais tomava parte. Em uma nota divulgada pelo jornal A União, percebe-se a sua notoriedade.

[...] apesar de ser um educandário de poucos anos de fundação e funcionamento, vem servindo com eficiência e zelo à infância de nossa terra. Vale ressaltar ainda que nenhum aluno preparado pelo estabelecimento em apreço foi reprovado em exames de admissão realizados nesta cidade. Todos se têm distinguido nessas provas, sendo aprovados, sempre com as melhores notas. (UNIÃO, 14 de maio de 1957).

A lista<sup>23</sup> dos nomes dos alunos e das respectivas escolas que os mesmos se inscreviam para o exame de admissão era divulgada na imprensa, destacando a classificação dos números de inscritos e de reprovados, constatando que reprovação dos alunos que estudavam no Externato era mínima.

Pelo motivo da professora ter no seu círculo de amizade pessoas importantes do meio jornalístico e do governo, em destaque o jornalista social Ivonaldo Correa e Joacil de Brito<sup>24</sup>, além do irmão Luiz Bronzeado, que ocupava cargo de destaque no governo paraibano, deduzimos que sua presença constante na imprensa oficial era motivada por sua forte influência na sociedade.

Bencosta (2010) ao estudar as festas escolares, nos apresenta a imprensa como uma importante fonte para a história, porque segundo o autor,

[...] à medida que a educação vai ganhando destaque no contexto brasileiro, tanto político como social, os periódicos se mostram como um meio de divulgação que acontece com o sistema de ensino. Críticas, elogios, decretos, prestação de conta à sociedade, sugestões, todos esses elementos podem ser encontrados nas páginas dos jornais. ( 2010, p.250).

Nessa perspectiva, cumpre destacar a importância da imprensa como fonte historiográfica e que em muito contribui para se historiar as questões educativas, trazendo novos elementos para se pensar a história da educação. Como destaca Araújo (2002, p. 59).

Dentre as fontes utilizadas por tal campo (História da Educação), a imprensa tem se constituído ultimamente numa importante senda: não se trata somente de pesquisas advindas da imprensa denominada educacional, mas de investigações em jornais e em revistas que não têm necessariamente um cunho educacional. Neste sentido, tal modalidade de fonte tem contribuído para ampliar a pesquisa histórico-educacional, dando-lhe contornos e vitalidade há pouco não observados. Há que ressaltar ainda a potencialidade que tal modalidade de fonte revela para os estudos histórico-educacionais de caráter regional e local.

O Colégio IPEP e outras instituições contemporâneas tinham suas programações nas datas comemorativas divulgadas na imprensa local.

---

<sup>23</sup> Vale ressaltar que a lista publicada no Jornal A União, a qual se faz referência, foi no ano de 1964, sete anos depois da citação acima.

<sup>24</sup> Chefe da casa civil no governo de Flávio Ribeiro Coutinho no ano de 1957. Mesma época que seu irmão Luiz Bronzeado ocupava o cargo de secretário de justiça e segurança Pública da Paraíba.

Em comemoração ao dia das Mães de 1957, o programa constou de uma hora de artes, com a participação de vários alunos dessa instituição, destacando entre todos os seguintes: Elba Paiva Rodrigues, que declamou a poesia de Vicente Guimarães intitulada “Mãe”; Luiz Antônio Bronzeado, que declamou “Estrelinhas”, poesia de Martins D’Alvarez; Fernando Antônio de Albuquerque Melo, que recitou para os presentes o poema “Mãe”, de Correia Junior; Maria do Socorro Formiga Barros e Márcia de Andrade Amaral que interpretaram diversos números de acordeão; e Rejane Rodrigues Carvalho encenando a conhecida História da “D. Baratinha<sup>25</sup>”.

No dia das mães, o Colégio sempre oferecia lembranças padronizadas para os alunos comprarem, um dos presentes era um relógio que servia como porta retrato com a foto do aluno ao fundo vestindo a farda com o dizer cheio de nostalgia: “Feliz Dia das mães para a melhor Mãe do filho mais perfeito”. Uma das músicas cantada neste dia e que seus ex-alunos ainda relembram é:

Minha mãezinha querida  
 Mãezinha do coração  
 É tua esta valsinha com grande emoção  
 Te adorarei toda vida  
 És a minha paixão.  
 Oh minha mãe minha santa querida.  
 És o tesouro que tenho na vida,  
 Eu te ofereço esta linda canção,  
 Mãezinha do coração...

A partir do que professora e diretora Maria Bronzeado escrevia nos seus textos, nota-se que buscava incentivar no seu alunado o gosto pelos estudos e pelas letras, visando desenvolver neles o sentimento de solidariedade, coleguismo e de justiça.

---

<sup>25</sup> O conto História da Dona Baratinha é um conto popular português que faz parte da tradição oral. publicado pela primeira vez em 1890 pelo linguista e pedagogo português Adolfo Coelho, que recolheu e transcreveu diversos contos portugueses tradicionais. Em 1896, o jornalista carioca Alberto Figueiredo Pimentel publica no Brasil, pela Livraria do Povo de Pedro Silva Quaresma, a coletânea “Os contos da Carochinha”, reunindo 61 contos, entre eles o conto intitulado História da Dona Baratinha. Em 1996, Ana Maria Machado publica pela primeira vez uma adaptação da História da Dona Baratinha, pela editora FTD, na coleção Lê pra mim. Informações obtidas da Revista Online de literatura infantil juvenil “Era uma vez...” disponível em <http://eraumavezuem.blogspot.com.br/2013/09/a-reconstrucao-da-personagem-feminina.html> . Acesso em 03 de janeiro de 1916.

Segundo uma matéria do dia 13 de novembro de 1958 do Jornal A União, a referida instituição tinha a tradição de eleger o melhor aluno do ano e melhor repórter infantil, que ocorria da seguinte maneira: para o primeiro posto era escolhido pelo voto secreto dos colegas o (a) aluno (a) que indicado pela diretora e professoras houvesse conquistado pelo esforço e aplicação as melhores notas e que tivesse mostrado durante todo o ano escolar melhor adaptação ao meio social estudantil, pelo seu espírito de disciplina, justiça, cooperação e coleguismo.

Nesse mesmo ano, o prêmio de “Melhor Repórter Infantil do Ano” foi para o aluno do curso de admissão Fernando Antônio de Albuquerque Melo, com o seu trabalho intitulado “Piquenique de Pacatuba”. Como prêmio foram concedidos vários livros e assinaturas em revistas. E para o posto de “Melhor Aluno de 1958”, consagrou-se a aluna do 5º ano, Marlene Gomes que tinha como concorrentes, José Fernando Ribeiro Coutinho, Terezinha Silva, Antônio Alberto Cabral. Foi conferida uma medalha de “Honra ao Mérito” e sua foto ampliada posta em lugar de destaque na galeria de honra do Externato.

Souza (2010, p.209) destaca que “os comportamentos desejáveis mereciam publicidade, daí as cerimônias públicas de premiação, as exposições dos trabalhos dos alunos, os elogios aos trabalhos realizados”. Ainda segundo a autora, o comportamento desejado era motivo de muita publicidade para incitar outros a imitá-lo.

Os alunos do Externato Epitácio Pessoa eram presença marcante nas festividades comemorativas da cidade de João Pessoa, na comemoração da Semana da Criança realizada no pátio externo da igreja São Francisco, se apresentavam com diversos números de bailados.

No dia do professor, no ano de 1957, professores e alunos se reuniram para comemorar, com distribuição de brindes e homenagens, a fundadora da referida instituição escolar. Na nota divulgada na imprensa, está registrado que além de brindes valiosos ofertados por alunos e professores, várias outras manifestações constaram no programa solene, inclusive um discurso da aluna Maria do Socorro Formiga Barros, que falou em nome dos alunos do curso de admissão. Um grande baile infantil encerrou a solenidade.



**Imagem 7:** Comemoração do dia do professor.

**Fonte:** Jornal A União, 17 de outubro de 1957.

A imagem acima retrata flagrantes das manifestações prestadas à professora Maria Bronzeado Machado. No primeiro plano da montagem, a homenageada quando falava, ladeada professoras Maria José Martins e Zizelda Alves Aires; abaixo, alunos do Externato Epitácio Pessoa, classificados nos primeiros lugares de suas respectivas turmas.

As apresentações culturais realizadas pelos alunos do Externato Epitácio Pessoa se destacavam na imprensa local. Exemplo foi a peça intitulada “O Sonho de Leninha<sup>26</sup>”, fantasia infantil várias vezes evidenciada no jornal pesquisado. Pelos personagens compostos, se deduz que se tratava da relação entre culturas. A peça era composta pelos seguintes personagens: Leninha; Fada; Capitão; Tambores; Soldadinhos; Polichinelo; Palhacinhos; Pastora; Bailarina; Chinesa; Portugueses; Japonesa; Ciganinhas; Índias; Holandesas; Espanhola; Egípcia e Brasileira. Escrita e dirigida por Maria Bronzeado, com arranjos musicais e coreografias da professora Irenita Bronzeado, sua irmã. O espetáculo foi desempenhado no Teatro Santa Rosa e no Esporte Clube Cabo Branco, e a renda foi revestida para a fundação da biblioteca do educandário, ou seja, em benefício da própria empresa.

<sup>26</sup> Supostamente em homenagem a sua filha Maria Helena, já que era chamada assim pelos mais próximos.

Para Bencosta (2010, p.248)

[...] as festas escolares são compreendidas como emissoras de uma linguagem coletiva que não deixa de lado sua característica primaz: expressar planos simbólicos diversos, apreendidos por aqueles que delas têm algum tipo de participação, como organizadores, personagens e expectadores.

Para o autor, mesmo que as festas escolares tenham um caráter de partícipes do processo de escolarização e que possuam papéis diferenciados frente á necessidade instrucional na transmissão e construção do conhecimento escolar, compõem o processo de formação educacional dos alunos.

Na década de 1970 o IPEP já contava com três unidades, a I ainda sob o comando de Maria Bronzeado que logo em seguida ficou sob a direção de seu filho Fernando Bronzeado e a II sob os cuidados de sua filha Maria Helena, sua irmã Erenita Bronzeado Cavalcante assinava como a diretora administrativa, registro da década de 1960, não foi possível identificar nas fontes até quando ficou nesse cargo.

Ganhou notoriedade na sociedade e na imprensa paraibana, reconhecido pelo rigor e disciplina com que mantinha seus alunos, assim como pelas festividades, que se transformavam em grandes acontecimentos na cidade de João Pessoa, a exemplo de sua Banda Marcial que quase sempre ganhava a nota máxima nos desfiles de 07 de Setembro, bem como pelo domínio que exercia nos badalados Jogos Escolares.

As festas escolares eram tão envolventes que ainda são lembradas pelos ex-alunos como experiências inesquecíveis.

O ex-aluno, Prof<sup>o</sup> Amaral, comenta na comunidade Colégio IPEP<sup>27</sup>,

[...] Tristeza mesmo é o término de uma grande escola: uma potência no esporte, uma banda marcial comandada pelo mestre Roberto que até hoje, quando escuto algo longe de ser a Banda do IPEP, eu me lembro do show que era acompanhar a Banda Marcial!!! As quadrilhas no tempo de IPEP III e II. O dia 7 de setembro era sagrado, marchar pelo IPEP pelas ruas do Bairro dos Estados, era motivo de orgulho. Jogos internos com o ginásio lotado!!!Jogos escolares da Paraíba!!!! Era bom demais jogar futsal pelo IPEP, no DEDE (hoje complexo esportivo Ronaldo Marinho), com o ginásio lotado todo em "verde e branco", que Seu Fernando (que Deus o tenha) liberava para os alunos assistirem aos jogos!!! Quem vê isso hoje em algum ginásio em dias de jogos escolares? NINGUÉM!! (PROF<sup>o</sup> AMARAL - postado em 07/11/2010).

---

<sup>27</sup> Optamos por manter a escrita original dos textos localizados nas redes sociais, tendo consciência da liberdade que os mesmos têm e de como se afastam da norma portuguesa padrão.

Nesta postagem, o ex-aluno relata as vivências escolares e elementos que faziam parte da escola, dentro e fora dela. Como o esporte, destacando o futsal, os jogos internos e jogos escolares, a banda marcial, as quadrilhas, destaca as cores do fardamento do IPEP, “verde e branco”, cita os espaços frequentados pelos alunos como o Bairro dos Estados (onde era situado um dos anexos do IPEP) e o Dede (hoje complexo esportivo Ronaldo Marinho situado no mesmo bairro), e os desfiles do dia 7 setembro, práticas ainda comum nas escolas atuais, não com tanto entusiasmo e patriotismo (mesmo que forçadamente) da época, auge da atuação do IPEP (décadas de 1970 e 1980). Também lembra dois dos personagens que faziam parte do corpo docente da escola, Fernando, diretor de um dos anexos e filho da professora Maria Bronzeado e Roberto<sup>28</sup> o responsável pela banda marcial.

Tais postagens evidenciam a representação do IPEP e o valor que essa escola teve na sua formação, enaltecem a mesma em suas memórias, como sendo uma grande escola e potência nos jogos escolares.



**Imagem 8:** Banda do IPEP, com fardamento novo de agasalho.

Fonte:< [http://www.fotolog.com.br/banda\\_ipep/archive](http://www.fotolog.com.br/banda_ipep/archive)>

---

<sup>28</sup> Roberto Araújo, conhecido pelos alunos do IPEP como Roberto Sabiá, Educador, Músico, multi-instrumentista, compositor, premiado pela composição da trilha sonora do filme *Enraizados*, no 10º Festival do Cine Cultura Viva, como melhor trilha original, em Brasília no ano de 2009. Informações retiradas do site <https://www.youtube.com/watch?v=IG1tWCozkoo> , acesso em 06 de setembro de 2015.

Ainda sobre a banda marcial, ex-alunos ipepianos demonstram com saudosismo e até com “certo exagero” as influências adquiridas quando alunos do IPEP.

[...] acho que agora entendo p q existe tanta garra dentro de mim, apesar de não ter seguido a profissão nessa área... Não posso ouvir um instrumento sequer tocando que me arrepio de emoção, deve ter ficado entranhado em meu ser tudo aquilo q vivi. As lembranças que tenho é algo mágico que faz a mente e o coração transbordar de tanta emoção. [...] (KARLA LEITE - 20 de junho de 2007, Comunidade Banda do IPEP- *ORKUT*).

O que nos chama atenção nos relatos, são os sentimentos em comum que os alunos demonstram em suas publicações, a maioria são discursos enaltecedores, cheios de apreço e saudosismo. Percebemos também que mesmo os ex-alunos não citando a professora Maria Bronzeado, a influência de suas práticas de ensino é retratada de maneira subjetiva por cada um.

[...] eu pelo menos pude desfrutar da maravilha de vida que foi a banda do IPEP e mesmo tendo passado por outras oportunidades como orquestra, bandas show, bailes, conjunto de câmara, seja o que for, nada se comparou ao ar saudável de alegria e aprendizado que a banda do IPEP me trouxe através da sua condução. O IPEP com sua banda não foi só uma escola, mas um centro de aprendizado da vida de uma maneira sentimental valorizando não só a música, mas também transmitindo dignidade e cidadania a todos que souberam aproveitar os momentos que passaram aí. Hoje ficam não só a saudade, mas grandes lições de como TOCAR a vida em um ritmo calmo e sensível cadenciando da maneira como Deus o quer conduzir [...]. (HAVESKILL \_ REVINHO - 15 de agosto de 2007).

Na postagem o ex-aluno descreve de maneira romantizada o espaço escolar, dá indícios que sofreu influência das práticas de pedagógicas da professora Maria Bronzeado, quando expressa a sua religiosidade.



**Imagem 9:** Desfile da banda marcial do IPEP.

**Fonte:** [http://www.fotolog.com.br/banda\\_ipep/archive](http://www.fotolog.com.br/banda_ipep/archive)<sup>29</sup>

Nesta foto, a banda ipepiana está realizando uma homenagem póstuma a sua patronesse Maria Bronzeado Machado, com seu nome estampado nas faixas pendurados aos tambores dos integrantes mais “importantes” do desfile, os componentes da banda do IPEP, considerada pelos ex-alunos como a mais “reconhecida”. Os indícios nos levam a deduzir que foi no ano de seu falecimento 1986, já que a mesma tinha falecido em junho desse mesmo ano. Também nos leva a acreditar que a foto anterior (imagem 7) também foi tirada em período aproximado, pois nos mostra semelhanças com o fardamento e o acessório posto nos tambores, só diferenciava a boina usada pelos ex-alunos.

---

<sup>29</sup> É uma rede social de fotografias online. Em busca na internet por fotografias do IPEP, encontrei muitas fotografias das apresentações da banda e dos jogos escolares. Não identificamos o dono do perfil, nem a data em que foram tiradas, mas dão indícios que algumas foram da década de 1980.

No tópico Lembranças e saudades! Da comunidade Colégio IPEP, alunos relatam práticas de ensino que aconteciam na instituição. “Lembro-me de quando ia para Educação Física na quadra do IPEP,... Das brincadeiras no intervalo; Todos os dias, as 08:00 horas, tínhamos que ir para o pátio, fazendo fila para cantar o Hino Nacional”.( Érika, 20/04/2011) Em outra postagem a ex-aluna relata:

Ano: 1983 Série: 6ª A, Local: Pátio defrente à "casinha" sobre a qual ficava a sirene e de onde seu Fernando Bronzeado observava tudo. Cena: Todos os alunos perfilados e organizados, do menor para o maior, uma turma paralela à outra, com as mãos cruzadas atrás e a pasta entre as pernas (idêntica à posição "Descansar" do Exército), para ouvir o Hino Nacional ou uma canção religiosa. Ao término todos dirigiam-se para suas classes saindo da posição em fila indiana, uma turma de cada vez, sem correria, sem bagunça. Havia respeito... havia hierarquia...pouquíssimos achavam ruim... (Érika, 20/04/2011).

Na postagem da ex-aluna são destacadas algumas particularidades vividas durante o Regime militar, como o controle, as posições, o hino nacional e a obediência. Também destaca a religiosidade. O próprio espaço escolar favorecia a vigilância e era carregado de simbolismos do governo da época (regime militar).

Remete-nos ao período da implantação de um Estado autoritário, que se inicia em 1964, tendo como consequência algumas transformações na área educacional. Nelson Piletti (1990), no estudo sobre história da educação, expõe algumas transformações nesse período com a implantação do Decreto-Lei 477, que, segundo o autor, ampliou a repressão e o terrorismo governamental às redes de ensino. Cita que o primeiro artigo desse decreto excedeu “infração disciplinar” de professores, alunos e funcionários dos estabelecimentos de ensino público e particular: o aliciamento e incitamento à greve, o atentado contra pessoas, bens ou prédio, os atos destinados à organização de movimentos subversivos, o sequestro e o uso de estabelecimentos escolares para “fins de subversão”.

Em virtude dessa política e das leis instituídas em seu benefício, muitos músicos, professores, artistas, escritores e estudantes foram perseguidos, presos, torturados e exilados. É natural compreender, portanto, que àquela altura as pessoas viviam sua forma particular de censura, ou o que é possível chamar de auto-censura (ROSA, 2006, p.41).

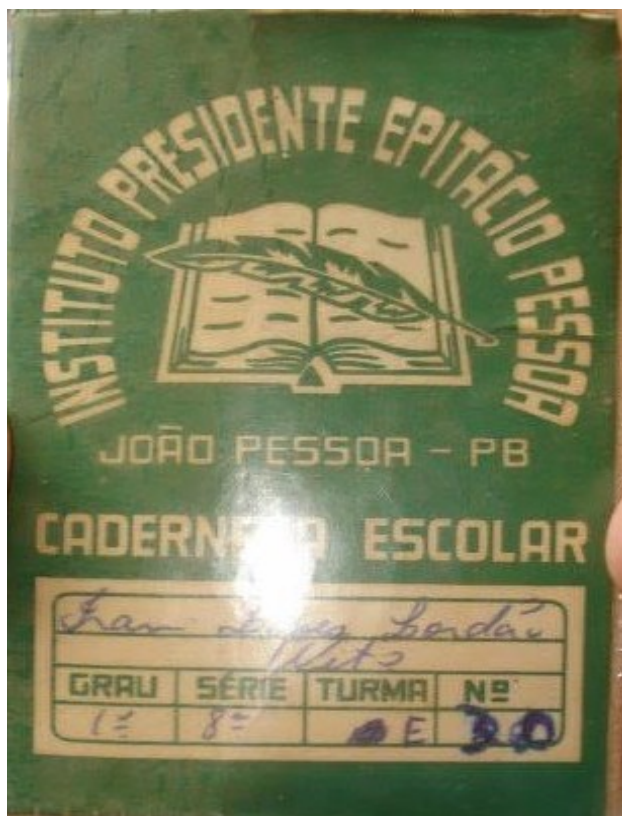
O que nos leva a entender, que as mudanças impostas pelo regime militar, foram absorvidas de maneira singular pela direção do colégio IPEP, pelo rigor e punições para com seu alunado.

Até a década de 1980 no IPEP era costume todos os dias os alunos formarem filas, entoarem hinos ou fazerem uma oração antes de entrarem nas salas. Embora não fosse uma instituição reconhecidamente religiosa, havia muitos elementos da religião católica presentes em seu cotidiano. Sabe-se que essa postura era comum (ainda permanece) na maioria das escolas, públicas ou privadas. No caso do IPEP, também não podemos esquecer que sua diretora estudou em escola confessional e foi criada segundo os princípios e hábitos cristãos do catolicismo.

A metodologia e orientação cristã, comum nas escolas públicas e religiosas é explicitada pelo ex-aluno “[...] quando estudei no IPEP, pelo menos nos anos de 1981 e 82, as turmas "A" eram destinadas apenas às meninas, enquanto que as turmas "B" eram destinadas aos homens. Já as demais turmas eram todas mistas”. (Glauco Roberto, 09/06/2009).

Para comprovar a presença dos alunos nas aulas era usada uma caderneta verde que os mesmos entregavam no início das aulas e só recebiam ao término, com um carimbo identificando que o mesmo tinha assistido às aulas, sob o visto posterior dos pais. Era a forma de controlar e obrigar os alunos a permanecerem em sala de aula, pois na caderneta ficava tudo registrado.

Os ex-alunos normatizam e ressignificam as lembranças de práticas autoritárias vivenciadas.



**Imagem10:** Caderneta utilizada pelos alunos do IPEP.

**Fonte:** <<https://www.facebook.com/groups/274202085986670/>>

No grupo Colégio IPEP-Anos 70 do *facebook*, alunos (as) postam comentários sobre o incômodo que o uso dessa caderneta lhes causava: “[...] quantas vezes sofri sem poder entrar por causa dessa maldita carteira (risos), tudo isso é muito bom lembrar (Rosilene Miranda, 16/06/2012). Em outra postagem do dia 06/08 do mesmo ano, lembra “[...] se não tivesse pago o colégio, ninguém entrava”. A aluna Francijane C. Silva Rangel também fala da carteira e lembra da disciplina do colégio: “[...] eu tirava notas sempre altas e nunca faltava. Até porque, em casa, essa carteirinha era sempre olhada. E sempre, sempre na bolsa pra nunca esquecer. Taí em disciplina, o IPEP era nota 10,0. Isso realmente foi muito bom, muito bom!”(27/05/2013). Ricardo J. Vieira (08/10/2013) cita a carteira e a farda como inconfundíveis: “[...] que recordação magnífica, essa carteira, a calça verde com a blusa branca e o quepe com penacho branco da farda da banda marcial eram inconfundíveis, muitas saudades!!!”.

A caderneta era usada com estratégia para barrar os alunos inadimplentes, o que causava constrangimento, hoje atitude não mais permitida. A disciplina e o controle são retratados nas postagens dos ex-alunos de forma romantizada.

O IPEP oferecia esporte de várias modalidades para seus alunos: futsal, basquete, voleibol, handebol, ginástica olímpica, atletismo, além da possibilidade de participar da banda marcial.

Os relatos dos ex-alunos postados nas redes sociais que fizeram parte dessa pesquisa, evidenciaram que com o handebol a equipe foi campeã por três anos consecutivos, 1990, 1991 e 1992. Em uma de muitas aberturas dos jogos internos, as meninas do balé da própria instituição se apresentaram todas vestidas de freiras e de colete, dançando "Jesus Cristo eu estou aqui...". Iam alunos de outras escolas prestigiarem os eventos.



**Imagem 11:** Abertura dos XVI jogos internos na quadra do IPEP.

**Fonte:** <[http://www.fotolog.com.br/banda\\_ipep/archive](http://www.fotolog.com.br/banda_ipep/archive)>

A empolgação dos ex-alunos ipepianos fez com eles fossem apelidados de periquitos verdes, pelas características da ave, a cor do uniforme verde e pela algazarra e entusiasmo com que defendiam o colégio nos torneios de jogos, apresentação de quadrilhas e demais atividades culturais em que participavam. Nos jogos escolares da Paraíba, alunos do IPEP vestidos de verde e branco acompanhavam para torcer onde quer fosse a realização dos jogos, ser atleta do IPEP era ter *status* dentro do colégio.

Com a banda, os alunos viajaram para várias cidades, dentro e fora do estado como Garanhuns, Lagoa Seca, Recife, Cacimba de Dentro, Carpina, Messias/AL, Remígio e Itaporanga. O ex-aluno relata sobre uma dessas viagens, a Carpina: “[...] participar do maior encontro de bandas marciais do Nordeste foi demais, ouvir os dobrados sendo executados pela banda do colégio Santa Maria, as gaitas escocesas... Roberto Sabiá com um gravador pra cima

e pra baixo [...] as vestimentas eram lindas”. (Frank José Lisboa - 26/09/2010 postado na comunidade Banda do IPEP).

Com a badalada Banda do IPEP, representando o Colégio e o Estado, acumularam vários títulos como, campeã de Pernambuco, tricampeã da Paraíba, campeã de Guarabira entre outros, e os considerados mais importantes pelos membros da comunidade do *Orkut*, Banda do IPEP, são eles: tricampeã Paraíba, 1º campeã de Guarabira e campeã Norte – Nordeste.

Os ensaios da banda geralmente eram realizados à noite na quadra do Colégio. Os grandes adversários do IPEP nos jogos escolares eram o PIO XII e a Escola Técnica Federal, mas no quesito banda marcial, nos desfiles 7 de setembro a disputa entre as duas agremiações IPEP E PIO XII era imperdível para todos que faziam parte da “família” IPEP, como muitos consideram o “...o IPEP era mais que um colégio era uma família”. (Grace Teles, 17/08/2010).



**Imagem12:** A banda IPEP quando campeã Cabo Branco em1976.

**Fonte:** <[http://www.fotolog.com.br/banda\\_ipep/archive](http://www.fotolog.com.br/banda_ipep/archive)>

O sentimento de patriotismo ao qual a banda marcial somava-se como um elemento de constituição representava também o que pensava a diretora da escola IPEP. No texto a seguir, o poema *Vai Contente!*, a professora e poeta Maria Bronzeado Machado (1980) convoca seus alunos a terem amor à pátria.

Jovens estudantes brasileiros  
 Se fores convocados  
 A participar da Parada de 7 de Setembro  
 Não te recuses. Vai comemorar.  
 Reúne toda alegria  
 Todo teu civismo  
 Toda tua fé e teu entusiasmo juvenil  
 E vai expontaneamente, contente e satisfeito  
 Festejar nas ruas  
 A Independencia do Brasil!

E nesta festa do coração  
 Enfeitada de verde e de amarelo  
 De tambores, de bandas marciais  
 De hinos, de dobrados e bandeiras  
 Ascende no teu peito a tocha verdadeira  
 Do civismo, do amor e da esperança  
 E que esta chama não se apague mais... (p.106).

Apesar da professora chamar atenção para os alunos incorporarem o sentimento de patriotismo e de religiosidade para festejarem o 7 de Setembro, com entusiasmo e alegria, sabemos que esses sentimentos, para alguns, dependia da recompensa que lhes era dada. O aluno Wanhilton Pessoa (04/07/2005), por exemplo, adequava-se à exigência para obter pontuação necessária à média: “[...] ganhei um ponto porque desfilei no 7 setembro, nos íamos todos empolgados, fazia todo o percurso sem reclamar por causa do ponto na media!!”.

Os desfiles do 7 de setembro eram sempre memoráveis, muitos alunos se orgulhavam de estarem ali defendendo as cores do colégio, outros nem tanto, já que para participar dos desfiles era ofertado um ponto na média da prova. O que demonstra que não eram todos que participavam por amor ao colégio.

Mas, o ex-aluno Léo demonstra um sentimento de pertencimento ao colégio o fato de desfilar no 7 de setembro:

É difícil um verdadeiro ex-aluno do ipep que não desfilou, ou na torre (Juarez Távora, praça São Gonçalo, e Epitácio Pessoa) sendo orientados pelo sempre querido jacinto, ou aqueles que conseguiram desfilar na avenida beira-rio saindo da lagoa, trajando uma bermuda verde com traços brancos e um nome estampado em uma das pernas e com uma camisa branca com o mesmo nome sendo verde, carregando placas, como eu tive a felicidade de carregar e me orgulho de ter estudado neste colégio, não me orgulho por ter levado um pedaço de isopor, mas sim ter entrado e poder estar na história daquele colégio glorioso, e com isso poder ter levado naquela plaquinha "a Paraíba e as suas riquezas" um abraço, e como é bom ser ex-aluno deste colégio que se acabou estruturalmente, mas não nos nossos corações!!!!!!!!!! (Léo,05/06/2007).

O IPEP estava localizado na Av. Epitácio Pessoa, a principal avenida da cidade, que se inicia no centro e termina na praia. A postagem do ex-aluno faz referência a espaços centrais no Bairro da Torre, e a fotografia registra a banda passando em frente ao Liceu Paraibano, a mais importante escola estadual, localizada próxima a Lagoa, no centro da cidade.



**Imagem13:** Desfile da banda na Av. Getúlio Vargas na década de 1980.

**Fonte:** <[http://www.fotolog.com.br/banda\\_ipep/archive](http://www.fotolog.com.br/banda_ipep/archive)>.

Nostalgia dos desfiles é o que expressa outro ex-aluno: “Aqueles desfiles serão mesmo inesquecíveis, me lembro que no início de 90 os desfiles contavam com tanta gente que chegava a impressionar,... Era algo muito bonito de se ver, pena que não existe mais nosso querido IPEP e nenhum outro colégio realize algo do tipo.” (Márcio Simão - 01/05/2005).

Os exemplos de postagens expostos constam a mesma apreciação acerca das aclamadas festas cívicas como os desfiles do dia 7 de setembro, comum no cotidiano escolar que ficariam registradas no imaginário infanto-juvenil daqueles que delas participaram. As falas de Léo e Márcio Simão, ex-alunos do IPEP representam bem a exaltação coletiva dos alunos, atores nesses momentos de entusiasmo e interesse patriótico.

Marcos Levy Bencosta, refletindo sobre os desfiles escolares, chama a atenção para o caráter de construção social que esses eventos têm, os significados e representações que emanam.

Os desfiles escolares entendidos como festa são uma construção social que manifesta em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura cívica inerentes aos seus autores, o que nos facilita entender a identidade que é dada pela compreensão que que esse grupo possuiu acerca do símbolo que justificou a realização do desfile e que registrou de modo duradouro na memória social um sentimento que se propunha a ser coletivo pela união dos anseios de seus atores, delimitada em um tempo e espaço histórico. (BENCOSTA, 2004 p.02)

O autor ainda afirma que os desfiles escolares produziram uma identidade, e que esses rituais foram celebrações resultantes de momentos históricos específicos e, assim, exprimiam contextos permeados por restrições, contestações e contradições, não podendo ser, portanto, um espaço limitado que inibisse a construção de identidades, molduradas dentro do ambiente cultural escolar, mas um campo que permitiu o trânsito de valores e símbolos.

Apesar de ter sido uma escola que ensinava sob rígidas regras, os ex-alunos assinalam a aprendizagem de determinação e atos assistencialistas como aspectos positivos que resultaram das práticas desenvolvidas pela escola. Provavelmente porque ao participarem de tais ações, os vencedores eram recompensados com viagens para Recife, Areia e outras cidades, ou seja, acabavam se beneficiando também. Geralmente essas ações eram realizadas em períodos de seca, acontecimento comum no Estado, e a escola participava de campanhas contra a seca, mobilizando o corpo discente através da realização de gincanas com fins de arrecadar alimentos e roupas para doação.

O ex-aluno Rodrigo Filho descreve o fardamento, as exigências e práticas em torno dessa vestimenta escolar, adotada no IPEP em tempos não tão distantes. A alteração do fardamento da escola marcava a passagem de uma série e de uma unidade para outra. O fardamento da II unidade dirigida por Maria Helena teria que ser usadas nos padrões, havia um rigor na hora de se apresentarem na escola, como fala o aluno: “teriam que está impecavelmente vestido na aula”. Já na unidade I, o fardamento era despojado, permitido usar Jens e sapato sportivo. Mostra a semelhança que Maria Helena tinha com Mãe Professora Maria Bronzeado Machado em sua prática de ensino, pelo rigor comparado aos dos militares. Citada pelo ex-aluno, a disciplina Organização Social e Política Brasileira (OSPB), existiu apenas durante o regime militar, como parte do currículo escolar e se tornou matéria obrigatória a partir de 1969, por meio do Decreto Lei nº 869, que determinava o ensino em escolas de todos os graus e modalidades. Era caracterizada pela exaltação do nacionalismo e do civismo nos alunos.

Verdadeiro símbolo do colégio, essa peça do vestuário ipepiano era amada e odiada em proporções iguais. O que eu achava mais interessante era as alças que existiam no fim das pernas para que elas não subissem ao andarmos. Além disso havia uma pegadinha muito comum que consistia em se aproximar sorratamente por trás da vítima e, subitamente, puxar-lhe o esquete para baixo expondo assim a cueca do infeliz (obviamente apenas os meninos participavam); isso obrigava muitos a vir de calção por cima da roupa de baixo para não passar tanta vergonha caso fosse atingido pela brincadeira. Tínhamos inveja do pessoal do 2º grau, chamado na época de "Científico" ou "Colegial", por que eles tinham permissão para usar calças jeans. A passagem da Unidade II para a Unidade I foi um pouco tensa pra mim. Estava acostumado com aquele ambiente, as pessoas, e as matérias. A Unidade I era um mundo desconhecido e temeroso pra mim, mas lembro de que uma coisa me chamava muita atenção. A matéria OSPB "Organização Social e Política Brasileira". Parecia-me uma grande mudança na minha vida. Crescer, ficar mais adulto e maduro... Sai de um colégio rigoroso, ditatorial, comandada pela Dama de Ferro MARIA HELENA, onde éramos obrigados a usar sapato, calça padronizada e está impecavelmente vestido na aula. Ao entrar no IPEP I, já podia usar Jeans e calçar Tênis, o Tênis TOPPER que o IPEP recomendava na época. (Rodrigo Filho - 30/04/2005).

Já nas décadas de 1960 e primeira metade de 1970, segundos relatos nas redes sociais, o uniforme usado pelas meninas era uma jardineira azul, que posteriormente mudou para calça de terbrim verde e sapatos pretos; depois o tênis foi trocado por um padronizado branco da marca adidas com três listras verdes e assim o IPEP ia se adequando aos costumes de cada época.

Outro ex-aluno, Wanhilton Pessoa (01/06/2007), descreve o interior do colégio, os acontecimentos e as práticas que ali ocorriam.

[...] Muita coisa pra lembrar... quem não comprava din-din antes de entrar no colégio? Comprava figurinha do campeonato brasileiro na banca que tinha onde hoje é uma escola de enfermagem. A oração inicial: senhor, aqui estamos reunidos... O dever de casa era sempre assim: copia tabuada (tinha q decorar), e uma conta na ultima questão do caderno de casa! E ai quem esquecesse o cabeçalho e de pintar o carimbo!Aquele bebedouro gigante? que ia da porta do WC masculino ao WC feminino, q quando tocava no termino do intervalo era maior tumulto, dai vinha jacinto e mandava todo mundo ir pra fila funcionários: Vânia (recepção) , Heraldo e Petrônio (porteiro) jacinto (graaaande inspetor) as aulas de informática? Na maioria das vezes nas sextas-feiras, junto com inglês, desenho e educação integrada (religião). Profª Beth no meu tempo! E os joguinhos em MS-DOS? Dave, Valley, Califórnia games, Mario... Lembram? Quem num sente saudades de jacinto gritando na hora da saída: "quem vai de portadooooor". Jogos internos! Meninos futsal, meninas baleados! A torcida: quem são vocês... 3ª. serie outra vez... Com as bochechas pintadas de batom. Brincadeiras do intervalo: menino pega menina, xerada, linha, pula corda... O colégio era imenso pra quem era criança!

Aulas de educação física com Josué! Era ali onde é a parada de ônibus atualmente! Os hinos... Todos que passaram por aquele colégio sabem decorados! suas pakeras? Dona Gilma e seu trailer fofinhos, cheio de papelzinho pendurados! Gincana! Mobilizava toda escola! E o desfile de 7 de setembro? quem desfilasse ganhava um ponto! Os passeios: Walter park, playcenter, esquadrilha da fumaça... quem nunca ficou por último no colégio pq o pai atrasou? dai vc ficou desesperado ou chorou! Mas tinham vezes q torcíamos q papai demorasse a vim buscar (a brincadeira tava ótima) quem nunca fez bola de meia, ou amassou uma latinha pra poder jogar? Aula de ed artística com profª cristina! "lapis 6b e papel canson". pois é... o mais triste é saber q tdo aquilo passou tao derrepente, q qndo demos conta, estamos aki agora lembrando de mometos q nunca se apagarão das nossas vidas! daria tdo pra poder estar ali de novo, em cada cantinho daquela escola, brincando com meus amigos, correndo pra lá e pra cá! Mais uma coisa eu tenho certeza, são 1679<sup>30</sup> membros q vão bater no peito e dizer: eu estudei no melhor colegio de todos!

Nesta postagem o ex-aluno traz diversas práticas desenvolvidas na escola que abrangem: currículo, gênero, religião, práticas docentes, professores/as, sociabilidades etc. Diante disso, a concepção pedagógica tradicional se apresentava viva no espaço escolar do IPEP, mesmo que de forma “mais ou menos camuflada”, caracterizada pelo exercício de fixação e memorização através da repetição, e da forma hierarquizada com normas rígidas de disciplina.

As brincadeiras que ocorriam no interior da escola IPEP, como os jogos em MS-DOS, Dave, Valley, menino pega menina, charada, linha, pula corda; os passeios realizados pela escola para os alunos: Walter park, Play Center, esquadrilha da fumaça e as aulas de educação física, foram significativas para uma época (brincadeiras e passeios, ainda continuam sendo significativos para as práticas educativas). Para Sousa (2010), essas práticas ocorridas nos espaços escolares foram implantadas durante a transição de uma sociedade punitiva para a disciplinar.

A concepção de que a criança deveria ter espaços livres de movimentação para desenvolver brincadeiras era a justificativa para a existência dos recreios escolares que descansariam as crianças das exigentes tarefas intelectuais. Assim também a educação física e até mesmo as excursões poderiam servir como válvula de escape para a energia infantil que se prendia nas carteiras escolares. (SOUSA, 2010, p.209)

Esses relatos nos trazem aspectos de outras épocas, de como era pensada a educação no interior da escola, quais os valores que eram passados, sejam através das práticas de ensino

---

<sup>30</sup> Deduz-se, referência à quantidade de membros da comunidade do *Orkut* “colégio IPEP”.

ou do conteúdo das disciplinas. Fazem-nos apreender a cultura vivenciada na época descrita, bem como o que ainda está em voga e o que foi eliminado das práticas escolares. Também é interessante observar que a cultura escolar agrega elementos exteriores, quando se percebe que no interior da escola as brincadeiras e os jogos executados são também vivenciados em outros espaços. Ao mesmo tempo a cultura escola extrapola os muros da escola e se dar a ver nas festividades, desfiles e jogos, por exemplo.

As memórias de muitos ex-alunos são arraigadas de nostalgia, tanto em relação à escola quanto ao que ela ensinava. Para Nora (1993), a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações. Em linhas gerais,

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p.09).

Criam-se, inclusive, lugares para guardar a memória.

“Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, apaixonados e glaciais” (NORA, 1993, p.13).

Para Léo Viana (05/06/2007), o IPEP desempenhou um papel importante na formação de sua cidadania.

O IPEP me ensinou cidadania, respeito, a ser uma pessoa melhor com certeza, a ter respeito pelas pessoas, família, amigos,... , quando passo em frente a uma das unidades, a quadra td acabada, é impossível controlar os olhos cheios de lágrimas, pois lembro da minha infância , adolescência , lembro-me da vida, da minha história de vida As pessoas, os alunos, professores, tds tem ótimas lembranças do INESQUECÍVEL IPEP, q só está no coração de quem conheceu , e as nossas posteridades , só vão escutar as nossas histórias, q com certeza iremos contar com um nó na garganta.

Outro ex-aluno, posta, “[...] Quero acreditar que um dia meus filhos iram estudar em uma das únicas escolas que me ensinou o real motivo de estudar com responsabilidade e civismo.” (Ícaro Costa - 21/09/2010).

Para Teixeira (2015, p.3).

A escola armazena grande parte da memória social em decorrência de seu cotidiano e de sua temporariedade. Ela representa o momento de toda aprendizagem através de elementos utilizados na juventude, tais como normas; transmissão de valores; uniformes; caminho percorrido até à escola; brincadeiras e desafios; experiências com o grupo; material didático utilizado e outros acontecimentos que ganham sentido na relação social com o cotidiano. Isso mostra que a escola enquanto lugar de memória é ao mesmo tempo simbólica e material.

Os relatos das postagens mostram o IPEP como uma instituição que tratava seus alunos com bastante rigor, quem saísse das normas comportamentais era punido, o castigo ia desde ficar em pé no sol quente até puxões de orelhas. No relato do ex-aluno Giuseppe W. Pessoa, conhecido por Pepe (01/07/10), diz “[...] lembro-me de coisas boas, mas também de coisas ruins [...] o professor Felix (matemática) e sua irmã felina (inglês), eram de fato professores rigorosos, fiéis a cultura militar da época, resquício de uma ditadura. Entre tantos alunos, sou mais um que ficou com traumas dessa dupla...”. Outro aluno fala do castigo que recebia quando saía das normas do colégio: “[...] seu Edson (falecido esposo de D. Maria Bronzeado) que, com certeza, os mais velhos viram andando sempre de roupas azuis ou brancas e puxando nossas orelhas”. (Dinarte Nóbrega 30/07/2007).

Já no início do ano 1991, começa a diminuir a procura, sem a força de outrora, o IPEP conseguiu chegar ao novo milênio que se iniciou, para alguns, em 2000. Porém, o fim estava próximo, devido, principalmente, à grave crise financeira que estava assolando a instituição. Segundo uma postagem realizada no dia 27/12/2005, na comunidade Colégio IPEP, em uma enquete para saber o real motivo do fim do referido colégio, um ex-aluno, que não se identifica, posta:

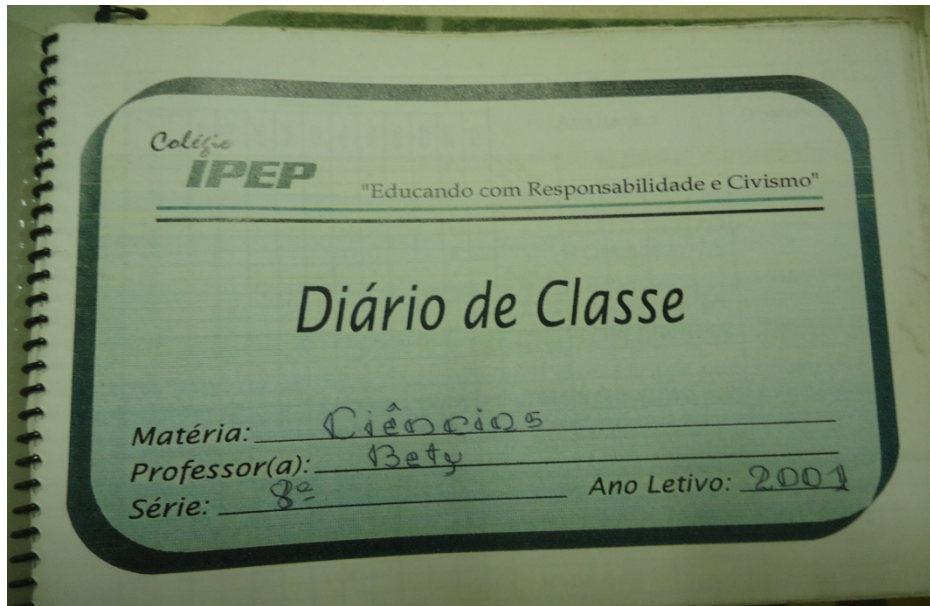
[...] o IPEP se fez império pelas mãos de dona Maria Bronzeado [...] depois da morte dela pelos anos 80, o império que tinha três unidades, uma frota de ônibus e um super ginásio, começou a ter muitos donos, aí foi só questão de tempo, e o império veio a baixo, a contagem regressiva começou 1995, quando ainda havia cinco turmas por série, até chegar em 2001 se arrastando com uma turma só por série.”(ANÔNIMO 27/12/2005).

Acima o ex-aluno diz que a contagem regressiva inicia-se em 1995 quando ainda existiam cinco turmas por série, no entanto, as atas registram que a decadência se inicia em 1991. Em 1995 na unidade II só existiam duas turmas A e B, com uma média de 15 alunos por turma. Em 2001 uma turma para cada série, existindo turma com cinco alunos.

Para muitos, o Colégio veio à ruína pela desorganização dos que estavam à frente, nos anos 1990, que se dedicaram mais aos jogos escolares, esquecendo de investir no quadro de professores. É o que expressa o ex-aluno Gláucio Alberto (27/06/2006).

[...] O Ipep na época rivalizava com o PIO X pela liderança em João Pessoa. O problema foi que o colégio se enveredou pela dedicação aos Jogos escolares como forma de propaganda, o que até aí é saudável, porém se utilizou do programa de bolsas pra alunos vindo de todas as partes pra defender o colégio, no qual eles tinham sempre a garantia de passar de ano. Resultado? muita bagunça e gente até sem nível pra frequentar na época um dos mais caros colégios da cidade... não investiram no quadro de professores, onde era comum alguns deles pouco preparados e na maioria das vezes ex-alunos de la mesmo...Uma pena, pq no meu tempo o IPEP tinha: A melhor banda (junto com a Escola Técnica), O melhor time de pessoa. Na época em que estudei la (1980 a 1983) ele tinha mais de 4 mil alunos só na Unidade I Vôlei, Handebol e era bom em Atletismo e Polo Aquático. Uma pena que tudo isso não sobreviveu uma era.

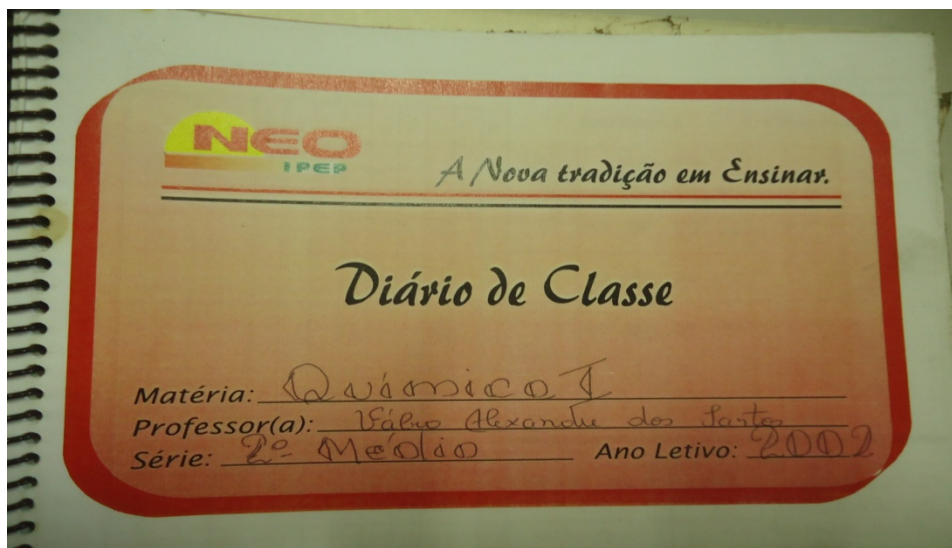
A partir da análise das fontes podemos supor que um dos motivos para o encerramento das atividades da escola foi a direção não ter adaptado o IPEP às exigências que o mercado educacional impunha para esse contexto; o mercado ficou mais competitivo, existindo colégios com curso preparatório para o vestibular, enquanto o IPEP ainda no ano de 2001 estava com o mesmo slogan da década de 60 “Educando com responsabilidade e civismo”, conforme se vê na imagem do diário de classe. Por outro lado, é bastante comum instituições escolares permanecerem no mercado por um curto período. Poucas são as que se mantêm ativas e com força de outrora. No Arquivo da Inspeção Técnica de Ensino do Estado da Paraíba (Setor de Escolas Extintas-STE) percebemos um enorme acervo documental de instituições escolares que finalizaram suas atividades com menos tempo que o IPEP.



**Imagem 14: Diário de classe do ano 2000 do IPEP**

**Fonte:** Arquivo da Inspeção Técnica de Ensino do Estado da Paraíba (Setor de Escolas Extintas –STE). João Pessoa, PB.

No ano de 2002, muda o slogan para “A nova tradição de ensinar”, mais um indício para deduzirmos que o IPEP ficou para trás em relação ao conceito de educação vivenciado naquele momento por outras instituições de ensino. Quando buscou se adequar já era tarde; não se ajustando ao contexto político-econômico-social, veio o declínio. Encerrou suas atividades em 2002.



**Imagem 15: Diário de classe do ano 2002 do IPEP.**

**Fonte:** Arquivo da Inspeção Técnica de Ensino do Estado da Paraíba (Setor de Escolas Extintas –STE). João Pessoa, PB.

Segundo assinalam seus ex-alunos nos depoimentos postados nas redes sociais citados neste texto, foi um “triste e melancólico fim da instituição de ensino que formou várias gerações de paraibanos”. Fica claro um lamento por um colégio de tanta tradição acabar.

Identificamos na análise das postagens semelhanças nas vivências ocorridas no IPEP, onde ex-alunos possuem em comum memórias que lhes atribuem significados simbólicos e afetivos, suscitando lembranças da época estudantil, vivenciados na infância e adolescência.

Suas lembranças do espaço escolar misturam-se a todo um conjunto de experiências educativas que tiveram também lugar no espaço externo ao próprio prédio do IPEP. Como as festas juninas e cívicas, e as apresentações dos jogos escolares, realizados em outros estados.

Suas memórias educativas são caracterizadas pelas manifestações de idolatria e saudosismo ao IPEP. Questões sobre civismo, religiosidade, rigor, punição, são constantemente encontradas em seus relatos.

Vale ressaltar a importância das redes sociais para esse estudo, sem essa ferramenta não teria sido possível conhecer práticas vividas dentro e fora da escola IPEP, durante o período pesquisado. Em contrapartida, percebe-se que sua história é desconhecida pela maioria da comunidade jovem de hoje. Os relatos expostos nas redes sociais dos ex-alunos ipepianos tornou possível saber como era suas experiências educativas na época, o que se diferencia das de hoje e quais permanecem. Por exemplo, as punições físicas, os constrangimentos, a disciplina para entrar na escola, as matérias Educação e Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política Brasileira), são fatos extintos do sistema educacional, pelo menos oficialmente.

O espaço escolar e a figura da professora Maria Bronzeado Machado são atrelados, quando os ex-alunos expõem suas memórias sobre os tempos e os lugares das experiências escolares. O IPEP resiste no tempo, seja em seu significado simbólico, nostálgico e/ou afetivo.

Logo é possível constatar nos relatos acerca do ensino e das festividades escolares e não escolares que a finalidade educacional pensada pelos governantes e intelectuais da época, visando à formação da identidade nacionalista da criança, foi apropriada pela diretora, professores e alunos do IPEP, e materializada pela prática docente.

# **CAPÍTULO III**

## **CONCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DE EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA NAS MEMÓRIAS DA PROFESSORA MARIA BRONZEADO MACHADO**

### 3.1 A PROFESSORA E POETA NA IMPRENSA

Maria Bronzeado Machado além de professora e empresária era poeta, atividade que por muito tempo no Brasil, poucas exerciam, e por vezes vista negativamente.

[...] em meio a elogios, os críticos embutiam uma censura à mulher que ousava escrever e se meter em lutas políticas. “Frágil e gentil poetisa” é um qualificativo que desqualifica, na medida em que reserva a “esfera adequada” para a poeta: a do sentimentalismo-chão. Ao mesmo tempo, “gentil” cria uma categoria à parte, a autora não é dita profissional ou amadora, mas mulher. (TELES, 2010, p.423)

O ingresso da mulher na escrita, de um modo geral, foi sendo marcado por grandes dificuldades ao longo da história. No início do século XX no Brasil, ainda eram poucas as mulheres que tinham acesso à educação. Somente após muita luta, foi possível, mesmo que de modo tímido, conseguir acesso à escrita e assim expressar suas ideias. O texto literário, e mais especificamente o poema, revelou-se como uma das formas mais aceitas de expressão do pensamento feminino, assim como o romance aparecia como sua leitura preferida, ora permitida, ora proibida, conforme fosse o seu conteúdo e os tabus da época.

Os estudos mostram que as mulheres enfrentaram (ainda enfrentam) muitos desafios. No âmbito literário, a luta era para serem reconhecidas como escritoras, além do desafio de se libertarem dos estereótipos impostos pela sociedade patriarcalista, de que a mulher é um ser frágil e de um intelecto inferior aos dos homens, ou seja, sem “direito” a instrução que lhes cabia visava ao adequado exercício de dona de casa, boa esposa e mãe dedicada.

O acesso à leitura, à escrita e a inserção na imprensa foram etapas trilhadas pelas mulheres com muito esforço e embates para garantir o direito à expressão e à defesa da cidadania. As pesquisas feitas sobre a inclusão das mulheres na imprensa mostram que foi no século XIX, que no Brasil surgiram as primeiras publicações voltadas para o universo feminino, vale lembrar que estas eram escritas por homens, e retratavam assuntos como, moda, literatura, culinária, cuidados domésticos e regras comportamentais.

Somente na década de 1850 do século XIX, 44 anos mais tarde do surgimento da imprensa no Brasil, é publicado o primeiro jornal feminino feito por mulheres. Porém, elas já atuavam nos bastidores como colaboradoras, abrindo espaço gradativamente para a inserção na imprensa como escritoras, ainda que em alguns casos sob o disfarce de pseudônimo masculino.

Curiosamente, os textos publicados não eram assinados, deixando as colaboradoras em convenientes anonimatos. “até a autora da seção de modas mostrava-se muito temerosa de um possível ridículo e, admitindo que lhe faltasse a coragem da editora, requereu seu anonimato fosse mantido” (LIMA, 2007, apud CASADEI, 2011, p.4, grifo da autora).

Já ao longo do século XX, além da gradativa incorporação das mulheres aos veículos de comunicação, aos poucos vão assumindo temas voltados aos direitos das mulheres, como participação política, condições de trabalho e mudanças culturais.

O acesso da mulher à escrita, tanto como leitora quanto como escritora pode ser considerado uma verdadeira revolução, pois provocou alterações na ordem social econômica, política e cultural. “Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionavam como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações”. (TELLES, 2010, p. 401)

Compreendendo o discurso da imprensa paraibana como espaço sócio - histórico em que se pronuncia poder e mudanças sociais, analisamos algumas marcas da construção feminina na imprensa paraibana, através da publicação de poemas, discurso e notícias da e/ou sobre a professora e poeta Maria Bronzeado Machado, que escreveu para jornais e revistas de sua época. Publicou em jornais e revistas como: Revista Manaíra, jornal “O Século”, jornal “A voz de Remígio”, “O Smart”, “A União”, “O Norte”, Boletim do “Clube de Engenharia” e “A Imprensa” e o Livro Flôres do Caminho.



**Imagem 16: Maria Bronzeado Machado na fazenda Serrinha.**

**Fonte:** Documentário sobre a vida de Luiz Costa Araújo Bronzeado. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=ZfAB5cBMRyU>

Durante a pesquisa feita no Jornal A União (1950-1970), percebemos que poucas mulheres tinham seus textos publicados nesse jornal, são elas: Eudésia Vieira, Daura Santiago Rangel, Olivina Carneiro da Cunha e Maria Bronzeado Machado. Escreviam sobre gênero, educação, ortografia, métodos de ensino, etc.

Como as mulheres escritoras encontradas durante a pesquisa, Maria Bronzeado Machado também teve seus escritos publicados nos jornais e revistas, e seu nome era constantemente divulgado na imprensa paraibana. Publicava poemas de cunho romântico, discursos, crônicas e artigos de fundo social e educativo.

Em vários dos seus escritos Maria Bronzeado revela a história de sua infância, da convivência com seus familiares, das angústias e das vitórias no decorrer de sua trajetória profissional, que muitas vezes se confunde com a sua vida pessoal, pois lendo seus textos parece quase impossível dissociá-las.

No ano de 1958 ela publica dois poemas de caráter romântico no Jornal A União, que se intitulam: *Dize Porque e Por que?*

No período pesquisado 1940 a 1970, no jornal a União, não localizamos textos desse gênero com frequência. A maioria das mulheres usavam o espaço para reivindicar ações consideradas adequadas para a sociedade ou até mesmo para seus próprios direitos, enquanto mulher ou profissional. Na década 1950, a poeta escrevia no poema intitulado *Por que?*

Estudando Geografia  
Eu me lembrei de você...

Dois bilhões de habitantes tem na terra!

Porque entre dois bilhões de seres  
Só você me faz vibrar,  
Só você me entenece  
Só você me faz sonhar?

Por que entre quatro bilhões de olhos  
Eu só vejo no mundo o brilho dos seus olhos!  
Por que entre dois bilhões de bocas  
Eu só escuto embevecida,  
As palavras que vêm de sua boca?

Porque entre todas as vozes da terra  
Somente a sua voz tem o dom de me encantar?  
E só ele me enche a vida de harmonia?  
Só ela escuto no silêncio da noite  
Acima dos rumores da terra

E da própria cadência do mar!

Oh! Meu amor!  
 A sua voz é como a voz do sino  
 Chamando a oração  
 Porque você e só você, amor  
 Teve penhor  
 E me fazer pulsar o coração!

No poema a professora e poeta trata de um sentimento enternecido, idealiza a pessoa amada como sendo o único ser a existir entre milhões, relaciona o estudo da Geografia que é uma ciência que nos permite compreender melhor o planeta em que vivemos, para destacar seus sentimentos pela pessoa amada. Também no mesmo poema traz elementos da sua doutrina cristã (católica), como o sino e a oração.

Contemporânea das mudanças sociais concretizadas na segunda metade do século XX, a poeta traz em si ainda os traços das mocinhas do século XIX adentrados no século XX, que prescreviam para a felicidade de toda mulher um amor ideal, correspondido. Assim, os pensamentos e estados de alma dilacerados, porque enamorados, espriavam-se pelos poemas, numa prática que se perpetuou por muito tempo. A mulher do ideário patriarcal ansiava por um modelo de amor romântico, com discurso poético e emocionado.

No poema *Dize porque* a poeta faz uma comparação do amor que ela sente pelo amado ao amor que a mãe sente pelos seus filhos. Isto significa tirar toda erotização desse sentimento, que de fato existe entre um homem e uma mulher que se querem. Significa, também, atribuir uma “pureza” e uma castidade ao sentimento que alimenta.

Teus olhos estavam tristes e sombrios  
 E a tua voz esquiva e melancólica  
 Quando te vi a derradeira vez...  
 Por que, amor?  
 Posso saber por que?

Se já não me queres  
 Se o meu carinho já não te entenece,  
 Se o meu amor tão puro já não basta,  
 Vai!  
 Tu és livre como as borboletas  
 Podes voar seguindo o teu destino.  
 Eu não te prendo. Vai!

Não te comova jamais o meu sofrer.  
 Mesmo no sofrimento,  
 Na solidão, no frio isolamento,  
 Inda serei a mesma a te querer...

Se o teu novo amor te amargar  
 Se ferires as asas nos espinhos,  
 Se um desengano te fizer chorar,  
 Volta novamente  
 Repousa outra vez a cabeça no meu ombro  
 E chora... como antigamente!  
 Eu enxugarei o teu pranto,  
 Beijarei os teus olhos  
 E acariciarei os teus cabelos...  
 Porque, amor, até o infinito,  
 Eu te amarei como a ninguém amei.  
 O meu amor é puro como o amor materno,  
 Não te pede favor nem recompensa,  
 E nem exige retribuição...  
 Isento de ciúme ou de pecado,  
 Só uma coisa é sua aspiração:

Que te deixeis amar, no pensamento  
 Serenamente,  
 Ternamente  
 De todo coração!

Maria Bronzeado Machado utiliza nos dois poemas elementos da natureza para associar ao amor. É o amor doação, renúncia, natural como a natureza. É o amor que sofre, que perdoa. O ideal cristão de amor, por ser educada dentro dos princípios religiosos (Católicos) evidencia em seus poemas seus princípios morais de conduta condizentes com o que a Bíblia prega (BÍBLIA, I Co 13:4-5,7) “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca seus interesses, não se irrita, não suspeita o mal; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

Em seus poemas, a professora apoia-se em valores universais e populares, como os das paixões e emoções, da fé, dos ideais religiosos. Os sentimentos expressos em seus poemas são condizentes com os padrões amorosos da época: o sofrer de amor, o falar de amor, o esperar por um amor eram atitudes, se não desejadas, “permitidas” às mulheres, frágeis seres, dependentes do amor masculino. Ao homem cabia escolher a parceira: a mais prendada, a mais ajuizada, a mais preparada para exercer a função de mãe e esposa. Ao homem cabia,

também, iludir e desiludir. Padrões amorosos regidos pelas relações de gênero que determinavam ser o homem a razão e a mulher a emoção.

Na história, as mulheres ganharam espaços através de muitas lutas para reivindicar seus direitos. Sejam elas brasileiras, americanas, europeias e etc.; brancas ou negras, todas tiveram muitos percalços para chegar onde estão hoje. Embora esteja claro também que não só a questão de gênero que define as conquistas das reivindicações. Somam-se a esta os aspectos de raça, classe social, cultura, geração, escolaridade etc. Para adentrar no campo da imprensa a tarefa não foi nada fácil.

Tiveram que primeiro ser subordinadas e confinadas para as áreas marginais da notícia, para depois encontrarem na imprensa alternativa um meio para manifestar seus direitos, valores e seus ideais. Assim, a mulher depois de muitas lutas ganha espaço e notoriedade. Nessa direção, Bernardo (2011, p.3) cita que:

Já não há mais dúvidas de que as mulheres sabem, inovar na reorganização dos espaços físicos, sociais, culturais, [...] sabem inovar criativamente, abrindo o campo das possibilidades interpretativas, propondo múltiplos temas de investigação, formulando novas problematizações, produzindo uma outra história, construindo novas formas de pensar e viver.

E sem dúvidas a imprensa foi um dos meios que melhor permitiu a discussão a respeito da emancipação da mulher, neste espaço, as mulheres expressavam suas opiniões, traziam novas indagações sobre a condição feminina no que dizia respeito aos seus direitos até então ignorados pela sociedade.

A professora Maria Bronzeado Machado oscilava entre as publicações do gênero romântico, reivindicatório e discursos sobre a educação, por ser dona de uma instituição escolar, na época, sua presença era marcante nas páginas dos jornais, as publicações iam de propaganda das atividades escolares a discursos em datas comemorativas.

Parafraseado Lima (2007), o reconhecimento da imprensa como importante fonte histórica tem nos apresentado com a possibilidade de resgatar momentos passados do cenário da nossa vida cotidiana. Pois a imprensa registra, comenta, forma opiniões, distrai; através de suas palavras e imagens reencontramos valores e comportamento perdidos.

Torna-se perceptível a importância da imprensa como fonte para pesquisar sobre a história das mulheres, pois foi/ é o veículo por onde mais as mulheres expressavam suas ideias e opiniões, conquistas e valores. Segundo Perrot (2008, p.17), “As mulheres deixam

pouco vestígio diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas”.

Pelas inúmeras vezes que seu nome aparecia na imprensa, nos faz acreditar que a professora Maria Bronzeado Machado tinha consciência dessa riqueza documental. Diante das diversas experiências que marcaram a história das mulheres na imprensa, é possível pensar que esse foi um meio de resistência e construção de identidades, uma vez que o discurso projetado nos veículos constitui também um fazer/agir da mulher, que conquista espaço na esfera pública a partir de suas estratégias de visibilidade. Trata-se, portanto, de uma história marcada por lutas e por conquistas femininas que se fazem, ao mesmo tempo, no âmbito social e jornalístico.

Assim as mulheres reverberavam pela imprensa suas ideias, pensamentos e seus movimentos culturais, conquistando através da palavra escrita um espaço relevante na luta de resistência social à exclusão.

### **3.2 O ENSINO RELIGIOSO: “FREIO QUE DETÉM A HUMANIDADE PARA O ABISMO”.**

A sociedade brasileira desde sua formação teve uma educação que visava garantir àqueles que tinham acesso à escolaridade uma formação cultural enquadrada na moral e na doutrina católica. Dessa forma a religião pode ser vista como integrada à organização social e política brasileira desde o início da colonização.

Para tanto, o que os estudos nos mostram que a Igreja se mobilizou ao longo da história para garantir a permanência dessa disciplina no currículo das escolas públicas. Especialmente a igreja católica, que cinge a crença da maioria da população brasileira.

Para a Igreja, o ensino laico era uma violência imposta à consciência cristã, à tradição religiosa do país. Assim, ela reclamava para si a competência para com a educação moral dos brasileiros, colocando-se como a única instância capaz de inculcar os valores humanos e formar os bons cidadãos, que era de interesse da sociedade. (MUNIZ, 2014, p.66).

Estado e igreja sempre estiveram às voltas com essa discussão. A igreja querendo sempre o seu poder, o Estado ora ratificando, ora negando, ora diminuindo. Às vezes os

estado faz vistas grossas à interferência da religião na educação, o que resulta desses embates verdadeiros ou falsos é a enorme interferência da religião, principalmente a católica, no interior das escolas, na vivência dos currículos, num estado que se diz laico.

Para Domingos (2009, p.55-56)

No mundo de hoje, a tolerância e a laicidade não podem encontrar bases mais sólidas que o conhecimento e o respeito do outro, pois é o enclausuramento e a ignorância que alimentam os preconceitos e os comunitarismos. Reforçar o conhecimento das religiões, melhorar o ensino do fato religioso [...] confortará o espírito de tolerância nos nossos concidadãos, dando-lhes meios de melhor respeitar uns aos outros.

Ainda segundo essa autora, a laicidade não é um produto cultural espontaneamente surgido de uma tradição particular, mas uma conquista de uma sociedade que buscou separar-se do poder teológico e político tradicional, estabelecendo a necessária distância entre um poder e outro.

No entanto, a relação entre o público e o privado, o secular e o religioso marcou a história do Brasil e conseqüentemente, da educação, e ainda se faz presente em nossos dias. No texto “Necessidade do Ensino Religioso”, a professora Maria Bronzeado explicita um pouco da história do ensino religioso nas escolas e demonstra sua insatisfação com a falta de obrigatoriedade do mesmo na escola primária.

Antigamente, era o ensino religioso, obrigatório nas escolas primárias do Estado. Agora que essa matéria é facultativa dentro do horário escolar, são poucas as professoras que incluem no seu horário. As matérias principais, Português, Aritmética, Geografia e História devem ser repetidas quase diariamente. Porque não se suprimiu uma destas aulas, uma vez por semana, a substituí-la por uma aula de religião, tão útil e necessária? [...] A religião é o freio que detém a humanidade na sua carreira para o abismo. (MACHADO, 1986, p.135).

Identifica-se esse momento como a década de 1970, quando foi promulgada a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira (LDBEN) de Nº 5.692 de 11 de agosto de 1971, redigida no momento em que vigorava no Brasil uma política ditatorial, militar, e a tônica era uma educação que assegurasse seus ideais.

Assim, pode se analisar o artigo 7º que impõe a obrigatoriedade de incluir disciplinas como Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus. E acrescenta, em parágrafo único,

o ensino religioso como disciplina facultativa em horários normais dos estabelecimentos de 1º e 2º graus.

Segundo Dickie, o ensino religioso na constituição brasileira se apresenta assim:

Das constituições republicanas (1891, 1934, 1937, 1946, 1967, 1988) a primeira é a única que exclui totalmente o Ensino Religioso das disciplinas escolares regulares. Nas constituições subsequentes, ele é inserido como facultativo<sup>31</sup>, devendo ser ministrado para os alunos conforme sua filiação religiosa e de acordo com uma consulta aos pais. A partir da constituição de 1934 até o final da década de 1960, o ensino religioso caracterizou-se como “catequese” na escola, reproduzindo na esfera do ensino público o que acontecia nas escolas confessionais, ficando a cargo das Igrejas a definição de professores e conteúdos. (2008, p.2).

No entanto, mesmo o ensino religioso sendo facultativo pela lei, nunca deixou de existir, continuava sendo exercido nas escolas, fazendo parte da formação dos educando, e a igreja católica continuou exercendo influência na definição de normas de conduta e costumes na sociedade como um todo, inclusive na política e na educação. Pois a educação não é, porém, neutra, é diretamente influenciada pelos valores e pela cultura de grupos. Comportamentos, crenças, ideias e atitudes podem ser intrinsecamente baseados em convicções religiosas.

Percebe-se essa influência nos escritos da professora, quando nos expõe uma mulher inserida em seu contexto e marcada pelos preceitos religiosos de sua formação, que transmite em seus escritos a ideologia da igreja católica. É o que afirma a professora no texto já citado, quando faz uma espécie de desabafo ao verificar que algumas professoras asseguram não serem necessárias as aulas de religião, pois as crianças devem e gostam mais de aprender estas coisas das próprias mães.

Algumas professoras afirmam não serem necessárias as aulas de religião, pois as crianças devem e gostam mais de aprender estas coisas dos lábios de suas mães. Mas estas crianças que são escolares de hoje, serão amanhã, pais e mães de família. Como poderão elas dar uma instrução religiosa aos seus filhos se eles não a tiveram? Se desconhecem muitas vezes, a essência da religião, isto é os dez mandamentos? Se ignoram a Lei - o princípio, a base de toda a religião, que saberão ensinar da Lei do Amor, do Perdão, da Caridade e da humildade, recomendada por Cristo, no seu amável sermão da montanha? (MACHADO, 1986, p.135).

---

<sup>31</sup> Permanece hoje, como facultativo.

Embora a professora compreenda que o Ensino Religioso tenha limitação no espaço escolar, reconhece também como um lugar especial para a experiência de fé, do perdão, da caridade e da humildade, vê esses princípios como essenciais para a família e para a comunidade. Para Souza (2013, p.31).

A escola se tornou a agência redentora para um povo. O Ensino Religioso é considerado transformador da educação (e da sociedade), já que sua finalidade é a formação e as demais disciplinas buscam mais informar. Daí que esse Ensino é eficiente, pois lida com a educação e não apenas com a instrução.

Ainda segundo o autor, quando falamos de Ensino Religioso, a referência é explícita à opção por uma ética de respeito ao outro, do diálogo, acentuando o caráter comunitário e, portanto, o relacionamento social como fator básico dos pressupostos educacionais. Nesta perspectiva, a religião é ensinada como forma de educar para a humildade, generosidade, paciência, equilíbrio e piedade. É o que afirma a professora Maria Bronzeado

Se cada indivíduo, cada família, cada comunidade, observasse fielmente os dez mandamentos da Lei de Deus, podiam ser demolidas todas as cadeias, suprimida toda a polícia, toda a força militar, derrubadas todas as cercas e paliçadas. A grande soma de dinheiro que a humanidade desperdiça para sustentar tantas instituições repressivas do mal, pagar juízes, promotores e outros defensores da justiça, seria empregado para casas de caridade, abrigos para a infância e a velhice desamparadas; para erguer escolas e colégios, para amparar enfim nossos irmãos mais infelizes e desgraçados. (MACHADO, 1986, p.136).

Para a professora Maria Bronzeado Machado, o conhecimento religioso de cada indivíduo é o que vai fazer a diferença na ideia de integração entre a formação pessoal e social, entre o desenvolvimento das personalidades individuais e o absoluto exercício da cidadania. Com sua opinião, o ensino religioso possui uma força ética muito grande, cuja dinâmica tem seu significado dentro da escola. E é nesse processo de ensinar e aprender que, assim como as demais disciplinas, pretende resgatar a totalidade da vida humana na sua singularidade individual e social e nas suas variadas dimensões. Portanto a professora afirma:

É preciso, pois, que o ensino religioso volte, obrigatoriamente, às nossas escolas. Não o ensino abstrato, que cansa e aborrece, mas o ensino da verdadeira religião, da sociologia pregada por Cristo. Que Cristo, o maior dos Mestres, o Manso, o Bom, o Amigo, volte a reinar em todos os corações, em todos os lares do Brasil e do mundo, começando pelas escolas. (MACHADO, 1986, p.136).

Nos escritos da professora e poeta, sua defesa pelo Ensino Religioso é visivelmente percebida, incorpora como sendo primordial para a “salvação da sociedade”, com a religião inserida nas escolas o mundo seria “perfeito”, sem maldade.

Junqueira e Wagner (2011) consideram que o Ensino Religioso na história da Educação no Brasil, com mais de 500 anos, continua marcado por uma série de fatos históricos que podem ser traduzidos como dificuldades, avanços e novas perspectivas.

Ao se falar em dificuldades, é possível afirmar estarem estas ligadas a questão de poder, questões econômicas e políticas, questões estruturais de organização de sistemas que sejam educacionais ou eclesiais, questões de concepções, que a cada movimento da sociedade e a cada reforma de ensino é possível registrar. E, ao falarmos em avanços, registramos: a nova concepção do entendimento e reflexão do Ensino Religioso, como uma disciplina da área do conhecimento. A criação de cursos, em Instituições de Ensino Superior, oportunizando a licenciatura plena, com habilitação em Ensino Religioso, especialização e outros, além de novo espaço e alcance deste ensino na mídia, na escola, na sociedade e nas pesquisas acadêmicas (JUNQUEIRA; WAGNER, 2011, p. 17).

Ainda segundo os autores, o Ensino Religioso está sendo cada vez mais desvelado, deixando de ser mítico, e fazendo normalmente parte integrante da formação e personalização do cidadão.

No texto da professora Maria Bronzeado Machado, o Ensino Religioso é a disciplina essencial para a formação do caráter do indivíduo, por responder aos questionamentos existenciais mais profundos do ser humano e possuir uma importância fundamental para uma configuração de um modelo ético para a sociedade. Porém os princípios da religião aos quais a professora se refere são do Cristianismo, mais especificamente do catolicismo.

Essa preocupação da professora Maria Bronzeado Machado com a educação agregava vários elementos como a religiosidade conforme vimos nesse item, e o aspecto moral que será destacado a seguir, através do que está posto em seus textos.

### **3.3 EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA: “ENTUSIASMO” E “AMOR À PÁTRIA”.**

Em seus escritos, Maria Bronzeado Machado expõe seu amor do magistério e a forte influência adquirida durante sua formação, a do Ensino Cívico e Religioso, cultivados durante

toda a sua atuação como professora e diretora, considerando-os como fatores mais valiosos na formação do educando.

No texto de sua autoria “O civismo na formação do caráter do educando” cita o livro Porque me ufano do meu país, do autor Conde Afonso Celso<sup>32</sup>, considerado pela professora o evangelho cívico. Certamente sua formação teve influência das leituras feitas do livro citado já que o mesmo, segundo Bastos (2002), tornou se leitura obrigatória nas escolas secundárias brasileiras no período da primeira república, tendo várias edições e traduções com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica e social, um pequeno manual de educação cívica.



**Imagem 17:** livro Porque me ufano do meu país do autor Conde Afonso Celso

Fonte: <http://blogs.band.com.br/follador/teste-de-post>

---

<sup>32</sup> A razão de o autor escrever esse livro era comemorar os 400 anos de descobrimento do Brasil e enaltecer o seu enorme potencial. Diz-se, foi o início dos ditos populares de que Deus era brasileiro e o Brasil o país do futuro. Fonte: <http://blogs.band.com.br/follador/teste-de-post>.

Segundo o texto de Onghero (2008), o ensino de Educação Moral e Cívica passou a compor os currículos escolares a partir da Proclamação da República, em certos períodos, como disciplina escolar e, em outros, como prática educativa. Após a instalação da ditadura militar, foi incluída como disciplina escolar obrigatória e prática educativa. Fonseca aponta a diferença entre disciplina e prática educativa:

Enquanto a disciplina envolve atividades sistemáticas e programadas dentro do currículo, a prática educativa visa à formação de hábitos do educando de uma maneira abrangente, envolvendo os vários aspectos desta formação, perpassando pelas várias disciplinas. (FONSECA, 1993, Apud ONGHERO, 2008, p.109).

Após o golpe militar de 1964, a Educação Moral e Cívica recebeu nova ênfase, em 1969 voltou a ser disciplina obrigatória nos currículos escolares, durante esse período no Brasil pretendia-se formar indivíduos que se adequassem à nova ordem social. O Estado mudou a sua forma de intervenção sobre todas as instituições, inclusive na área educacional. Sendo uma destas mudanças a implementação e obrigatoriedade da Educação Moral e Cívica instituída pelo Decreto-Lei nº 869, de 12 de Setembro de 1969.

Esse acontecimento foi recebido com deslumbre pela professora Maria Bronzeado, quando diz:

Bendita e abençoada hora em que os três ministros Militares no Exercício da Presidência da República, por se encontrar enfermo o Presidente Marechal Artur da Costa e Silva, baixaram o decreto 869 de 12 de setembro de 1969, determinando o retorno às nossas Escolas de Ensino de Educação Moral e Cívica. Esta feliz decisão, posta em prática no governo do grande Presidente Garrastazu Médici, assessorado pelo seu brilhante Ministro de Educação e Cultura Jarbas Gonçalves Passarinho, veio preencher uma grande lacuna nas práticas educativas dos currículos do Ensino Brasileiro e para nós professores, que cuidamos da formação do caráter da juventude, pode ser comparado àquele brado de D. Pedro I, ao proclamar a Independência do Brasil. (MACHADO, 1986, p.150).

A professora nos expõe esse momento como sendo primordial para a “salvação da pátria”, pois a mesma acredita que sem essa disciplina no currículo escolar não seria possível professores darem uma formação adequada para a juventude. Também no mesmo texto evidencia sua preferência pelo modelo de governo da época e critica o modelo anterior. Quando diz:

Só quem sofreu o que nós sofremos como Diretora de Colégios, antes da Revolução de 1964, é que pode avaliar quanto foi oportuna e necessária aquela decisão. O País beirava o caos e marchava em passos acelerados para

o abismo. Não se estudava mais. Nos colégios, reinavam a indisciplina, a desordem e a anarquia generalizadas. Desaparecera da juventude aquele respeito sagrado e construtivo devido aos pais e aos mestres. [...] Bendita e abençoada hora em que o Exército Brasileiro tomou a si a responsabilidade de dizer: **Basta!** (MACHADO, 1986, p.150, grifo da autora).

Identificamos essa passagem no período de 1946 a 1961, período da elaboração e a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 4.024/61) ocorrida em meio a uma ampla discussão teórica sobre as mudanças necessárias para que a educação brasileira se modernizasse.

Os estudos assinalam um grande embate político-ideológico acirrado, de um lado por educadores, intelectuais, militantes e sindicalistas, os chamados reformadores, e do outro encabeçado pela Igreja e a iniciativa privada leiga.

Na observação de Romanelli (1984), os privatistas entendiam a intervenção do Estado na educação como uma ação nociva, já que o levava ao monopólio, comprometendo a liberdade de ensino e os princípios do ensino católico. Este posicionamento, centrado nos interesses da Igreja Católica que, diga-se de passagem, estava comprometida com as grandes forças conservadoras aristocráticas, apresentava também a preocupação com a democratização que o país vinha passando, isto porque, durante muito tempo, a Igreja exercia exclusividade e desfrutava das benesses do Estado em relação ao ensino e não queria a perda dos privilégios políticos. Discordando dos que lutavam pela democracia.

A professora e poeta Maria Bronzeado, por ser empresária dona de escola e defender os princípios da igreja católica, deixava evidente sua discordância com o que estava acontecendo nesse contexto. Pelo favorecimento que o regime militar lhe deu, evidencia-o de maneira honrosa, sendo para ela o melhor modelo de governo, o contrário seria a desordem e a anarquia. Sua instituição de ensino (IPEP) tinha caráter misto e particular, com personalidade jurídica, sendo reconhecido de utilidade pública pelo Governo do Estado e registrado no C.N.S.S. do Ministério de Educação e Cultura sob o número 32.496.

Segundo Cury (1992), a primeira LDB 4.024 de 1961 e a Lei 5692 de 1971 da ditadura militar permitiram a concessão de recursos públicos para as instituições de caráter privado. A privatização do ensino, desigualdade social e o abismo entre escolas públicas e particulares foram algumas das consequências dos 21 anos de regime militar no Brasil.

Porém, sabemos, através da história, que o Estado na tentativa de controlar todos os aspectos da vida social, político, econômico, cultural e educacional, tinha a intenção de

convencer os indivíduos de que as diversas ações colocadas em prática, pelos dirigentes do regime, fossem beneficiar a todos.

Vemos no Art. 2º do Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que a Educação Moral e Cívica, apoiando-se nas tradições nacionais, entre múltiplas finalidades uma delas era o preparo do cidadão para o exercício das atividades cívicas com fundamento na moral, no patriotismo e na ação construtiva, visando ao bem comum.

O regime autoritário tinha uma preocupação de manter o controle político e ideológico, na formação dos cidadãos, e usava as escolas e universidades para disseminar essa ideia. Essas ações para Assis, (2009, p.7).

Eram entendidas como antidemocráticas, propiciaram a formação de um modelo educacional onde a figura do professor restringia-se apenas a “transmitir conhecimentos”, avaliar alunos através de provas ou aplicar-lhes punições por infrações cometidas [...].

Na fala dos ex-alunos, a professora Maria Bronzeado se encaixa nesse perfil, já que a mesma era vista como ditatorial, pelas punições que dava àqueles que infringiam os regulamentos de sua escola. A simples menção de seu nome já deixava todos com um comportamento exemplar em sala de aula.

No comentário sobre a professora, o ex-aluno Iêdo, (03/09/2006), na comunidade Colégio IPEP, refere: “Dona Maria Bronzeado, com aquele vestido comprido de bolso grande aparecendo à palmatória, era um verdadeiro terror em sala de aula”. A ex-aluna Ana Paula (23/08/2008) também expressa na mesma comunidade: “dona Maria Bronzeado, ela me causava pânico, com seus gritos até hoje me lembro dela [...]”. Para a ex-aluna Nailza Cavalcante (01/04/2009), apesar da rigidez com que a professora conduzia seu colégio, ela analisa que a escola devido a esse rigor era muito respeitada, a mesma faz um relato sobre a professora. “[...] quando Maria Bronzeado ia à escola era um terror, mãos de ferro, sapato preto polido, meia branca, calça de tecido e blusa branca, ninguém falava, dava até dor de barriga”. Ou seja, a figura da professora se assemelha a um verdadeiro general na época do regime militar.

Percebe-se nas falas de seus ex-alunos o quanto a ideologia ditatorial estava impregnada no discurso e nas ações da professora. Quando a mesma chegava à sala de aula, todos os alunos ficavam de pé para reverenciá-la, prática comum usada para reverenciar os generais.

A glorificação da professora Maria Bronzeado pelo regime militar é tanta que escreve três páginas e meia exaltando o regime e criticando aqueles contrários a esse modelo de governo. Na opinião da professora antes dos militares assumirem o governo, havia uma verdadeira campanha para que fosse eliminado do currículo escolar o culto ao civismo.

Concluía-se que era um crime contra as novas gerações, ensinar-lhes a amar e respeitar a sua Pátria na base da exaltação das riquezas naturais, das belezas de suas paisagens, dos grandes rios, das florestas da região amazônica e de tudo quanto agigantava na imaginação,[...] Apagando esta chama sagrada no coração dos nossos jovens, começou para a desgraça de todos nós progressivo desaparecimento do culto cívico nas escolas primárias, secundárias e superiores. Governos tolerantes e irresponsáveis deixaram que isso acontecesse! (MACHADO, 1986, p.151).

Sabemos que diversas instituições, grupos e indivíduos eram, de alguma forma, controlados, e até mesmo manipulados, por estratégias arquitetadas pelo regime. Esse ato se manifestava também na área educacional, principalmente, através da disciplina Educação Moral e Cívica, a qual atuava, inclusive, na mente das crianças, inculcando valores tais como: obediência; passividade; ordem; fé; “liberdade com responsabilidade” e patriotismo. Segundo as autoras Nunes e Resende (2001, p. 2):

Estes valores faziam parte dos conteúdos presentes nos livros didáticos de EMC, o que leva a considerar a disciplina como parte da estratégia psicossocial elaborada pelo governo militar, uma vez que atuava nas formas de pensamentos e nas subjetividades individuais com o objetivo de interferir na dinâmica social. Desejava-se moldar comportamentos e convencer os alunos acerca das benesses do regime para que estes contribuíssem com a manutenção do regime.

Com o fim da Ditadura Militar em 1985, a Educação Moral e Cívica permaneceu como disciplina na grade curricular escolar até 1993, quando foi revogada pelo Decreto-lei No. 8.663 de 14 de junho de 1993 (BRASIL, 1993).

Em outra postagem vê-se o entusiasmo e a forte influência ideológica que a professora protagonizava.

Teve uma vez que o presidente Figueiredo esteve em João Pessoa e passaria na Epitácio Pessoa, então dona Maria Bronzeado nos fez ficarmos postados na avenida com bandeirinha do Brasil num sol quente e com sede, ela com a neta Karenina estavam com um bouquet de rosas, só que quando a comitiva passou elas se aproximaram do carro presidencial [...] e num instante os seguranças deram um empurrão nas rosas e elas voaram todas... isso foi em 1979. (Rosane, 05/11/2010, postado na comunidade do *Orkut* Colégio IPEP).

Embora a ação tenha sido frustrada, podemos perceber o apreço da professora pelo representante máximo do sistema ditatorial. Para a mesma o Ensino de Moral e Cívica e o Ensino Religioso eram primordiais na formação do educando.

No poema *Tarefas de Líderes*, a poeta dirige-se aos colegas professores, chamando-os para assumirem a responsabilidade com futuros jovens, trazendo a paixão incontestável pelo magistério. Narra o poder que o professor tem em transformar a juventude, acredita que com o exemplo maior de renúncia e sacrifício, o professor seria capaz de transformá-la. Duas características pessoais podem ser identificadas nesse poema: a religiosidade e o patriotismo.

Cabe a nós professores, certamente  
 Banir e exterminar do coração da nossa juventude  
 As sementes do ódio e da contestação  
 Em suas almas em flor ali plantadas  
 Pelos falsos arautos da maldade  
 Da violência e da subversão...  
 Em lugar, vamos plantar então  
 A fé na Divindade, o amor a deus  
 Que é justo, que é bom e que consola  
 O respeito ao Estado e a Escola  
 E as nossas magnas instituições. (MACHADO, 1980, p.115).

Neste poema, a professora Maria Bronzeado Machado, assume a responsabilidade de modificar o caráter dos alunos, como se eles chegassem a sua escola totalmente pervertidos, sem condutas. Coloca os princípios religiosos como método para inculcar em seus alunos conformismo, obediência, submissão, impostos pela Igreja e Estado, em “respeito” à escola e ao Estado. Utiliza a religião para entorpecer a consciência de seu alunado. Também deixa transparecer seu lado poético e sua forte relação com a natureza.

Sua concepção de educação é convergente com a concepção do regime autoritário. O que a aproxima das mulheres que nos anos 1960 e 1970 defendiam a democracia subordinada ao modelo de poder do regime militar em curso e “preconizavam princípios tradicionais, deixando de lado as críticas correntes contra a organização familiar e as relações desiguais de poder na sociedade em questão, incorporando-se as estratégias de legitimação de determinados conceitos e valores dominantes da época”. (MACHADO, 2006, p.81).

Ainda segundo o autor, as mulheres que participavam de várias entidades femininas no país em favor da democracia

Buscavam imprimir uma rigorosa orientação ideológica de direita ao debate educacional, a fim de que todos os latino-americanos

integrados ao sistema escolar ou universitário fossem educados e moldados às disciplinas de convivência patriótica, sob a justificativa de conter a subversão à ordem estabelecida em todas as esferas da vida nacional. (MACHADO, 2006, p.100/101)

Seu patriotismo foi realçado pelos seus irmãos, tanto ao lembrarem seus ensinamentos, enquanto jovem professora na escolinha rural, quanto ao longo de sua vida exercendo os cargos diversos no setor educacional. É o que nos informa, por exemplo, Luiz Bronzeado: “Ensinou a milhares de jovens, semeou paz, espalhou ternura, distribuiu bondade e *inculcou amor à Pátria em muitos corações*”. (Apud MACHADO, 1980, p.15, grifos nossos).

A Educação Moral e Cívica foi um mecanismo bem articulado pelos dirigentes do governo na busca da formação de uma mentalidade favorável aos caminhos propostos pelos condutores do regime instaurado em 1964.

### 3.4 O MAGISTÉRIO: “VOCAÇÃO E PREDESTINAÇÃO”.

Os textos de Maria Bronzeado Machado revelam aspectos do seu modo de ser professora. Percebe-se uma mulher carregada de princípios cívicos, maternais e religiosos, adquiridos durante sua formação, já que a mesma estudou aproximadamente na segunda década do século XX em colégio religioso, cujos ensinamentos indicavam que a mulher era destinada a ser companheira do homem e mãe dos seres humanos, e seus atributos naturais ligavam-se ao cuidar, velar, conservar, alimentar e promover os mesmos. Foi com essa concepção ideológica de que a profissão exercida pela mulher é um sacerdócio, que a professora Maria Bronzeado adentrou ao magistério. Essa forte influência adquirida durante sua formação é retratada no poema *Prece de uma Mestra*, “inspirado na prosa de Gabriela Mistral”<sup>33</sup>, quando diz:

Alarga meu coração de mãe  
 Para que eu ame aos meus discípulos  
 Como aos meus próprios filhos!  
 Quero vê-los seguindo retos trilhos

---

<sup>33</sup> Gabriela Mistral, pseudônimo de Lucila Godoy Alcayaga, (1889 – 1957), poeta chilena, primeira escritora latino-americana a receber o prêmio Nobel de literatura. Parte de sua obra é marcada principalmente pelo sentimento de frustração por não ter exercido a maternidade.

Na senda do futuro!  
 Faze de cada um, um homem de valor  
 Que cada qual saia das minhas mãos  
 Como um poema  
 Escrito com amor! (MACHADO,1980, p.66).

Incorpora seu lado poético aos princípios da igreja católica, e se auto identifica como: professora = poeta, mãe e artesã que molda seus alunos; alunos = poemas e filhos.

Segundo Araújo (2011), atuar sobre o sujeito humano, ou deixar/fazer com que este atue sobre si, envolve uma mística da identidade docente que “[...] se constituiu por uma causa ou por uma ideia, a de educar o ser humano. Seja o educar uma atuação externa sobre o sujeito, como se estivesse a modelar uma peça de artesanato (tratar-se ia de uma concepção mecânica)”.(2011, p.19). Ainda segundo o autor, a identidade docente se apresenta estruturado em uma atmosfera em que sua atuação confundia-se com um estado de espírito ou com uma ideia, a de que cabia desenvolver as potencialidades contidas no sujeito, seja para contê-las e guiá-las artesanalmente.

Por consequência, a docência despertaria entre as pessoas, na sociedade e entre os alunos respeito, adesão, devotamento, sectarismo. Tais aspectos fechariam a boca ou os olhos, ou fariam calar ante a ação docente, uma tarefa difícil que precisa contar com certas qualidades morais para poder professá-la. Sua identidade estaria dessa forma constituída. (ARAÚJO, 2011, p. 20)

Esse conceito de docência era discutido no final do século XIX, apesar disso, se perpetuou nas práticas de ensino da professora Maria Bronzeado até os finais do século XX, confirmado nos relatos de seus textos e pelas postagens feitas por seus ex-alunos. Suponhamos que sua postura se dava devido a profissão docente que teve origem eclesiástica e está associada à classe de sacerdotes seja pela cultura, bem como pela preparação intelectual.

As pesquisas publicadas em dois volumes “Educação e educadoras do século XX: práticas leituras e representações”, revelam que a maioria das mulheres educadoras, tinham aspectos em comum com a professora pesquisada, o amor pelo magistério, religião católica, formação na Escola Normal, escritoras, também assim como a professora Maria Bronzeado Machado, transmitiam valores cristãos, e “dominavam” seus alunos através de práticas de controle e valores morais conservadores.

A postura de Maria Bronzeado Machado coaduna-se com o que diz Stein, quando retrata as tarefas de caráter feminino representadas segundo os preceitos da igreja.

[...] todas as profissões ligadas a cuidados com pessoas doentes, à educação, à assistência, à compreensão empática do outro, portanto, à profissão da médica e da enfermeira, da professora e da educadora, da empregada doméstica, as modernas profissionais sociais, na ciência, às atividades ligadas à vida pessoal e concreta, isto é, às ciências humanas, e ao trabalho de caráter auxiliar, de serviço [...]. (1999, p.62).

Ainda segundo essa autora, a inserção das mulheres nos diversos setores profissionais pode vir a ser um benefício para toda a vida social, tanto particular quanto pública, desde que se resguarde justamente o aspecto específico da ética feminina. E novamente é o exemplo da mãe de Deus que nos pode mostrar o caminho certo.

No poema “Predestinação”, a professora inicia afirmando que desde a infância ouvia o chamado divino para que exercesse o magistério e embora tenha percorrido diversos caminhos, constata, ao final, que essa é a sua vocação. Essa posição parece eliminar a vontade própria ou a possibilidade de uma escolha, ou ainda o exercício da profissão como algo que resulta de um processo de formação. Revela-se aí também a sua formação cristã.

Depois de tanto procurar em vão  
Retrocedi para dentro de mim mesma  
E Tu estavas lá, Senhor, tão solitário  
No santuário do meu coração  
Pulsando  
Sorrindo  
Vivendo  
Chamando  
Dirigindo os meus passos  
Orientando os meus atos  
Guiando o meu trabalho em certa Direção

E só assim, compreendi, então  
Que estavas me indicando  
A minha vocação.  
Como se eu fosse o ferro - a Escola o imam  
E o Magistério - a Predestinação! (MACHADO, 1980, p.87).

Ser professora é ter o dom divino, nascer predestinada com vocação para exercer o magistério, segundo as palavras da professora.

Para as autoras Dermatini e Antunes (2002, p.75), “As chamadas diferenças “naturais” entre os sexos, somadas ao conceito de vocação, foram incorporadas ao discurso

sobre a importância do trabalho feminino, que se associou ao discurso dominante sobre o não-trabalho da mulher”.

No texto de Maria Bronzeado, o caráter vocacional é fortemente assinalado e aproximado a um chamado divino, o que remete também aos primeiros mestres, homens, religiosos.

Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam quem, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividade requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. (BRUSCHINI E AMADO, 1988, apud DERMATINI e ANTUNES 2002, p.75).

No poema “Onde estão os outros?”, a professora Maria Bronzeado lamenta a falta de consideração por uma profissão que exige tanto sacrifício, anos de dedicação e preocupação com a formação dos alunos, dando o melhor de si, e nem mesmo os alunos a quem ajudou na formação manifestaram gratidão. Podemos perceber nesse texto que o sentimento de abnegação total e doação é relativizado pela necessidade de reconhecimento de seu trabalho, ou pelo menos de gratidão. Inicia o poema fazendo a associação do exercício do magistério com o chamado divino e vai discorrendo sobre as atribuições e dificuldades que caracterizam a profissão, como: “Responsabilidades. Trabalhos estafantes/ Críticas injustas/ Indiferenças/ Incompreensões,/ Maledicências” (MACHADO, 1980, p.77). No final do poema, faz uma analogia entre Jesus Cristo e a figura do (a) professor (a), expressando um sentimento de abandono por parte daqueles a quem se dedicou.

E agora eu te pergunto  
 Como Jesus perguntou amargurado um dia  
 Quando nas estradas sem fim da Galiléia  
 Curou dez doentes incuráveis...  
 E só um voltou para lhe agradecer:  
 - Só Tu, estrangeiro da Samaria,  
 Só Tu, trouxeste os agradecimentos:  
 Aonde estão os outros nove,  
 A quem também curei  
 E aliviei  
 Das suas dores e seus sofrimentos?

Também como o doce Rabi da Galiléia  
 Eu faço a ti a mesma indagação.

Que muito me entristece e me comove:  
- Dos dez mil ou mais a quem me dediquei  
Só tu, estrangeiro, voltaste para agradecer?  
Aonde estão os outros,  
Nove mil, novecentos e noventa e nove? (MACHADO, 1980, p.80).

A professora se identifica como o Cristo retratado numa passagem bíblica, como o que cura, alivia, se dedica e mesmo assim foi ignorado; os alunos são igualados aos cristãos ingratos.

Já no artigo “Ensinar”, a professora Maria Bronzeado Machado muda sua postura e manifesta indignação quanto à desvalorização do magistério por parte do Governo e dos Legisladores que exigem uma postura abnegada por parte dos mestres, comprometida com o futuro da Pátria, otimista e imparcial, mas desconsideram as necessidades vitais destes como o reconhecimento profissional, um salário digno que permita acesso aos meios de consolidação de sua cultura, vestimentas adequadas para comparecer às aulas, boa alimentação, e condições para oferecer uma educação de qualidade e conforto aos filhos. Sendo assim, Maria Bronzeado Machado declara:

Conta o nosso Magistério público e particular, com centenas de abnegados mestres que reúnem em si todos os requisitos do educador ideal. Vivem, no entanto, em segundo plano, humilhados, maltrapilhos e famintos pelo salário de fome que recebem. Se o mestre é indiscutivelmente elemento de real valor na formação de personalidades e portanto um artífice da grandeza da Pátria, por que negar-lhe aquilo que lhe é indispensável ao menos para viver decentemente e apresentar-se de cabeça erguida na sociedade? A própria Lei Orgânica do ensino exige que o professor se apresente às aulas decentemente vestido. Mas não se lembrou o legislativo que roupas decentes custam muito dinheiro. (1980, p. 133).

Para a professora Maria Bronzeado, o (a) professor (a) é um abnegado (a), ou seja, desprendido (a) de interesses, mas, ao mesmo tempo necessita de recursos e reconhecimento por parte do Estado. Cita a Lei Orgânica do Ensino, que no Capítulo IV, Art. 34, dispõe: “O magistério primário só pode ser exercido por brasileiros, maiores de dezoito anos, em boas condições de saúde física e mental, e que hajam recebido preparação conveniente, em cursos apropriados, [...]”(BRASIL, p.252). Afirmando as exigências do Estado para com o corpo docente, essa argumentação pode apontar para indícios de que o Estado não estaria cumprindo sua parte.

Para Ghiraldelli (2008), as chamadas “Leis” Orgânicas do Ensino se constituem, na verdade, num conjunto de *Decretos-Lei* elaborados por uma comissão de “notáveis”, presidida

por Gustavo Capanema e outorgados pelos presidentes Getúlio Vargas durante o Estado Novo e José Linhares durante o governo provisório. Tiveram como objetivos, reformar e padronizar todo o sistema nacional de educação, com vistas a adequá-lo à nova ordem econômica e social que se configurava no Brasil naquela época (expansão do setor terciário urbano, constituição de uma classe média, do proletariado e da burguesia industrial, resultante da intensificação do capitalismo no país). Em seu conjunto, também ficaram conhecidas como *Reforma Capanema*.

No texto da professora Maria Bronzeado, à imagem do (a) professor (a) como alguém que recebeu um desígnio divino e por isso caracterizado pela abnegação e doação absolutas é contraposta a de um profissional, de carne e osso, com necessidades básicas, reais que dependem de um salário digno para serem satisfeitas.

Ainda nesse texto, Maria Bronzeado faz vários questionamentos construídos por oposição: de um lado os atributos que deveriam compor o perfil de um educador, de outro os aspectos que de fato estão no exercício da profissão e tornam inviável a presença desses atributos. Vejamos: “Em ligeira análise, vejamos se o Magistério paraibano pode cultivar estes belos e indispensáveis atributos. Pode ser alegre e otimista quem tem a roupa em farrapos e o estômago vazio?” (sic). (MACHADO, 1980, p.188).

Mas os resquícios de sua postura inicial continuam: “[...] A sua missão é mais espiritual, mais humana e mais sublime, digna, portanto, de melhores recompensas”. (p.134). A comparação se faz com outras profissões que não têm prestígio social com as de condutor de ônibus e varredor de rua. A professora justifica a necessidade de valorização da profissão docente, agrupando a isso a questão salarial como algo determinante a própria subsistência, e também como reconhecimento por um ofício que a mesma considera investida de um valor “sublime” e “espiritual”. (VILLAR, 2011).

Verificamos no decorrer deste capítulo que as vivências experienciadas pelos ex-alunos ipepianos na escola deixaram marcas não só do corpo docente, mas de um contexto como um todo, desde as brincadeiras, passeios, aulas, tudo o que aconteceu no espaço do IPEP tem um sentido para os mesmos. Ao revisitarem as imagens do passado por meio da memória, buscam nesse passado os fatos mais significativos das suas vivências. Nesse sentido, o que nos inquieta hoje, no presente, faz com que a viagem ao passado seja essencial, fazendo emergir fatos da nossa história, da nossa vida ou da vida do outro. Nas memórias dos alunos vão surgindo pessoas, lugares e experiências, que se não fosse com o auxílio das fontes e com a abordagem biográfica que norteia este estudo não seria possível conhecer.

Na memória presente nos textos da professora Maria Bronzeado e nas postagens feitas pelos ex-alunos fica evidenciada a sua concepção de educação e docência, enquanto educadora, mulher e escritora; também identifica-se que sua prática de ensino centrou-se na Educação Tradicional, embora em relatos de seus ex-alunos apareçam elementos da Escola Nova<sup>34</sup>, acontecida dentro do IPEP.

---

<sup>34</sup> No ápice da discussão da Escola Nova no Brasil, a mesma era vista como antídoto ao tradicionalismo, a solução para a educação no Brasil, que precisava atender as demandas sociais por um homem novo e apto a contribuir com o crescimento do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer e analisar a história de vida de uma professora, por meio da leitura de seus escritos e memórias referentes à sua atuação no magistério, foi de significativa importância para mim enquanto mulher, com formação na área da educação. Com o desejo de contribuir para a história das mulheres e a história da educação, particularmente na Paraíba, me propus a realizar esta pesquisa, a fim de identificar a concepção de educação e docência da professora e poeta Maria Bronzeado Machado.

A abordagem biográfica foi a orientação que permitiu trilhar os caminhos no processo da pesquisa. Esta é uma abordagem que coloca o “sujeito no centro da investigação, com a convicção de que a singularidade de uma vida pode fornecer mais dados que a generalidade de muitas” Couceiro, 1997(Apud DIAS e ENGERS, 2005, p.510). Parti desse contexto que história da professora Maria Bronzeado Machado traz junto sua concepção de educação e de docência, e apresenta reflexão e posicionamento a cada acontecimento histórico sobre o qual a mesma se debruçou, possibilitando-nos a entender a sociedade no tempo vivido do sujeito.

As fontes utilizadas nesta pesquisa, como o Jornal “A União”, o livro Flôres do Caminho, textos publicados na internet por seus ex-alunos, atas e o regimento do Instituto Eptácio Pessoa, foram primordiais para conclusão deste estudo. Em especial os textos publicados na internet, que ainda são pouco utilizados como fonte de pesquisa acadêmica. Evidencio o quanto é significativo para construir uma história, pois se não fossem as memórias dos ex-alunos publicadas nas redes sociais, não seria possível preencher algumas lacunas da história da professora evidenciada neste estudo.

Os relatos dos ex-alunos ipepianos expõem que as representações feitas acerca da professora em estudo, de suas práticas de ensinos e de suas vivências dentro e fora do IPEP, condiz com a forma como a educadora se representa em seus escritos, em notícias difundidas pelo jornal A União, na época vivenciada pelos mesmos, e nos documentos referentes ao IPEP.

A análise das fontes revelou que a educação para a professora Maria Bronzeado Machado estava diretamente ligada ao civismo e à religião. Em seus escritos, Maria Bronzeado Machado expõe seu amor do magistério e a forte influência adquirida durante sua formação, a do Ensino Cívico e Religioso, cultivados durante toda a sua atuação como

professora e diretora, considerando-os como os fatores mais valiosos na formação do educando.

Para a professora, a educação religiosa seria o meio para livrar seus alunos dos caminhos errantes, seria a salvação para os problemas da humanidade, um mundo “perfeito” sem maldade. Assim como a educação religiosa, a educação moral e cívica moldaria seu alunado, para que os mesmos fossem disciplinados, e neles inculcados valores como: obediência, passividade, ordem, fé, “liberdade com responsabilidade” e patriotismo. Segundo a professora, esse tipo de ensino traria ordem para as escolas, a educação cívica faria com que seus alunos aprendessem amar e respeitar sua pátria. Através dessa prática de ensino, Maria Bronzeado Machado acreditava que modificaria o caráter do aluno.

Pelos relatos dos ex-alunos ipepianos e pela análise dos textos da e/ou referentes à educadora, a mesma é representada como autoritária, rigorosa, a aquela que impunha “respeito” (“medo”), devotada à religião católica e ao regime militar. Para alguns alunos, é lembrada pelo rigor com que ensinava; para outros a sua importância é enaltecida, como é o caso do médico paraibano Janduí de Souza Moreira, radicado em Guarujá/SP, que ao receber o título de cidadão guarujaense, relembra a influência de sua professora primária em sua formação: “Durante toda a minha vida, sempre me esforcei para estar um pouco acima da média em tudo e usando sempre o bom senso, a lealdade e a fidelidade para com as pessoas, como me ensinou a minha professora de primário, a dona Maria Bronzeado Machado”. (MOREIRA, 2000, p. 2).

Para Maria Bronzeado, a docência é expansão da maternidade, ser docente é ser um(a) abnegado (a), ou seja, não age por recompensa; é desprendido (a) de qualquer interesse, renunciando suas próprias vontades em função de seus alunos; é ter o dom divino, nascer predestinada com vocação para exercer o magistério. Essa é a representação que prevalece nos escritos da professora, embora em alguns momentos seja possível localizar em seus escritos a cobrança de reconhecimento por parte do governo e de seus alunos, contrastando com seu conceito de ser docente. O/A professor (a) deve ser um artesão que molda seus alunos, um formador de personalidade.

As fontes evidenciam que as práticas de ensino da professora Maria Bronzeado Machado e as desenvolvidas no IPEP apresentam aspectos da escola dita tradicional, mesmo sua escola incorporando elementos didático-pedagógicos da educação proposta pela Escola Nova. Prevalecia o método tradicional. Como exemplo do tradicionalismo podem ser citados: a autoridade máxima do/a professor/a, a memorização através da repetição, o foco na transmissão de conhecimento, a escola centrada numa formação moral e intelectual,

hierarquizada com normas rígidas de disciplina. Da Escola Nova encontramos algumas práticas como cantos, exercícios ginásticos; assim como elementos que faziam parte dessa corrente, como aparelhar laboratórios e bibliotecas.

Comprova-se a significância da abordagem biográfica para conhecer um contexto de uma época, pois através da história da educadora e poeta Maria Bronzeado Machado, fica evidenciado o modelo de educação em voga e os resquícios de uma educação que já se dava como ultrapassada, mas continuava em sua prática de ensino. Sua instituição de ensino apresenta como certa singularidade os excessos de rigor com que mantinha seu alunado, a qual, na maioria das vezes, é lembrada pelo método rígido e disciplinar que utilizava.

Esta pesquisa proporcionou-me uma possibilidade de perceber e compreender a personagem principal em seus lugares social. Olhar as práticas de ensino da professora evidenciada nesta pesquisa permite ressignificar os lugares e espaços vividos pelos professores em diferentes épocas. A partir disso, acredito que olhar os saberes cotidianos dos docentes, neste caso da professora Maria Bronzeado Machado, ajuda-nos numa ressignificação de nossos próprios saberes e práticas profissionais.

Por fim, como uma pesquisa não se completa, espero que as discussões empreendidas neste estudo contribuam para futuras pesquisas, uma vez que a natureza desta investigação provocou o surgimento de questões pouco exploradas, mas que poderão ser relativamente explanadas em futuros trabalhos. Como exemplo, sobre o que a professora escrevia nas revistas e jornais além do jornal A União? Quais as práticas desenvolvidas no IPEP?, etc.

“Reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu ou teve importância no passado”. (SCOTT, 1992, p.77).

No entanto, como nos alerta Scott, muito mais do que reconhecer que existe uma história das mulheres e que esta tem suas próprias especificidades, é necessário avançar ao encontro de uma atitude que, mais do que mera denunciadora, possibilite a real transformação no estatuto da vida das mulheres.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, José Carlos S. Profissão e docência segundo Herbert Spencer (1820-1903): do sacerdócio à laicidade. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A mística da identidade docente: tradição, missão e profissionalização**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011, p. 19-38.

ALMEIDA, Jane Soares de. Magistério Primário em Portugal: conquista feminina no início do século XX. **Cad.pesq.** Nº 102, p. 65-88, Nov. 1997. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/233.pdf>. Acesso de 23 de outubro de 2015.

ARAÚJO, José Carlos Souza. A imprensa, co-participe da educação do homem. In: **Revista Cadernos de História da Educação**. v. 1, n.1, p. 59-62, jan/dez. 2002. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/viewFile/307/294>. Acessado em 10/10/2015.

ASSIS, Luís André Oliveira de. **Rupturas e Permanências na História da Educação Brasileira: Do regime militar à LDB/96**. Disponível em <https://curriculohistoria.files.wordpress.com/2009/09/clara.pdf>. Acessado em 08 de junho de 2012.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Amada pátria idolatrada: um estudo da obra Porque me ufano do meu país, de Affonso Celso (1900)**. Educar, Curitiba, n. 20, p. 245-260. 2002. Editora UFPR. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/er/n20/n20a18.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2015.

BENCOSTTA, Marcos Levy Albino. História da educação e cultura escolar: representações e imagens das festas escolares. In: VIDAL, Diana Gonçalves, SCHWARTZ, Maria Cleonara, et al. (orgs.) **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória- ES: EDUFES, 2010, p.247-268.

BENCOSTTA, Marcus Levy. **Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (19031971)**. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/034.pdf>. Acesso em 09 de março de 2015.

BERNARDO, Ana Maria Coutinho. **Literatura e memória: resgate das escritoras paraibanas do início do século XX**. Disponível em [http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo\\_ana\\_coutinho.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_ana_coutinho.htm). Acesso em 19 de 01 de 2015.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 203-233.

BÍBLIA. A. T. I Coríntios. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011, p.1247.

BUENO, et. al.. Memória e autobiografia: Formação de mulheres e formação de professoras. Revista Brasileira de Educação. Faculdade de Educação USP, São Paulo, 1996. Nº 2. Disponível: [http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE02/RBDE02\\_07\\_CYNTHIA\\_DENICE\\_MARIA\\_E\\_BELMIRA.pdf](http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE02/RBDE02_07_CYNTHIA_DENICE_MARIA_E_BELMIRA.pdf) Acesso em 05 de setembro de 2015.

**BRASIL. Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/De10869.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10869.htm). Acesso em 14 de maio de 2015.

**BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira**, de Nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm) LDBN 71 acessado em 12 de maio de 2015.

**BRASIL, Decreto-lei No. 8.663 de 14 de junho de 1993.** Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/DefaultDocumento.action?id=137838> acessado em 12 de outubro de 2015.

BRASIL, Lei Orgânica do Ensino Primário Decreto-Lei n.8.529 de 2 de janeiro de 1946. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 34, n. 20, p. 244-255, jan./abr.2009. Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3951/3218>. Acesso em 02 de agosto de 2015.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 2ª edição revista e ampliada.

CARDIOU, François, [et. Al.]. **Como se faz a história:** historiografia, método e pesquisa. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. P.187-205.

CARDOSO, Frederico Assis, AMORIM Marina Alves. **A História a um clique:** as tecnologias da informação e da comunicação, os documentos em suporte não convencionais e o ensino de História. [2011] disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2028/4135>. Acesso em 28 de junho de 2015,

CASADEI, Eliza Bachega. **A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa:** primeiras experiências do final do século XIX. In: Revista Altejor, v. 3, n.1,2011. Disponível: <http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/viewArticle/aj3-d3>. Acesso em: 10 mar. 2014.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto - São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **A história cultural entre práticas e representações;** Tradução de Maria Manuela Galhardo. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1990.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras:** (1711-2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Disponível [http://books.google.com.br/books?id=hn8f\\_Vs-mZAC&pg=PA412&lpg=PA412&dq=familia+bronzado+em+remigio&source=bl&ots=tQrrVlhQV6&sig=ihLqq8xC6HIm6BYtbLtQVBZ-GoE&hl=pt-BR&sa=X&ei=\\_u27T7TONY-u8ASm\\_ZDFCg&ved=0CFYQ6AEwBjge#v=onepage&q=familia%20bronzado%20em%20](http://books.google.com.br/books?id=hn8f_Vs-mZAC&pg=PA412&lpg=PA412&dq=familia+bronzado+em+remigio&source=bl&ots=tQrrVlhQV6&sig=ihLqq8xC6HIm6BYtbLtQVBZ-GoE&hl=pt-BR&sa=X&ei=_u27T7TONY-u8ASm_ZDFCg&ved=0CFYQ6AEwBjge#v=onepage&q=familia%20bronzado%20em%20)

[remigio&f=false](#)>. Acesso em 19 de maio de 2012.

COSTA, Suely Gomes. Gêneros, biografia e história. **Revista Gênero**, v. 3, n. 2, 2003.p.7-20. <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/264/183>. Acesso em 19 de fevereiro de 2014.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação escolar como concessão. *Em Aberto*, Brasília, n. 50/51, abr./set. 1992.

DELORY-MOMBERGER, Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acessado em 26/09/2014.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DERMATINI, Zeila de Brito F. e ANTUNES, Fátima Ferreira Antunes. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. In. CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. (Orgs). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.p.69-93.

DIAS, Cleuza Maria Sobral, [et al]. Tempos e memórias de professoras – alfabetizadoras. **Educação**, Porto Alegre – RS, ano XXVIII, n. 3, p. 505 – 523, Set./Dez. 2005. Disponível em <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1344/Tempos%20e%20Mem%C3%B3rias%20de%20Professoras-Alfabetizadoras.pdf?sequence=1> acesso em 02 de janeiro de 2016.

DICKIE, Maria Amélia Schimit, **O Ensino Religioso no Brasil**. 2008. Disponível em <[http://www.nigs.ufsc.br/ensinoreligioso/docs/mesas/ER\\_no\\_Brasil\\_Maria\\_Amelia.pdf](http://www.nigs.ufsc.br/ensinoreligioso/docs/mesas/ER_no_Brasil_Maria_Amelia.pdf)> Acesso em 01 de junho de 2015.

DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância. **Revista de Estudos da Religião** setembro de 2009. P. 45-70. Disponível em [www.pucsp.br/rever/rv3\\_2009/t\\_domingos.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf). Acesso em 26 de junho 2015.

FREIRE, Carmem Coelho de Miranda. **História da Paraíba: para uso didático**. 2. ed. João Pessoa - PB: A União Cia Editora , 1978.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p.151-172, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext). Acesso: 15 de outubro de 2010.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GHIRALDELLI, Júnior Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: 3 ed.Cortez, 2008.

I Coríntios. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011. p.1246-1247.

JUNQUEIRA, Sérgio; WAGNER, Raul. (Orgs). **O Ensino Religioso no Brasil**. 2. Ed.rev. e ampl. - Curitiba: Champagnat, 2011. (Coleção Educação: Religião; 5).<Disponível em <http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&client=psyab&q=JUNQUEIRA%2C++O+Ensino+Religioso+no+Brasil>.> Acesso em 23 /05/2012.

LOURO, Guacira, Lopes. Gênero e Magistério: Identidade, História e Representação. In: CATANI, Denice Bárbara (Org.). **Docência, Memória e Gênero**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

LE GOFF. Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.].Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF. Jacques. A história Nova. In. Fernando A. Novais, [et al]. (orgs.) **Nova história em perspectiva**. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, revista feminina: a imprensa feminina no Brasil. **Projeto História**, número 35, São Paulo, 2007.p.221-240.

LOMBARDI, Claudinei José. As novas Tecnologias e a Pesquisa em História da Educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 124-147.

LUCA, de Tânia Regina. Fontes Impressas- História dos, e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111 - 154.

MACHADO, Charliton José dos Santos Machado. **Mulher e Educação: histórias, práticas e representações**. João Pessoa: UFPB, 2006.

MOREIRA, Janduí de Souza. Discurso de Agradecimento. In. **Guarujá e Vicente de Carvalho**, Nov. 2000. Disponível em < [http://www.guaruja1.hpg.ig.com.br/person\\_pl.htm](http://www.guaruja1.hpg.ig.com.br/person_pl.htm)> Acesso em 30 de junho 2010.

MUNIZ, Tamiris Alves. **A Disciplina Ensino Religioso no Currículo Escolar Brasileiro: institucionalização e permanências**. Dissertação de Mestrado em Educação/ UFG. Goiás/CampusCatalão,2014.[https://mestrado\\_educacao.catalao.ufg.br/up/549/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Tamiris\\_pdf.pdf](https://mestrado_educacao.catalao.ufg.br/up/549/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Tamiris_pdf.pdf). Acesso em 26 de junho de 2015.

NORA, Pierre. “Entre memórias e Histórias: a problemática dos lugares”. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NÓVOA, António. “A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português.” In: BASTOS, Maria Helena Câmara. CATANI, Denise Barbara. (Orgs.) **Educação em revista: a imprensa e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.11-31.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Do silêncio à memória: revelando a história das mulheres que nomeiam escolas (1970 a 2000)**. Projeto vinculado ao grupo de pesquisa (CNPq) Grupo de Estudo e Pesquisas História da Educação da Paraíba. 2011-2012. UFPB.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. Representação de escola e educação nos romances São Bernardo e Vidas secas. MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). **Gênero e práticas**

**culturais:** história, educação e literatura. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009, p. 103-116.

NUNES, Nataly e REZENDE Maria José de. **O Ensino da Educação Moral e Cívica durante a ditadura militar.** Disponível em <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/natalynunes.pdf>. acesso em abril de 2015.

ONGHERO, André Luiz. **O Ensino de Educação Moral e Cívica:** memórias de professores do Oeste de Santa Catarina (1969-1993).p.107-117.disponível em <[http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/Horizontes\\_26\\_1\\_10\[10992\].pdf](http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/Horizontes_26_1_10[10992].pdf)> Acesso em 22 de maio de 2012.

PEREIRA, Joacil de Britto. **Mulheres e símbolos.** João Pessoa: Editora Universitária /UFBB, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.**Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PILLETI, Nelson. **História da Educação no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1990.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados.** São Paulo: Contexto, 2014.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: LOPES, Zélia (Org.). **A história em debate.** São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

ROSA, Juliano de Melo. **As vozes de um mesmo tempo:** a educação física institucionalizada no período da Ditadura Militar em Cacequi. Dissertação de Mestrado em Educação/UFSM. Santa Maria: UFSM, 2006. Disponível em: [http://cascavel.ufsm.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=85](http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=85). Acesso em 25 de outubro de 2015.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes. 1984. 267p.

SAFELINCE, José Luis. História das Instituições Escolares. In. NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. et al. (Orgs.) **Instituições Escolares no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados Ltda. 2007,p.72-94.

SANTOS, Erinalva Lopes; NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Higiene Escolar na Parahyba do Norte (1921-1922).** Texto apresentado como comunicação oral no III Encontro Norte e Nordeste de História da Educação & X Colóquio de História da Educação na Bahia. Salvador/BA, março de 2010. (Texto não publicado).

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In. BURKER, Peter. Tradução de Magda Lopes. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. Disponível em <http://portalconservador.com/livros/Peter-Burke-A-Escrita-da-Historia.pdf>. Acesso em 23 de setembro de 2015.

SOARES, Renato Viana. A educação na Constituição de 1988. **Tese de Doutorado**: Vitória, UFES, 1990. P. 1-10.

SOUZA, Rita de Cássia de. Da punição à disciplina: grupos escolares de Belo Horizonte. In: VIDAL, Diana Gonçalves, SCHWARTZ, Maria Cleonara, et al. (orgs.) **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória- ES: EDUFES, 2010, p.197-222.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. Novas perspectivas para o Ensino Religioso: A Educação para a convivência e a paz. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.1, p.25-49, jan./jun.2013. <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/3207/2910>. Acesso em 19/05/15.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. História, memória e história da educação. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**, v. III, Século XX, Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

TEIXEIRA, Maria Lúcia Aguiar. **A escola como lugar de memória**. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428380432\\_ARQUIVO\\_AESCOLA\\_COMOLUGARDEMEMORIA-MariaLucia.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428380432_ARQUIVO_AESCOLA_COMOLUGARDEMEMORIA-MariaLucia.pdf). Acesso em 26 de novembro de 2015.

VILAR, Adriana Marcineiro, [et al]. Maria Bronzeado Machado (1916-1986): O Magistério como predestinação. In: MACHADO, Charliton José dos Santos Machado; NUNES, Maria Lúcia da Silva. (Orgs.) **Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX**: prática, leituras e representações. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. Vol. 2. P.33-51.

WORCMAN, Karen. Narrativas digitais: eu, nós e quem mais? A relação entre histórias de vida e museus digitais. OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do; WORCMAN, Karen (orgs.). **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba, PR: CRV, 2014, p. 145-155.

## FONTES

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=503607&tid=5335326293421319788&na=3&nst=11&nid=503607-5335326293421319788-5535955765565770093>> acesso em 09 de novembro de 2011.

Colégio IPEP-anos 70 disponível em <https://www.facebook.com/groups/274202085986670/>. Comunidades Colégio IPEP e comunidade Banda do IPEP disponíveis no site Acesso em 02 de 01 de 2014.

MACHADO, Maria Bronzeado. **Flôres do Caminho**. João Pessoa - PB: A União Cia Editora, 1980.

Documentário sobre a vida de Luiz da Costa Araújo Bronzeado. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZfAB5cBMRyU>. Acessado em 16 de outubro de 2015.

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. Unidade II. **Ata final do pré- primário a 4ª série do 1º grau do ano 1967 a 1969.**

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. Unidade I **Ata final do 2º grau do ano 1978 a 1981.**

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. Unidade I. **Ata final da 5ª série a 7ª série do 1º grau do ano 1986.**

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. Unidade II. **Ata final do pré- primário a 4ª série do 1º grau do ano 1989 a 1991.**

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. Unidade II. **Ata final do pré- primário a 4ª série do 1º grau do ano 1992 a 1994.**

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. Unidade II. **Ata final do pré- primário a 4ª série do 1º grau do ano 1995 a 1997.**

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. Unidade II. **Ata final do pré- primário a 4ª série do 1º grau do ano 1998 a 2001.**

Instituto Presidente Epitácio Pessoa. **Regimento**. João Pessoa/PB. 26 de dezembro de 1972, p. 01-59.

PARAÍBA, Estado da. **Jornal A União**, 17/10/1957.

\_\_\_\_\_, 24/10/1954.

\_\_\_\_\_, 14/05/1957.

\_\_\_\_\_, 24/10/1958.

\_\_\_\_\_, 13/11/1958.

\_\_\_\_\_, 30/12/1950.

\_\_\_\_\_, 28/11/1958.

\_\_\_\_\_, 07/12/1958.

\_\_\_\_\_, 29/04/1961.

\_\_\_\_\_, 16/10/1963.

\_\_\_\_\_, 19/10/1963.

\_\_\_\_\_, 15/01/1964.